

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul

I e II TRIMESTRE

ANNO IV

PORTO ALEGRE - 1924

COMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Arthur Candal - Eduardo Duarte
E. F. Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 32A

1924

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul

I e II TRIMESTRE

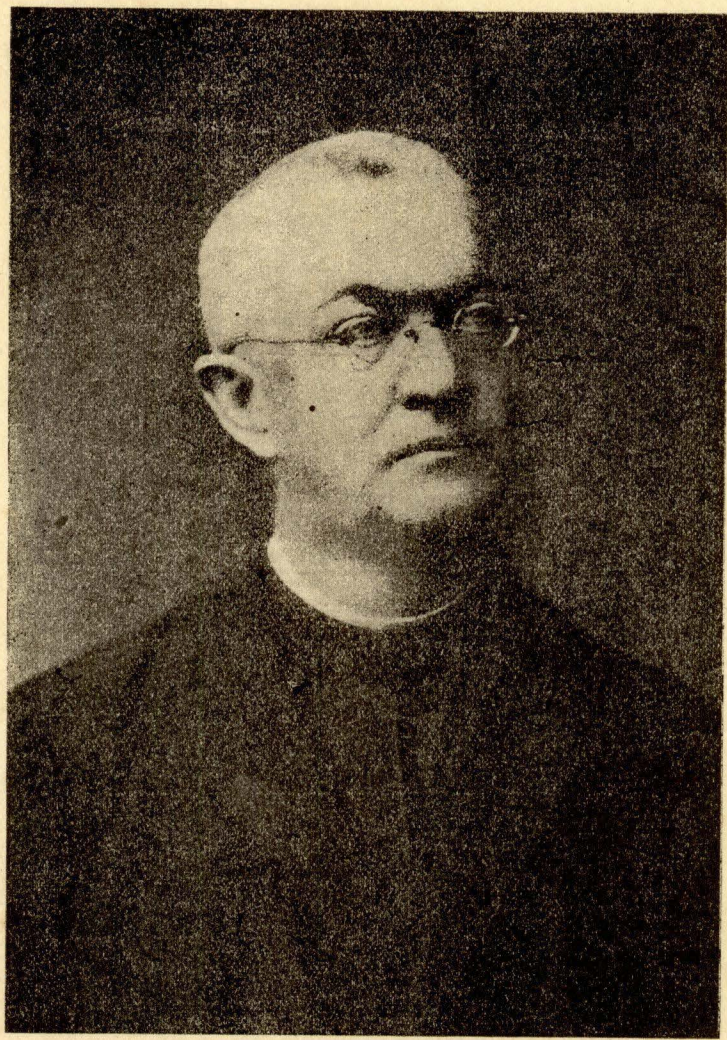
ANNO IV

PORTO ALEGRE - 1924

COMISSÃO DE REDACÇÃO: Adroaldo Mesquita da Costa Arthur Candal - Eduardo Duarte E. F. Souza Dorea
--

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 32A

1924



Rev.º P.º J. Baptista Hafkemeyer S. J.

Socio fundador do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul e correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e dos Institutos Historicos de São Paulo, Pernambuco e Ceará.

UM GRANDE MORTO

Com a visão de philosopho e o espirito arguto de analysta, sobre a nossa historia, com o intuito de a conduzir em seu verdadeiro caminho, espurgada das deformidades das polyanthéas escriptas para glorificações immediatas a successos discutíveis, e das preocupações demasiado objectivas da chronologia, pouco se escreve, em nosso caro Rio Grande, e, peza-nos dizel-o, em quasi todo o territorio brasileiro.

Quem, contrariando a inercia intellectual do nosso meio, neste prisma do pensamento, pretender reagir para metter hombros a uma obra pessoal e um tanto afastada da corrente geral, terá, antes de tudo, que se forrar dos preconceitos dominantes em materia de mal comprehendido patriotismo e de se collocar em posição pouco invejavel em relação ao bafejo dos favores da opinião.

O historiador está peado. Deve-se ater ao consenso das auctoridades que o precederam. Sua visão não póde abranger outro campo. Suas perspectivas estão adstrictas aos horizontes que outros olhos anteriormente delimitaram. Nada mais, nada menos.

E' indispensavel que, no silencio de seu gabinete, em meio das meditações impostas pelos factos ainda desordenados, de uma historia por fazer, não queira arriscar-se á construcção de um mundo seu, não tente a modificação de conceitos e a revisão de julgamentos, que se encontram aqui e alli na dispersão dos annuarios e nos poucos volumes sem feição definitiva, que já formam valiosa contribuição em honra do nosso glorioso passado.

Si o estudioso reage e acceita de boa vontade essa empreitada á Hercules, póde lograr seu objectivo; mas lhe não faltarão por certo as amarguras que nunca deixam de coroar as originalidades que se não comprehendem. Os mais felizes são precisamente os esquecidos.

Talvez o Padre Hafkemeyer participasse da dupla gloria do martyrio da notoriedade odiosa e do esquecimento ingrato. Ha seis annos passados, numa era, precisamente, em que um vento de demencia soprava rijamente sobre o mundo, o seu nome veio aqui á baila num incidente de ruidosa estupidez, provocado pelos que não tinham olhos para vêr, nem coração para sentir o que havia de sincero e nobre na obra a que se propunha esse reconstructor infatigavel do nosso passado, esse evocador de grandezas memoraveis, que permaneciam talvez, na sua maior parte, inteiramente extranhas ao fanatismo superficial dos que reduzem a historia a uma misera louvaminha de fetiches.

O Padre Hafkemeyer explicava em aula uma phase da Revolução de 1835, pondo em relevo um acontecimento que interessava de perto á acção de Garibaldi. Foi quanto bastou para que, inteiramente deturpadas pela malevolencia facil, suas palavras na cathedra, accendessem contra elle, em desvairamento ingrato, as coleras das ruas.

O exegeta paciente dos velhos documentos do Rio Grande, desde o primeiro dia da colonização, passou a ser um inimigo da nossa patria. Não dando uma interpretação lisonjeira a um episodio de 35, servia elle muito mal á causa dos alliados europeus, que em face da guerra dos farrapos deviam estar, na sua totalidade, no mesmo jejum de conhecimento e de interesse em que nos encontramos ainda nós em relação aos lances pouco complicados da politica egoista da humanidade contemporanea. A verdade sobre uma personagem historica punha em risco a sorte dos alliados em presença da do germanismo armado que ameaçava a Europa e que podia transpôr o Atlantico para bombardear Porto Alegre do hospital allemão, da espessura de cujas paredes já se desconfiava.

Ninguém se lembrava então do muito que em proveito da nossa terra levava a effeito esse jesuita calumniado, que, não obstante o rugir da tempestade do odio, trabalhava e trabalhava sempre sem outra preocupação que não fosse a da reconstituição da historia aos clarões da luz da verdade, que nunca fazem mal aos justos, nem entibiam os corajosos.

Redobrava-se o seu esforço na poeira que levantava o turbilhão da grita injusta. Sua actividade não tinha limites, tornára-se febril. Ameudára as suas visitas aos archivos do Estado e, quando já nada mais lhe restava a lêr aqui, foi bater ás portas das bibliothecas e dos archivos estrangeiros numa sêde que não se estancava de informações novas e

seguras para a sua obra cyclopica, para o seu monumento em homenagem sentida ás tradições, aos brilhos e á grandeza futura dessa raça de que pouco antes haviam-n'o declarado inimigo pela suspicacia idiota que nunca mergulha no fundo das cousas.

Accumulou assim os formidaveis elementos para a explicação exacta da nossa vida social, na sua evolução de mais de um seculo. Metteu mãos á obra, sem preterição, porém, dos seus deveres de mestre da mocidade e de exemplarissimo sacerdote catholico.

E' justamente nessa phase que presta elle os melhores serviços ao nosso Instituto, para cuja fundação tanto cooperou, elaborando trabalhos esparsos publicados nesta Revista e consagrando-lhe parte preciosissima de seu tempo, que parecia chronometricamente distribuido entre a historia do Rio Grande do Sul e a educação de sua gente.

Surprehendeu-o a morte em plena actividade, ainda em inicio de uma tarefa que a posteridade não esquecerá. Compunha o trabalho commemorativo da colonização de São Leopoldo. Ia desvendar ao Brasil inteiro a immensa significação de um facto da nossa vida nacional, sem a merecida repercussão na nossa sociologia. Melhor do que todos que têm até hoje perlustrado o assumpto, teria oportunidade talvez de mostrar a importancia desse factor na compulsão dos elementos da ethnologia brasileira e da sua amplitude na determinação dos valores economicos.

Morreu trabalhando, reconstruindo e talvez reparando injustiças e arrancando nomes ao olvido inexplicavel dos homens. Sua obra de sabio ajustava-se ao significado da missão que cabe ao christão na terra.

Batalhar pela verdade e insurgir-se contra todas as injustiças. E ninguem contestará que a maior de todas as injustiças seja a que leva a sanção dos seculos no juizo da historia.

E o Padre Hafkemeyer, como poucos, batalhou pela verdade. A nota caracteristica de seus escriptos foi sempre esta, a da rectificação dos erros de seus antepassados e quicá, contemporaneos.

De sua morte poucos talvez tivessem sciencia. Só seus amigos e seus companheiros de sacerdocio puderam bem avaliar o que para as lettras do Rio Grande do Sul, o que para a sciencia historica do Brasil, representa o desaparecimento desse padre sabio, modesto, affectuoso e bom.

Quando o seu corpo de luctador, abatido de imprevisto na arena do combate, descia á terra, á que servira com lustro e intelligencia como um dos melhores de seus filhos, pois que se naturalizára brasileiro, um silencio de morte, o véo de uma névoa glacial envolvia os seus contemporaneos. Não era a dôr por uma perda irreparavel que se carpia no recolhimento de cada espirito; era como que a insciencia geral de que o Rio Grande do Sul perdera um sabio e um dos mais profundos e corajosos de seus historiadores. A imprensa havia-o nivelado, num necrologio de tres linhas, a qualquer desses vultos que atravessam a vida sem muitos serviços a Deus e com muito poucos aos homens. Era uma nota de convenção que se perdia entre casos de policia e registro de acontecimentos sem importancia, que servem á curiosidade diaria dos leitores sem muito tempo para se preocuparem com o destino dos obreiros obscuros ou esquecidos da patria, que dá aos primeiros o pão material e infunde na alma dos ultimos a scentelha do entusiasmo no estudo necessario do seu passado e na determinação da grandeza proxima de seu futuro.

* * *

Nasceu o reverendo padre João Baptista Hafkemeyer, S. J., a 12 de janeiro de 1871, em Osnabrück, na provincia de Hanover, ao noroéeste da Allemanha.

Concluido o curso gymnasial, iniciou os estudos de theologia e historia, nas Universidades de Münster e Würzburg. Em 1891, seguindo a sua vocação, entrou para a Companhia de Jesus, iniciando o noviciado em Blijenbeek de Limburgo, na Hollanda. Estudou rhetorica em Wijnandsrade, em 1893 e no anno seguinte partiu para Valkenburg, afim de entregar-se ao estudo da philosophia. Em 1897, veio elle, pela primeira vez, ao Brasil, onde exerceu o magisterio, durante cinco annos, no Gymnasio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Em 1902, de volta á Europa, estudou theologia na Hollanda e em Portugal, recebendo as sagradas ordens em 1904. No anno seguinte, já presbytero, veio definitivamente para o Brasil, onde seus superiores lhe confiaram a regencia da cadeira de historia universal e patria, no Gymnasio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Ahí foi elle tambem o director espiritual da divisão dos menores, ensinando religião em diversos cursos gymnasiaes.

Extincto este gymnasio em 1913, foi o padre Hafkemeyer transferido para o Gymnasio de São Luiz Gonzaga, em Pelotas, onde leccionou aquellas mesmas cadeiras. Nessa cidade, dirigiu tambem a Congregação Marianna, no Asylo de Mendigos.

Removido em 1917, para o Gymnasio Anchieta, nesta capital, assumiu a regencia das cadeiras de sua predilecção, historia universal e patria, continuando sempre os seus estudos preferidos, investigando documentos historicos, em diversos archivos, inclusive particulares.

Afim de completar trabalhos em preparação com dados e informações seguras e para augmentar ainda mais o thesouro de seus já riquissimos conhecimentos de historia, fez varias viagens não só a diversos pontos do nosso Estado, como tambem a Montevidéo, Buenos Ayres e Rio de Janeiro, onde procedeu a muitas pesquisas nos archivos e bibliothecas.

Conhecia hebraico, latim, grego, allemão, francez, italiano, hespanhol e portuguez.

Muitos escriptos nos deixou o grande morto, alguns em volume, outros esparsos pelas diversas revistas em que collaborou.

Em 1909, publicou no Relatorio do Gymnasio Nossa Senhora da Conceição, o seu bello estudo sobre „As principaes representações cartographicas da costa brasileira nos primeiros tres lustros depois da descoberta.“

De 1912 a 1914 editou na typographia das „Vozes de Petropolis“ os tres opuseculos „Victimas da Calumnia“, O tratado de 1750 e os jesuitas; „A Suppressão da Companhia de Jesus“ e „A Restauração da Companhia de Jesus“. Ainda em 1914 a Escola Typographica Salesiana de Nietheroy publicou outro opuseculo seu intitulado „A Companhia de Jesus“. Sob o pseudonymo de Alfredo de Toledo Costa publicou em 1917 e 1920 dois bellos livros: A vida do general Osorio e uma biographia do Duque de Caxias.

A primitiva Igreja do Rio Grande do Sul é o titulo de um substancioso estudo publicado em 1923.

Heimatkunde von Brasilien, editado em 1916, é um excellente resumo da geographia do Brasil e do Rio Grande do Sul, hoje adoptada em varias escolas allemãs.

Em 1916 traduziu do francez a volumosa biographia „O General de Sonis“ de Mons. Baunard.

A historia dos Jesuitas no ministerio do marquez de Pombal de Christovam Theophilo de Murr foi por elle editada no original allemão em 1909, publicando em 1923 a segunda edição, porém já traduzida para o portuguez.

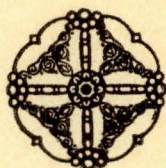
„A revolução de 1835“, „O precursor da Independencia americana“, são os titulos de dois opusculos seus extrahidos de revistas onde foram primeiramente publicados.

Editou, finalmente, livros escolares: A Historia do Brasil por Frankenberg, que elle muito rectificou e ampliou, attingiu já a quinta edição; a Historia Universal Illustrada, em dois volumes, que era a synopse de suas proficuas lições, para uso de seus discipulos.

Collaborou, com muita assiduidade, em diversas revistas e periodicos, como „Santa Cruz“, „Vozes de Petropolis“, „O Echo“, „Unitas“, e o diario catholico „Deutsches Volksblatt“, todos desta capital; a Revista do Instituto Historico e Geographico do Ceará e especialmente a do Rio Grande do Sul.

PREMISSAS LENDARIAS

SYNTHESE DA POESIA POPULAR RIO-
GRANDENSE CONSIDERADA COMO
FACTOR HISTORICO



POR JOSÉ PAULO RIBEIRO

Advertencia necessaria

Devo dar a razão porque denominei de „trovista“ o versificador rio-grandense em vez de „trovador“.

Não me era licito deslocar essa entidade poetico-historica, da verdadeira época da sua formação, nem do meio donde emergio no estado incipiente, para collocar-a em uma outra época, como a dos trovadores, peculiar a um genero de poesia propria de vates que dispunham de vasta illustração, de muito lyrismo.

Esta preferencia escuda-se em uma outra razão que reputo de toda plausivel, attendendo a procedencia e a applicação do vocabulo — trovador — segundo a qual não pôde se adaptar ao primitivo versificador dos pampas rio-grandenses.

A lexicologia do termo — trovador — é a que melhor se ajusta á desinencia da accepção — trova.

Os trovadores fôram poetas de muito cultismo intellectual; cultivavam com esmero a poesia do seculo XI ao XIV, cujas producções eram escriptas em varios dialectos da lingua *Oc*, então falada, na idade media, entre povos francezes disseminados pelas regiões Sul do *Loire*. Eram, pois, os trovadores desses seculos, artistas, elegantes compositores; suas producções poeticas tinham o caracter do verdadeiro lyrismo romantico, apaixonado, proprio da escola dominante.

Os primitivos versificadores rio-grandenses não alardeavam nem primavam pela cultura; pertenciam, é certo, a uma escola imaginativamente poetica, mas natural, fluctuante, sem organização, sem preceptores, sem direcção, sendo seus representantes analphabetos, sem o mais rudimentar toque de instrucção, e consistindo na producção das trovas, simplesmente inspiradas.

Essas composições não eram escriptas; logo, não ha criterio vernaculo que possa justificar a denominação de — trovador — ao versificador rio-grandense.

A terminação — ista — ensina Carlos Góes, „é suffixo vernaculo, com interferencia grega, designativo de genero, escola, purista, symbolista, ou versado em latim, latinista, hellenista, em grego“.

Aulete considera o suffixo — ista — „correlativo ao suffixo ismo; designa o auctor ou sectario de um systema, o que professa uma arte ou officio, o que imita ou segue um principio, uma escola: calvinista, dentista, pianista“.

Ora, sendo assim, e não havendo difficuldade em concluir que — trova + ista — pela contracção do ultimo — a — de trova faz — trov + ista = trovista, é concludente que a denominação — trovador — é inapplicavel, etymologicamente, ao versejador primitivo rio-grandense.

Candido de Figueiredo não deixa duvida nesse sentido; considera o vocabulo — trovador — proprio a duas escolas poeticas que floresceram simultaneamente.

„Trovador — Diz-se, especialmente, dos poetas da lingua Oc, que floresceram desde o seculo XI ao XIV e cultivaram a poesia lyrica. — Diz-se dos poetas lyricos portuguezes, que, naquelles tempos imitavam a poesia provençal“.

Os versejadores rio-grandenses, de modo algum poderão ser equiparados aos poetas que uzaram da lingua Oc, nem aos lyricos portuguezes imitadores do verso provençal, naquelles seculos; e o vocabulo — trovador — estricte-se a essas duas escolas compostas de vates que conheciam vernaculamente, a nomenclatura e a lexica dominantes.

A impossibilidade do vocabulo — trovador — ter applicação aos versejadores da escola incipiente dos cantores rio-grandenses, é manifesta.

A poesia rio-grandense, é bem possivel que começasse no ultimo quartel do seculo XVIII, quando os lineamentos geographicos da area do Rio Grande, como componentes do territorio nacional, já tinham o caracter de um grande dominio.

Deste modo, como se poderá applicar ao versejador rio-grandense, dos tempos primitivos, a mesma denominação etymologica que seculos antes, no antigo Continente, em determinados departamentos litterarios, só era, exclusivamente applicada aos filiados a duas escolas, especialissimas, que primaram pelo selectismo de seus vates?

Nem assimilação do vocabulo, attenta sua origem, se poderia operar na technologia do termo; nem a generalisação do mesmo vocabulo, com sua applicação aos vates camponezes rio-grandenses.

A desinencia — ista — é a verdadeira, a consentanea, a congruente que se pospõe ao termo — trova —, dando, normalmente ao versejador rio-grandense, a denominação — trovista —.

Porto Alegre, — III — 123.

José Paula Ribeiro.

de que havia de honesto e colheu no mundo alguns dos antepassados.

E quem não tem a intuição das cousas interessantes as épocas em que viveram e influíram os nossos avós?

Póde-se, por ventura, inventar-as?

Têm-se o direito de inventar-as?

Não.

O povo, na simplicidade inherente a sua sociologia, sabe contar, com precisão, a historia dos seus avós; e o laxo intuitivo pelo sentimento que a tradição conserva, que a lenda personifica, que a poesia inventa, tem, em todas as épocas, a inspiração e o repetitivo dos trovões do campo, mais felizes na naturalidade e nos dozes do espirito, o que muitas vezes

Premissas lendarias

A poesia não consiste nos versos bem medidos, mas na verdade do sentimento humano, tão complexo nas suas manifestações individuais e sociaes.

THEOPHILO BRAGA.

As tradições populares attrahiram sempre espiritos perscrutadores; têm ellas alguma cousa que illustra, que amenisa; alguma cousa que excita a curiosidade de quem procura interpretar-as na propria singeleza que lhes é apanagio. As crenças e os costumes seguidos pelas gerações que desapareceram na vastidão do tempo, constituem a synthese de uma civilização problematisada na historia, envolta na melancolica esthetica de tudo que procede do passado pelo influxo da poesia e das tradições, affectando o sentimento plastico das perspectivas que se desdobram na lembrança, esboçadas na téla da imaginação.

O decurso desta existencia se faz por successões continuas, entre as mutações que o progresso deixa na vida das sociedades organisadas, de modo que os factos e as cousas de hontem, não se extinguem: são épocas mais tarde traduzidas pela narrativa das glorias, dos infortunios, dos sacrificios a que chegaram as gerações amortecidas. São traços que não mais se apagam, e se conservam, e perduram, a despeito dos annos, vinculados na lenda, e na poesia tão expressiva pela sua naturalidade, como é a poesia popular rio-grandense.

O que ha de verdadeiro na lenda e na poesia do povo, são crystallisações que se definem á medida que o tempo avança.

O estudo paciente e accurado dessas cousas que valem muito para poucos, demónstra a existencia residual das crenças reveladoras da psychologia de uma parte da população mais ingenua, mais livre de preconceitos, menos egoista, mais resistente e cavalheiresca, que viveu do proprio retemperamento

do que havia de honesto e coerente no *modus vivendi* dos antepassados.

— E quem não tem a intuição das cousas inferentes ás épocas em quem viveram e influíram os nossos avós?

— Pede-se, por ventura, invental-as?

— Tem-se o direito de menospresal-as?

— Não.

O povo, na simplicidade inherente á sua sociologia, sabe contar, com precisão, a historia dos seus avoengos; e o faz intuído pelo sentimento que a tradição conserva, que a lenda personifica, que a poesia eternisa na estrophe, lembrando a inspiração e o repentismo dos trovistas do campo, mais felizes na naturalidade e nos dotes de espirito, o que muitas vezes falha na poesia classica.

Quem estuda e interpreta as tradições e as lendas do povo, e sabe contal-as com lealdade, é como o pintor que, dotado de sentimento artistico, reproduz na tēla com a maxima concisão, a perspectiva de uma scena da natureza que tempos antes viu, admirou e emocionou-o vivamente, tanto que não perdeu a idéa da imagem que contemplára em sua exterioridade.

A demonstração deste enunciado está na circumstancia de não existir escripta a historia das lendas e das tradições populares, e entretanto, todas existem, fluctuando na propria primitividade, atravez da visão nitida do passado.

A lenda teve influencia directa na formação da historia das civilizações passadas.

Quanto mais recuada fôr a época de um successo, de um heróe, de um acontecimento, de uma calamidade, tanto mais a sua historia apparece envolta na poesia do povo, sempre symbolica, sempre apothetica.

A poesia do povo é a que não tem livro, e dura, quem sabe, se mais que o livro, porque persiste na continuidade da vida pela lembrança, que não se apaga, pela sua applicação sempre com actualidade ás modalidades do amor ou do heroismo, do infortunio ou da satyra.

O que não passa despercebida é a cadencia, perfeitamente diapasonada que se nota, quasi, em geral, no verso popular, na poesia do povo que não conhece arte, nem metrica.

Quanta naturalidade e ensinamento, quanta actualidade contêm as lendas dos nossos indigenas, coordenadas e traduzidas por illustres e pacientes exploradores, cabendo a Couto de Magalhães a preeminencia, em nosso paiz, em ter sido um dos mais illustres interpretes da civilização e das lendas das nossas selvas.

Nessas lendas — verdadeiras fluctuações langenciando o cerebro do selvagem, ha o encanto da poesia da natureza,

da poesia das selvas, com allegorismo proprio, e conceitos coordenados pela fórma.

A lenda — *Mae Pituna Oinquan ãna* — (como a noite appareceu), é de uma belleza tão suave, de uma poesia tão natural, que não se póde fugir á attracção dos conceitos que ella exerce no espirito de quem a lêr, de quem souber sondar o profundo das cousas que parecem certo mysterio.

Essa lenda começa, segundo a traducção que lhe deu Couto de Magalhães:

„No principio não havia noite — dia sómente havia „em todo o tempo. A noite estava adormecida no fundo „das aguas. Não havia animaes; todas as cousas „fallavam“.

Por ser um tanto extensa, limito-me transcrever esse primeiro trecho, o qual demonstra que a concepção poetica e artistica do indigena, se harmonisa com o conceito da *Genesis* da Creação.

Lembrando o nosso emerito explorador, quero dizer, que a poesia e as lendas populares, attrahiram, como já fiz vêr, espiritos cultos, de reconhecido valor na litteratura historica da patria.

A poesia e a lenda foi a synthese da bella conferencia do preclaro doutor João Monteiro, no terceiro centenario do missionario José de Anchieta. Ahi, disse o douto conferencionista, que a poesia e a lenda, é „a suprema liberdade do engenho na criação phantasiosa do ideal e a soberana discripção da chimera na geração mythologica da historia.“

Eis ahi. — A historia, com effeito, tem o seu mythologismo inseparavel, necessario á circumspecção com que remonta ao passado, atravez de centenas de milhares de annos, para colher ahi a exacta exposição dos factos accumulados, mesmo desconhecidos em parte, e como adormecidos sob o concurso do longuissimo tempo, e trazel-os á evidencia do presente.

Todos os povos têm a sua poesia lendaria; nella encontram-se as reminiscencias dos heróes mortos, de suas glorias passadas, bem como dos martyres de grandes sacrificios, representantes de um periodo historico, cujos phenomenos são evocados por visões que surgem, concitando, como é natural, o estudo dos factos de maior relevancia.

Diz o auctor dos *Cantos Populares do Brasil*, que um olhar lançado sobre a historia não escripta das tradições fluctuantes e indecisas de nossas origens e ulterior desenvolvimento, irá descobrir, não sem difficuldades, os primeiros lineamentos de nossas lendas e tradições populares.

Essas mesmas lendas e canções, não individualisam nem symbolisam civilizações posteriores; são elementos colhidos em meticoloso e demorado exame do acervo que vem do passado, e demonstram a existencia do estado primitivo em que jaziam os povos, antes de sua verdadeira cultura religiosa e social.

Quem pretender adaptar á fôrma da nomenclatura do *modernismo* assoberbante, essas mesmas lendas e canções, defrontará logo a impossibilidade pratica que surge a quem se propoz demolir um edificio, e não o poudo reconstruir depois, por lhe faltar orientação architectica.

Como se vê, a „historia não escripta“ das lendas e da poesia do povo, não se altera, não se destróe; vive no sentimento e na memoria; por isso, as tradições populares „não se demarcam“, disse Sylvio Romero, „pelo calendario das folhinhas; a historia não sabe do seu dia natalicio, sabe apenas das épocas de seu desenvolvimento“.

Exactissimo. Já o disse, mais ou menos. Aqui está a verdadeira synthese deste despretençioso trabalho.

Effectivamente — o emerito escriptor e consumado critico, referindo-se á origem dos cantares populares, a começar dos tempos coloniaes, entre portuguezes, indios e negros, teve a visão clara desse periodo inicial da nossa organização e formação sociaes, chegando á esta conclusão:

„Todos deviam cantar, porque todos tinham saudades; o portuguez de seus lares, de alem mar, o indio „de suas selvas, que ia perdendo, e o negro de suas palhoças, que nunca mais havia de vê“.

Tal é a origem das nossas lendas e poesia populares: nasceram de um sentimento nostalgico, profundamente sensibilisante que invadio o espirito daquelles que, longe do canto onde nasceram, tinham a visão de não mais voltar a seus lares, ás suas selvas, ás suas palhoças.

A ausencia do torrão natal, para onde se tem certeza de não mais volver, engendra esses poemas melancolicos que muitas das nossas lendas e canções populares, traduzem com elevação de sentimento e de imaginação.

II.

Daniel Granada, no seu interessante livro — *Supersticiones del Rio de la Plata* — pensa, e com muito acerto, que: „Nada hay inutil el historiador y el filosofo, quanto el vulgo conserva tradicionalmente en hábitos e crencias“. Este sentir do escriptor platino, é mais um conceito a justificar a synthese deste incompleto trabalho.

As cousas tradicionaes do vulgo, não deixam de têr algum aproveitamento, não deixam de têr seu interesse no descortino

das idéas personificativas de um periodo de formação, transformado, posteriormente, como é natural, pelo gráu de desenvolvimento e de cultura que recebera.

Lembrando o gaúcho rio-grandense de ha cem annos atraz, no de hoje pôde-se apreciar a radical modificação a que chegou esse typo dominador das nossas coxilhas e varzeas, archaizado, embora, mas existente na subjectividade dessas épocas de transição.

Estudando, não o de hoje, porem, o gaúcho daquelles tempos de formação, com menospreso da tradição e da poesia lendaria que o envolve, não se terá como compulsar documentos, nem perquirir monumentos que atestem esse estado da nossa geração primitiva.

O criterio analytico actuará no que o „vulgo conserva tradicionalmente“, encontrando na poesia do campo e sua lenda, o material adequado á restauração synthetica da entidade do filho primitivo das coxilhas rio-grandenses.

A individualidade do gaúcho de épocas transcorridas, não é um mytho: teve contemporaneos, co-existiu, portanto, cujos „habitos e crenças“ deixaram traços bem accentuados, os quaes ainda não se apagaram de todo; sua influencia assignalou nos fastos da nossa historia, o valor de uma época maxima na vida historica rio-grandense.

A poesia popular é o canto original da inspiração e do repentismo de homens simples, simples, nos costumes, na palavra, no trato, no convívio.

Não sabiam o que eram *gallicismos*, nem *barbarismos*, nem *neologismos*, muito menos regras de collocação de pronomes.

E, nisso eram felizes.

Falavam, contavam o que viam, o que ouviam; explicavam o que entendiam, manuseando a palavra na sua expressiva naturalidade, com certo onomatopaismo, e um certo criterio.

A inspiração bróta espontaneamente, afflúe no espirito do observador camponez, dando-lhe sentimento, percepção e harmonia de palavras combinadas, descortinando a imagem suggerida pelo pensamento, e antes visionada na subjectividade poetica.

Na poesia popular rio-grandense, ha muita propriedade e inspiração; ha um fundo de moral, de philosophia, admiravelmente resumido no sentido estricto da estrophe, sem que o proprio trovista o comprehenda.

O preceito metrico que se nota em muitas das *quadras populares* rio-grandenses, é inductivo, o que se explica pela aptidão audiliva que o trovista camponez dispunha, combi-

nando-a com o sentimento do bello, o qual pôde existir tambem no homem que não dispõe de cultura mental, nem de instrucção.

Os cuidados e preocupações de uma mãe acerca do destino reservado ao filho amado, assumpto do dominio da philosophia do amor, e da psychologia da ternura maternal, fôram modulados, com admiravel rythmo, por um dos nossos trovistas de outrora, na seguinte *quadra*:

Toda mãe que tem um filho,

Razão tem para chorar,

Que não sabe inda da sina

Que Deus tem para lhe dar.

Eram assim as mães do tempo de nossos avós; sabiam verter lagrimas copiosas, na impossibilidade de prever a *sina* reservada ao filho, o sonho azul de suas esperanças. E não é exacto, que as lagrimas de uma mãe, profundamente emocionada por causa tão santa, consubstanciam a razão de ordem moral e affectiva de que fala o inspirado trovista?

Nota-se ainda nessa *quadra*, perfeitamente esboçado, o quadro do amor de uma terna mãe apprehensiva, em todo seu delineamento psychologico, com arte, symetria, metrico, e coordenação constructiva.

Phenomeno de sensibilidade consciente irradiou no cerebro do auctor da *quadra*, emocionado por um facto de vizo observado, ou por uma impressão subjectiva.

O movimento da inspiração indentificou-se com o sentimento do amor materno, no desdobramento da propria emoção, dando como resultado immediato, a construcção do verso natural, integro, expressivo.

A seguinte *quadra* é interessante, não só pela fórmula, como pela originalidade do conceito:

O fogo quando se apaga

Na cinza deixa o calor;

Um amor quando se acaba,

No coração deixa a dôr.

O auctor sabia, pela observação, um dos effeitos physicos da combustão da madeira; tinha, portanto, um criterio, e por este construiu a imagem formulada na *quadra*, comparativa do calor da cinza com a impressão que o amor findo deixa no coração — a dôr.

A cinza, com effeito, quando não actúam causas contrarias, conserva por algum tempo, certa elevação de temperatura. Soube então o trovista rio-grandense, e com muita propriedade, comparar um tal phenomeno physico-chimico, ao que o amor deixou no coração de quem amou.

Os cantores populares não tinham livros, eram, em geral analphabetos; não liam classicos, não tinham mestres.

Nas cousas do amor elles encontravam muita idéa, e sabiam raciocinar, criticar, comparar com certa *verve*, com admiravel presteza; eram mesmo ternos, cadenciosos quando cantavam *quadras* que improvisavam, formando e combinando *segundas*, cuja phonação enternecia, sensibilisava, não só sentimentalmente como auditivamente.

O poeta do povo tomava o nome de pessoa ou de cousa, ou factos occorridos, para a construcção do thema sobre o qual tinha de versificar, e sujeital-o á regra do improviso.

O que era relativo ao amor, sabia elle ser logico, concludente por instincto, como se nota na seguinte quadra, onde deixa prevêr as difficuldades que por vezes surgem no curso de uma paixão amorosa:

Noite escura tenebrosa

Não temas de me falar;

Quem ama não teme a morte,

Quem teme não póde amar.

O venerando sacerdote José Valle de S. Fernando, espirito lúcido e liberal, alma boa, sem hypocrisia, quando por vezes conversavamos sobre os costumes e tradições do povo, dizia, que esta *quadra* sabia dizer muito; e aprazia-se em recital-a, depois commental-a, lembrando que, quem temesse a „Noite escura tenebrosa“, soffreria embarços nos deveres amorosos, porque nessas noites ver-se-ia privado de vêr a namorada, e filar-lhe o café.

E' um conceito este que tem seu valor critico, humoristico, interpretativo.

Effectivamente — a poesia camponeza, em geral, tomou a forma apologal, porque o trovista a improvisava em momentos de repentismo, de natural inspiração, e de agudeza, ou docilidade de espirito analytico, comparativo.

Um tal género de litteratura espontanea, denuncia a co-existencia de uma população na sua maioria, estranha á instrucção. Poucos sabiam lêr e escrever, ainda assim, rudimentarmente, e quasi sempre aprendido no proprio lar. Antigamente eram rarissimas as escolas publicas, — causa principal do analphabetismo que então reinava.

A familia que contava em seu gremio um que soubesse lêr e escrever alguma cousa, fazia-o de professor domestico. Em geral o trovista rio-grandense, era analphabeto, mas no repentismo, no improviso, sabia ser espontaneo; sabia coordenar idéas, conceituar, raciocinar em perfeita harmonia com a razão de pensar e de dizer.

As seguintes quadras são expressivas não só pela idéa predominante, como pela deducção do conceito comparativo:

*O anú é passaro preto,
Passarinho do verão,
Quando canta á meia noite,
Oh! que dôr no coração.*

*E se tu, anú, soubesse
Quanto custa um bem querer,
Oh! passaro, não cantarias
A's horas de amanhecer.*

O que é notavel nestas duas quadras, é a cohesão do sentimento e da inspiração com a causa provocadora do conceito dominante. Na primeira, o canto do *anú*, ouvido á meia noite, por quem sabe amar, produz essa dôr íntima — a saudade — de alguém que vive na lembrança, imagem rediviva de amores passados; na segunda, o mesmo canto do *anú*, de envolto com o crepúsculo que antecede ao romper da aurora, causa alguma cousa, mas que não é dôr, porém anseio terno, íntimo, sincero, de quem quer bem e não póde estar junto do sêr querido, que o canto matinal do *anú* faz recordar entre lagrimas e suspiros.

O trovista rio-grandense dos tempos transcorridos, era dotado do caracter typico de uma organização definida pelo clima, e pela posição astronomica desta parte do continente americano.

Effectivamente — os nossos trovistas primitivos, afeitos á vida rustica, simples, atidos tambem á contemplação de extensos varzados e desdobramento de coxilhas, comprehendiam alguma cousa dessa natureza que os envolvia, e della recebiam, pelo instincto, noções rudimentares de idéas representadas por palavras bem coordenadas, que traduziam as imagens do pensamento, com certa fidelidade e rythmo, como se infere das proprias *quadras populares*.

Esse genero litterario de ha muito se tornou obsoleto; não logrou ser diffundido entre os cultores da poesia que o succederam na evolução e progresso das letras, mas não deixou de ter seu valor comparativo, quer como manifestação poetica de uma época, quer como elemento historico.

A antiguidade e o anonymato das *quadras populares* rio-grandenses, nem por isso desmereceram o que havia de naturalidade nessas composições; entre ellas, ha muitas que satisfazem as exigencias da metrica, e tambem da grammatica, embóra seus auctores não as conhecessem em absoluto.

Não deixam de sêr producções poeticas, deante da normalidade que revelam quanto a cadencia e concisão de seus elementos componentes.

Procedem de épocas primitivas, e da primitividade de seus auctores, cujo intellecto, si bem que incipiente, tinha comtudo o poder de se exteriorisar com a idéa regente do conceito emittido.

Mas a vida da poesia lexica, é a arte, exclusivamente a arte.

Eis toda a difficuldade. Pouco importa a falha de sentimento, de harmonia, de expressão, comtanto que o verso contenha a quantidade de syllabas que a metrica exige — eis tudo.

O trovista rio-grandense, sem conhecer metrica, sem saber o que era syllaba e sua quantidade normal na composição da trova, utilisava-se, entretanto, da audição, com a qual compassava suas trovas, cujo rythmo agradava.

Como exemplo cito a seguinte *quadra* que se encontra á pagina 141 do *Anuario do Estado do Rio Grande do Sul*, volume de 1892, e que é possível anteceder o período de 1835 a 1845.

*Cachorrinho está latindo
Lá no fundo do pomar;
Cala a bocca, cachorrinho,
Deixa o meu amor chegar.*

O rythmo é normal: o conceito metrico, espontaneo; não contrariou as regras da severa medida e da cadencia. E' um verso natural, completo, verdadeiro, expressivo por si mesmo.

Estas manifestações poeticas dos trovistas rio-grandenses, denunciam periodos que se accentuam no evolver do tempo.

O periodo anterior a 35, deve ter sido longo, muito longo; imperava nas trovas populares, o sentimentalismo, as paixões amorosas, pessoasas, as crencas religiosas, alguma superstição; por outro lado, a critica ou censura, a satyra, o humorismo, a descripção de factos sociaes ou naturaes, a belleza feminina, etc. No periodo de 35 a 45, as *quadras populares* tomaram o caracter imperativo, mordaz, épico, laudatario, cujo typo critico-poetico, é sem duvida, a popularissima *quadra* onde o auctor attingio com o dardo agudo da critica, a uma das figuras mais sympathicas do movimento de 35:

*Sinhô Netto vai simbora
Não se metta a capadocio,
Va cuidá nos parilhero,
Que fará methor negocio.*

E' claro que o auctor anonymo desta *quadra*, era *legalista*; a orthographia não se alterou, não se modificou; assim encontrei-a á pagina 183 do volume de 1893, do *Annuário do Estado do Rio Grande do Sul*, com a mesma graphia, em musica composta, expressamente, para ser cantada como hymno.

E' uma composição, por si simples, primitiva, cheia de inspiração, de naturalidade, revelando a perspicacia do espirito do critico trovista, quando procurava estigmatizar o adversario pela ironia e outras manifestações do seu genio satyrico.

E o trovista do *Sinhô Netto* concepcionou a idéa critica, externou-a metricamente, syllabaricamente, construindo, emfim, uma *quadra* composta de quatro versetes, cada um contendo *paroxytonos*, ou versos graves.

Ha ahí, preceitos de arte que o trovista sem os conhecer, observou.

Como explicar este e outros predicados possuidos pelo trovista rio-grandense?

Seguiu-se o periodo em que a poesia popular rio-grandense perdeu o radical caracter de suas épocas de formação, com o advento das escolas classicas, que effluíram, poderosamente, e concorreram para a sustação das trovas regionaes, lendarias, cujos elementos comprobatorios de seus periodos, ficaram, entretanto, accentuados nas series das *quadras populares*.

Não deixou por isso de ser uma escola poetica, incipiente, *sui-generis*.

E' que as *quadras populares*, se lhes falta alguma coisa de metrica, têm o merito que lhes dá o „verdadeiro sentimento humano“ com que são expressadas. São por isso composições que cahem nas regras da arte de metrificação, onde são analysadas como manifestações de uma litteratura ingênita.

O que não se póde negar-lhes, é valor artistico, imaginação, cadencia, porque têm sentimento, são expressivas, são rythmadas.

Abstrahindo-as de quaesquer hiatos ou senões metricos que se encontram em algumas dellas; e, considerando que o verdadeiro valor do verso está no sentimento que o inspirou, e não no rigorismo da medida syllabica, é impossivel tirar ás *quadras populares* rio-grandenses, o merito que as mesmas contêm, quanto ao sentimento e a naturalidade com que fôram improvisadas.

III.

*Infelizes os povos e os individuos
que renegam as suas tradições,
quaesquer que lhes sejam ellas.*

DR. MAXIMILIANO MACIEL.

Quando, subjectivamente, penetramos no dominio do passado, detendo-nos deante de tudo que recorda a primitividade dos nossos avós, um sentimento de melancolica contemplação nos invade o espirito, dando-nos a intuição de um outro sentimento affectivo: o do respeito ás tradições.

A grandeza cavalheiresca dos iniciadores, e portadores da nossa civilização, cuja lembrança fluctúa atravez da poesia popular, e das lendas que ainda co-existem na memoria de raros e longinquos descendentes dessas gerações, expressa-se, caracteristicamente, na tradição, por uma lei de persistencia.

Em todo esse testemunho percebem-se os residuos de uma civilização que cedeu, como éra natural, á lei do progresso, de onde surgiram tambem os factores incipientes de uma litteratura ingenita, e os rudimentos de uma historia em que os factos e as épocas se collimam.

Esses factores e esses rudimentos, podem ser ainda percebidos, pela analyse da prosódia, da indole e dos costumes que perduram em uma parte da nossa população, que se conserva como immunizada da influencia do meio movimentado.

Mas as cousas referentes ao passado do Rio Grande do Sul, vão se perdendo pela indifferença, na confusão do tempo; vão se apagando da memoria dos contemporaneos. — victimas — voluntarias do *exotismo*; vão desapparecendo, e desapparecerão por fim, com as especies vegetaes e animaes que tambem desappareceram, e cujos restos fossilizados, encontrados nos accúmulos subterraneos, a *Paleontologia* os estuda, reconstruindo algumas de suas fórmulas esqueléticas.

Nos rudimentos de litteratura e de historia rio-grandenses, encontram-se incrustações positivas na tradição, na prosódia ainda em voga em algumas localidades, na propria poesia popular, e em outros elementos esparsos, sobre os quaes actuaram causas directas e indirectas. Cohesando-se essas causas pelo movimento civilizador, este, por sua vez, lentamente, adaptára-se e tirou ao typo ethnico a primitividade propria

à natureza livre, dando-lhe traços mais brandos, mais expressivos.

Pela posição geographica e topographica do Rio Grande, sua população primitiva teve de supportar a acção de influencias climatericas que muito contribuíram para a formação do seu caracter.

Essas mesmas influencias repercutiram no meio incipiente ainda, da nossa regional população, seleccionando-a de tudo que jámais se combinou com o que lhe era peculiar pela lingua, pela tradição, pela religião.

Da indole propria á nossa primitiva geração, resultou tornar-se ella resistente não só ás inclemencias do tempo, ás fadigas, ás luctas iniciaes, como tambem á primitividade de habitação, de alimentação, etc. — Dessas alternativas surgiram predisposições á uma organização, cuja ethica coincidio com a phase tradicional.

Quem se aventurará a negal-a, ou apagar, por desamor, os caracteristicos que lhe são attributos essenciaes?

Interrogação, apenas.

A época inicial da litteratura rio-grandense, realça e accentúa-se na sua propria poesia popular, nas suas cantigas camponezas, cheias de melancolica cadencia, expressivas, allusivas e sempre de actualidade.

E' certo que a historia de um povo co-existe mediante leis ou condições que se combinam com as differentes situações que representam no decurso do tempo, as mutações que se vão operando com o movimento directo da evolução.

A poesia como arte, e como arte espontanea, tem sua historia e sua phraseologia; exerce poderosa influencia no espirito e no sentir de épocas adequadas, cujos vestigios assignalam as mudanças formaes que se operam, em razão dessa mesma influencia.

Se remontarmos á época do *Parthenon Litterario*, — a renascença da poesia rio-grandense; se investigarmos os seus annaes, hoje rarissimos; se invocarmos a tradição da inesquecivel instituição, veremos que os seus poetas, os seus prosadores, avultavam pelo sentimentalismo, essencialmente regional, concordes pela singeleza estylistica, pela naturalidade da fôrma, e das scenas traçadas conforme as regras da metrica, que não sacrificava a espontaneidade, nem a cadencia do verso. Eram elles artistas pelo sentimento, pelo éstro; estudavam a natureza regional nas — suas múltiplas decorações e aspectos.

Suas produções não tinham, é certo, os artificios do *modernismo assoberbante*, mas em compensação possuíam alma, doçura, sentimento, vida, symbolismo, imagens consen-taneas ao azul do nosso céu, á belleza das nossas florestas, das — nossas campinas e coxilhas, á candidez melancolica e serena da nossa lua, ao rumor das nossas cascatas, ao torren-ciar dos nossos rios, ao valor do proprio typo rio-grandense, á figura tradicional, lendaria do nosso gaúcho.

Transmudou-se esse periodo litterario; desapareceu o seu selecto patrimonio; só resta a tradição, e um ou outro sobrevivente a quem se póde inquerir acerca desse passado.

E a época do *Parthenon Litterario* passou... cahio no olvido, e mais não volta. Mas o *Parthenon* revive na tradição; e é a tradição que devemos amar, porque ella é a representação subjectiva na historia e na poesia primitiva, dos nossos ante-passados, de quem não estamos avantajados em caracter, em virtudes, em patriotismo.

A poesia e a lenda irmanam-se no conceito do tempo. A lenda é um dos élos que prendem a poesia á historia; uma e outra traçam a feição, mais ou menos proxima, dos costumes exemplificativos, do cavelheirismo e lhaneza dos pioneiros da nossa existencia politico-social.

Era uma geração sóbria, comedida, laboriosa.

A tradição resiste a acção do progresso, como trabalho artistico do passado; faz conhecer e calcular a distancia que nos separa dos tempos em que o fio da barba do homem de bem, era symbolo de honradez nos compromissos que con-trahia; dos tempos em que esse fio de barba, portava por fé a probidade e a rigidez de caracter do homem contemporaneo que o dava como penhor de garantia de valores que, hoje, só se poderão garantir, gravando-se grandes patrimonios, sob condições, muitas vezes, vexatorias.

Felizes tempos. — Não voltam mais.

As cousas relativas á historia da nossa incipiente for-mação, quando seus portadores não sabiam syntaxe, e uzavam de uma prosódia, em muitos pontos, avessa ás regras da con-cordancia, estudadas nos seus descortinos, podem influir no sentido de salvar do olvido, o que ainda resta dessas épocas distanciadas.

Esse sentir commove, origina creações que se perpetuam; traduz a existencia de um mundo de reminiscencias que se avivam, se descortinam á vista de objectos que se guardam,

que se idolatram, que se encontram em localidades onde se viveu feliz, onde se amou, onde se contemplou scenas poeticas que a natureza na sua immutabilidade, ainda ostenta.

El erro irreparavel o menospreso que se vota ao acervo deixado pelos iniciadores da nossa civilização.

Perdido esse acervo, não poderemos ter a exacta orientação das cousas passadas que por si attestem o momento dos nossos primeiros movimentos para o progresso.

Que pôde haver de desairoso á nossa actual dignidade, o esforço que por ventura se emprehenda, no sentido de salvar a diminuta etapa, característica dessas épocas?

Os cantares e as *quadras populares*, são representações vividas dos nossos camponeses de então — portadores das primeiras phases da nossa organização social.

Os vestigios lendarios e as tradições aliás percebíveis por uma serie de circumstâncias, como „outras tantas testemunhas mudas“, coincidem com a phase de formação do Rio Grande; denotam no tempo a evolução lenta, mas natural, de sua população em preparo e predisposta ao desenvolvimento de suas aptidões.

De certo que os cantares e as trovas populares, se ajustam em regras de moral, de arte rudimentar, mas expressiva, de composições naturaes, e, em applicações directas a factos occorridos, veridicos, á circumstancias e vicissitudes no decurso da vida. São estrophes simples; umas, satyricas, mordazes, cheias de humorismo; outras, denunciadoras de um espirito vivaz, ironico; outras, ternas, saudosas, melancolicas; são por isso no dizer de Olavo Bilac, „os melhores poemas“, porque „nascem sem artificio, independentes do uso das metricas e dos lexicos, — os que sabem do seio da natureza, frescos e limpidos, como a agua salta das rochas“. São inspirações que brotam do sentimento, semelhante á lymphá crystalina, suavizando os ardores do astro vivificador; são evocações do que havia de bom e affectivo em homens atidos ao trabalho rude, ás affeições domesticas, aos extremos do amor e das paixões contemplativas, dessas éras em que não se conhecia *coquetterie*, nem os artificios da *moda elegante*, que tanto attrahem e seduzem pelo exagero de seus talhes.

Esses cantares, e essas trovas, e essas *quadrinhas*, são verdadeiros especimens da primitiva litteratura rio-grandense, sem que se saiba os nomes de seus auctores, os quaes, certamente, fôram homens simples, generosos, bondosos, embora analphabetos, mas tocados de um certo dom poetico, e de um ideal que se exteriorisava nas trovas que improvisavam.

A tradição não é feitura ideológica; são factos que tiveram seu curso, seu desdobramento; são épocas distanciadas, situações que perduraram e preeminenciaram individualidades e acontecimentos, cuja lembrança persiste na historia do povo.

Affonso Arinos, com a suavidade do seu estylo sertanista, mas classico, conceituou as tradições, dizendo que ellas „devem encerrar a verdade historica transmittida oralmente de geração em geração“. Quer dizer que a — tradição — preexiste independente de demonstrações objectivas. Os documentos perduram, conservam-se, manuséam-se, vêm-se-os na fôrma material, mas a tradição, a verdadeira tradição, é sempre subjectiva. Evóca-se, não pelo que possa haver de exterior, mas pela lembrança, pela sua transmissão oral, fluctuante, „de bocca em bocca“, de „idade em idade“.

Taes reminiscencias sensibilizam, accordam sincero respeito pelas cousas que se ligam pelo sentimento ás gerações amorticadas. Um tal sentimento, por isso mesmo, não se mercantiliza, co-existe como noção exacta da consciencia.

Perquerir o passado do Rio Grande, no empenho de descortinal-o nas transições de sua existencia ethnica e historica, é dever que não convem negligenciar; por isso, suas tradições devem ser rectificadas e identificadas para que assim possa ser elle amado por todos nós.

Interrogue-se tambem os manes de seus heróes, de seus servidores de outróra, para que tenhamos a justa comprehensão do amor pelo passado. Deste modo comprehenderemos tambem o grande dever de amarmos a Patria pelo passado; comprehenderemos que para o verdadeiro patriota, o passado da mãe Patria, é um grande culto; comprehenderemos que sem o conhecimento exacto do passado de nossa terra, não saberemos reverencial-a, nem dignifical-a pela sua historia.

São eloquentes, neste sentido, as inesqueciveis palavras de Eduardo Prado: — „Quem se applica ao presente é movido, quasi sempre, pelo interesse. Quem trata do passado é desinteressado, e só o desinteresse ennobrece, eleva e dignifica as aspirações do homem“.

De certo — a idéa do presente, no qual, implica a do interesse nobre, proveitoso, ou ambicioso, usurpador; a do passado, não; se ha egoismo, este é sempre o do saber, o do conhecer o que foi digno e elevado, justo e patriotico no tempo de nossos antepassados; por isso, o conhecimento do passado de nossa Patria, nos educa, nos irmaniza.

Attinente ao pasado nacional, ha, de José de Alencar, um conceito opulento, profundamente poetico, cheio de amor.

muito expressivo, de uma suavidade melancolica: — „Quanto á poesia americana, o modelo para mim ainda hoje é Chateaubriand; mas o mestre que eu tive, foi esta natureza que me envolve, e particularmente a magnificencia dos desertos que eu perlustrei ao entrar na adolescencia, e foram o pórtico magestoso por onde minha alma penetrou no passado de sua patria.“

Como é locante esta pintura magestosa, essa revelação de onde elle colheu o typico modelo do romance nacional, recebendo do seu „mestre“, a natureza, as proficuas lições que jámais olvidou; podendo, ainda joven, como lhe succedeu, penetrar no passado da Patria, pelo estudo e a contemplação de suas tradições, perlustrando o deserto, a immensidade onde foi encontrar os vestigios, os testemunhos rarissimos da incipiente população dessas regiões incultas que são, entretanto, parte integrante do territorio nacional.

O sentimento de amor e de respeito pelo passado nacional, é uma das virtudes que mais conceitúan a compostura moral e social do homem.

Todos nós, na contemplação da esplendida natureza que José de Alencar teve por „mestre“, aprenderá, como elle, a amar a terra natal, a interpretar, com justo orgulho, os factos principaes de sua integração na torrente da historia e da civilização.

A historia da litteratura de um povo, como diz Andrade Ferreira, „não é méramente o aggregado de noticias biographicas de um ou de outro escriptor“.

Conforme este conceito, a historia jámais revestirá a forma de uma „narrativa“, simplesmente enunciativa; suas origens, por vezes, percorrem o tempo envoltas em obscuridades, que depois se descortinam e se individualisam pela lógica e analyse synthetica.

A historia é um poder, é um juizo, cuja autoridade, quando geral, é universal; quando particular, estende-se a cada povo, circumscriptamente; por isso, suas conclusões são demonstrativas e perduram nos annaes do tempo.

A litteratura rio-grandense tem a sua historia primitiva, esta tem suas origens muito longinquas, por isso, não se consubstancia, exclusivamente, na individuação de seus trovistas incipientes, mas no proprio verso, no proprio cantar daquelles.

A toada do canto camponez, tem accentos rythmicos, graves, agúdos, conforme o sentimento emocionante; tem cadencia propria que se concerta com a expressão e entonação da voz. Ouvida essa voz no silencio de alta-noite, produz alguma cousa que sensibilisa e inspira saudade. No verso ha então palavras coordenadas, idéas apropriadas ao objecto a que se infere.

Eis porque a poesia popular rio-grandense tem sua difficuldade congenita; entretanto, ella existe em suas proprias modalidades, como genero litterario que assignalou épocas decisivas no desenvolvimento da historia do Rio Grande, e portanto faz parte desta, como tradição.

Não se descaracterisa porque se consolidou no tempo; não tem livro proprio, existe, mas esparsa, na parcialidade de collecções de suas *quadras*, incompletas, embóra, e na confusão de seus periodos remissivos.

Lebon, nos *Aphorismes du temps present* — conceituou, que, o artista se torna mediocre, quando raciocina em vez de sentir. A arte é o sentimento esthetico de uma creação dependente de combinações sytheticas, cuja harmonia deve, necessariamente, caracterizar a fôrma exterior desse sentimento.

Os nossos trovistas de outróra — artistas incipientes, revelavam alguma cousa de sentimental e de natural, em seus improvisos. Esse dom era como o resultado da vida contemplativa em meio das scenas da natureza livre, tanto que o analphabetismo que então dominava, não o contradictava.

A impressão dos factos occorridos, das circumstancias concommitantes da vida, repercutiam-lhe no espirito, dahi as concepções objectivas da estrophe em combinação com o sentir da causa geradora.

O expressivo singelismo do verso camponez, cuja cadencia denota arte e pintura naturaes, attribue-se ao dom que o trovista recebera da natureza que o cercava, da propria intelligencia, embora sem o desenvolvimento oriundo da instrucção; por isso, as collecções de *quadras populares* rio-grandenses, constituem paginas interessantissimas pela originalidade de sua litteratura rudimentar, mas amena, attractiva, e de modo algum deve ser desnaturada, pois são padrões que se perpetuam como representações do nosso passado.

Nas *quadras populares* rio-grandenses, encontram-se tambem romances brevissimos, sem os meandros da phantasia imitativa, contendo idéas perfeitas, concepções engenhosas, scenas de amor, muito humorismo, tudo bem desenvolvido, bem definido. Em quatro resumidas linhas, o trovista cam-

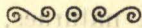
pones: diz tanto como aquelle em quatorze linhas de maior numero de syllabas, cada uma.

O homem inspirado pela natureza tem comsigo a intuição do que é bello; deixa-se emocionar pelas mutações e perspectivas da rústica, mas amena, existencia onde se sabe amar, onde se contrahe doces affeições, onde existem laços dos mais nobres e leaes sentimentos.

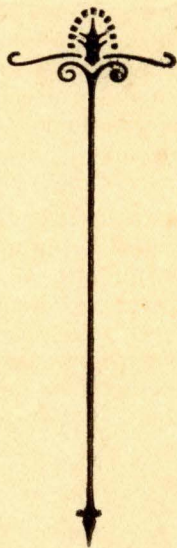
A poesia é um dom que attinge não só a individuos cultos, como a individuos incultos; estes, sentem, percebem pelo prisma da singeleza, esse mundo que se descortina na imaginação por entre decorações que surgem, e estabelecem parallelismo entre o objectivo e o subjectivo.

As *quadras populares* rio-grandenses, inspirações espontaneas dos nossos antigos gauchos, tocadores de viola, são merecedoras de estudos particulares, interpretativos de suas épocas, mórmente das em que floresceu essa escola do campo, sem mestre, em que suas producções gravaram-se na memoria do povo de parca instrucção, e chegaram até o presente pela tradição.

Assim, intactas, as *quadras populares* rio-grandenses, atravessaram idades, gerações, como elemento historico revelador de uma litteratura ingenita, o qual, pela vaidosa aristocracia das letras modernas, e do monótono *sonetar*, cahio em franco obsoletismo, e, consequentemente, excluidas por inutil, ante o soberbo *alexandrinismo* — syndroma *patho-litterario* das insurgencias metricas que effluiram na segunda metade do seculo XIX, e em franco predomínio neste primeiro quartel do seculo XX.



VOCABULOS INDIGENAS NA GEOGRAPHIA RIOGRANDENSE



SOUZA DOCCA

A guisa de prefacio

O trabalho que ora apresentamos é um simples ensaio. Seu principal objectivo é provocar a critica dos competentes. Sobre o assumpto pouco se tem escripto. Alem do precioso estudo de Theodoro Sampaio — *O Tupi na Geographia Nacional* —, que registra alguns nomes da geographia sul-riograndense, ha o de Alfredo de Carvalho — *Tuponymias tupis no Rio Grande do Sul* — que menciona 125 nomes, apenas.

Em nosso trabalho, sómente na letra *C*, registramos 150 vocabulos e na letra *T*, 170, colhidos em diversas obras e mappas, desde o anno de 1645, e que vão mencionadas na *Bibliographia*. Alem disso, fazemos, tanto quanto nos permittiu o tempo e o espaço que aqui devemos occupar, uma discripção minuciosa das cidades, villas, povoados, lugares, rios, arroios e serras, e damos uma pequena monographia de cada municipio estudado.

Com essa feição é este o primeiro trabalho que apparece sobre o Rio Grande do Sul e por isso, indubitavelmente, ha de ter algumas falhas.

Martius, o eminente sabio, a quem a nossa patria tanto deve, em sua interessante dissertação *Como se deve escrever a Historia do Brasil*, disse que „como documento mais geral e mais significativo deve ser considerada a *lingua dos indios*. Pesquisas nesta actualmente tão pouco cultivada esphera não podem jamais ser sufficientemente recommendadas, e tanto mais que as linguas americanas não cessam de achar-se continuamente em uma certa *fusão*, de sorte que algumas dellas em breve estarão inteiramente extinctas.“

E o douto *Th. Sampaio* accrescenta: „Quando isso não bastasse; quem é que, viajando a nossa terra, não se tomará de curiosidade a mais justificada e não indagará pelo significado de tantos nomes barbaros applicados aos lugares, ás regiões que vae atrvaessando?“

„Quem de nós não terá, por vezes, inquirido pelo significado de tantos nomes estranhos, cuja pronunciação já corre adulterada e cujo sentido já ninguém comprehende?“

São de Varnhagen os seguintes conceitos, externados nos *Breves Commentarios* á obra de Gabriel Soares, — *Tratado descriptivo do Brasil*, ao se referir á faina destruidora e confusa dos estropiadores da lingua indigena:

„*Sernambitibi* ou *Sernambitiba*, segundo a etymologia, é o verdadeiro nome do rio que de tantos modos se tem escripto. Cazal (ou o escripto que o guiou) chegou a adulterar este nome, não só em *Simão de Tyba* (II, p. 71), como logo depois (II, pag. 78) em *João de Tyba*! Estas e outras hão de chegar a convencer os nossos governos de que o conhecimento de um pouco da lingua indigena é para nós tão importante, para não escrevermos disparates, como o de um pouco de grego e latim. — A lingua guarani já está reduzida a escripta, e salva de perecer de todo, graças sobre tudo ao *Thesouro* e á *Arte e Vocabulario* de Montoya. E se não tratarmos de reimprimir estes livros e de os estudar, um dia os vindouros o farão; e nos chamarão a juizo por muitos erros em que houvermos cahido por nossa ignorancia; e por ventura por um pouco de philaucia em termos por linguas sabias e aristocraticas unicamente o grego e o latim.“

Th. Sampaio, a proposito do mesmo assumpto, cita estes dois casos typicos: „O nome *Nhandui*, de um chefe da tribu selvagem da Parahyba, significando — *uma pequena*, ou figuradamente *habil corredor*, converteu-se em *Jean Dovy*, na obra de Roulox Baro e é latinisado em *Jandovius* na obra de Barlaeus.

„Do nome Paracauri, que quer dizer — *papagainho*, depois alterado para Percaauri, com que se designava nos antigos roteiros, uma ponta de terra ao sul do Recife de Pernambuco, se fez mais tarde *Pero Cavarim*, como se lê em o Roteiro do Brasil de Gariel Soares, e depois ainda alterado para *Pero Cabarigo*, como se fôra inteção dos povoadores de perpetuar naquella aliás obscura localidade, o nome de alguma notabilidade daquelles tempos.“

Foi pensando nestes factos e meditando sobre os judiciosos conceitos de *Martius* e de *Varnhagen*, que, ao relatarmos o projecto dos estatutos de nosso Instituto, incluímos em suas cogitações, o cultivo da lingua dos indigenas.

E como testemunho da sinceridade e da convicção com que pensamos sobre o assumpto, apresentamos este modesto ensaio.

Souza Docca.

VOCABULOS INDIGENAS NA GEOGRAPHIA RIOGRANDENSE

ACEGUA — corr. *yaci-guá*, valle da lua, ceio da lua. Serra no municipio de Bagé, se estende de SE. para NO. desde a Serra Geral até a Republica Oriental do Uruguay, com a qual nos serve de divisa. Em seu dorso estão plantados os marcos divisorios. Tem 621.^m de alt.

Com aquelle nome existe uma importante zona pastoril no referido municipio de Bagé, onde possuiu uma fazenda de criação o brigadeiro Astrogildo Perreira da Costa. Este illustre riograndense, pelos relevantes serviços prestados ao paiz, especialmente na guerra com o Paraguay, foi agraciado, pelo governo imperial, com o titulo de Barão de Aceguá.

ACEGUA-CHICO — c. *yaci-guá* (valle da lua, em tupi) e *chico* (pequeno na lingua hespanhola). Cerro no municipio de Bagé, proximo á linha divisoria, aos 31° 52' 52" 74 de Lat. S. e 10° 55' 19" 92 de Long. O. O C. Engenharia escreveu *Aceguachia*.

ACRE — corr. *akir-y*, rio verde. Linha colonial no municipio de Santo Angelo.

AGUAPÉ — corr. *guapé*. M. Soares deu a traducção á *aguapé* de redondo e chato, alludindo ás folhas das nymphéas que abundam em nossas lagoas. *Aguá* ou *guá*, redondo, circular, curvo; *pé*, contr. de *peba*, chato, plano, nivelado. E' o aguapé uma especie de lyrio aquatico, de brancas flôres, com o calice da corolla ás vezes roxo, ás vezes roseo. Diz o dr. Bernardino de Souza: „O *aguapé* é uma trama e tecido vegetal composto de plantas aquaticas que medram a superficie das aguas dos lagos ou pantanaes, e que, unindo-se e apresilhando-se, formam seguro estendal, que sustenta até um homem deitado sobre o mesmo.“

Existem no Rio Grande do Sul dois arroios com aquelle nome. Um delles corre no municipio de Conceição do Arroio e desagua na lagoa Palmitar, e o outro nasce na estancia de Bella Vista, em um dos contrafortes da serra de S. Martinho, e depois de regar parte do municipio de Julio de Castilhos, se lança na margem direita do Toropy, abaixo da foz do Caneleira.

AGUAPEHY — c. *aguapé-y*, rio dos aguapés ou das nymphaeas. Arroio no municipio de S. Borja. É mais conhecido por Piauihy. Vid. este nome.

ALBERY — Assim DAS, *Camargo, Varela, Max Bes.* e *Oct. For.* registram, erradamente, a antiga denominação do actual rio Guarita. O engano desses autores ou talvez do primeiro delles vem, sem duvida, da consulta ao Mappa manuscripto construido pelos Commissarios hespanhoes, depois da segunda demarcação, onde figura aquella designação, por haver sido tomado por *Al* a letra *M* do nome Mberuy, como era então chamado aquelle rio, visto que aquella letra tem nos mappas antigos esta forma — *M*, mui semelhante a *Al*, o que tem occasionado muitas confusões. Vid. *Mberuy*.

ALBUTIAHY. — Assim figura no mappa de *Cabrer*, o nome do actual rio Santa Rosa, certamente por engano do copista ou do gravador, ao ler a denominação *Imbutiahy*, dada ao mesmo rio pelos demarcadores de 1759. DAS copiou *Cabrer*.

ALBUTUHY. — Incorrendo no erro acima referido quando tratamos do Alberý, isto é: tomando por *Al* a letra *M*, Silv. Peixoto assim registrou o nome do actual rio Comandahy, em vez de *Mbutuhy*, como era conhecido no seculo XIX. DAS e *Varela*, copiaram o autor citado. No Mappa demonstrativo da linha de operações do exercito imperial no anno de 1841 e no *Mappa Argentino* de 1865, tambem se lê *Albutiahy*.

AMANOHA. — Assim se lê no Mappa da Comarca de Palmas, no de *Cunha Lopes* e no da *DOP.*, o nome do arroio *Manuá*.

ANANDUHY. — Está assim escripto o nome do *Inhanduhy*, na concessão de sesmaria feita, em 1816, a Antonio José Monteiro.

ANDUHY. — Está assim escripto o nome do *Inhanduhy*, na concessão de sesmaria feita, em 1818, a Helena Maria da Silva.

ANHACUÁ — c. *anhã-quá*, o buraco do phantasma. *Anhá* ou *anhangá*, como escreveu G. Dias, significa genio ou espirito que voa.

Com aquelle nome existe uma cachoeira no municipio de S. Thiago do Boqueirão, formada por um tributario do Itacuruby.

AÑACIBA. — Assim está graphado no mappa de *Reyes*, o nome do *Inhandijú*, affluente do Jaguary.

AÑACORÁ. — Assim está graphado no *Mappa Argentino* o nome do *Inhacorá*.

ARAÇÁ — c. *ara-aça*, estação, época, segundo *B. Caetano* que attribue esse termo a uma allusão ao facto de apparecer o fructo do psidium em tempo proprio. *Ap. Porto Alegre*.

porém, com aquella sagacidade e penetração que lhe eram peculiares, depois de referir que os indigenas brasileiros davam á goiaba o nome de araçá-guassú e que ao araçá propriamente dito chamavam araçá-mirim, diz: „Quem observar a goiabeira e o araçazeiro com alguma attenção ha de notar que seus ramos, cruzando-se, formam figuras quadrilateraes, verdadeiros paralelogrammos. Parece-me que esta tetragomia tão visivel não escapou ao olhar penetrante do indio. Assim araçá compor-se-á de *ara* por *ibirá* que, alem de significar arvore designa ainda páo, madeira, galho etc., e de *haçá*=*taçá*, passar, atravessar. *Araçá*, pois, quer dizer arvore de galhos que se atravessam, que se cruzam.

Com aquelle nome existem no Rio Grande do Sul os cinco arroios seguintes: affluent do Vaccacahy Mirim, no municipio de Cachoeira; affluent do Castelhana no municipio de Venancio Ayres; affluent do Gravatahy, no municipio deste nome; affluent do Fão no municipio de Lageado; affluent do Guahyba no municipio de Porto Alegre e serve de divisa entre este municipio e o de Dores de Camaquã, onde nasce, desde o ponto em que recebe as aguas do Guará, até sua embocadura. Corre, segundo *DOP.*, primeiramente de O. para E e depois na direcção de NE até se lançar no Guahyba. *Cunha Lopes* o figura na direcção NE desde a nascente até a foz e dá-lhe o curso de 50 Kms. *DOP.* attribue-lhe menos 15.

Ainda no Lageado existem com o nome de *Araçá*, uma estrada e uma linha colonial e no municipio de Cachoeira uma extensa varzea e uma picada; em S. Leopoldo um capão e em Porto Alegre um passo, no arroio do mesmo nome.

ARARICÁ — corr. *arara-icá*, o tronco das araras. Antiga denominação do actual Vaccacahy Mirim. No *Mappa das Cortes*, figura com esse nome o actual rio Turvo.

„A nova linha divisoria meridional“ escreveu Rio Branco, „depois de alcançar, partindo do mar, as cabeceiras dos rios que correm para o Rio Grande e Jacuhy, seguia por ellas, passava por cima do rio Araricá, affluent do Jacuhy e das do Piratini e Ibiminy, affluentes do Uruguay e seguia até a margem esquerda deste rio em frente a foz do Pepery-Guaçú.“

ARARUPÁ — corr. *arara-upá*, a lagoa das araras. O conego *Gay*, porém, traduziu: cama do dia. Por esse nome era conhecido o actual arroio Sujo, tributario do Uruguay, segundo se vê no mappa que acompanha os Annaes de S. Leopoldo, e no demonstrativo da linha de operações do exercito imperial no anno de 1841.

ARARY — corr. *arara-i*, ararazinha. Logar, cochilha e fazenda no municipio de S. Luiz Gonzaga. Ahi, aos 28° 17' 45"

de Lat. S. e aos 11° 42' 40" Long. O do Rio, foi locado um ponto, exclusivamente com o fim de resolver o problema da visibilidade. Caçador — S. Luiz.

ARERUNGUA — corr. *arara-anguá*, o rumor das araras ou dos papagaios. Antiga denominação do actual rio *Inhanduhy*.

ASSUHY — c. *acú-y*, sanga grande. Sanga tributaria do Chimbocuzinho. Corre entre as estradas de S. Borja e a dos Coqueiros.

BABERAQUÁ. — Assim *Oct. Far.* registrou o nome da serra de *Baeberaquá*. O Capitão Lauro d'Oliveira, no relatório que apresentou ao chefe da C. C. G. B., adoptou aquella graphia.

BABIRACUÁ. — Está assim escripto o nome do cerro de *Baeberaquá*, na concessão de sesmaria feita, em 1789, a Ambrosio José de Freitas. Na concessão de sesmaria feita, em 1790, ao padre José Ignacio dos Santos Pereira, está também assim escripto o nome da serra de *Baeberaquá*.

BACACAHQUÁ. — Assim *Cunha Lopes* e *DOP.* registram o nome da lagôa *Vaccayquá*.

BACACAHY-GUAZÚ. — Assim figura o nome do *Vaccacahy* no Mappa manuscripto construido pelos commissarios hespanhoes, depois da segunda demarcação.

BACACAHY MINI. — Assim está registrado o nome do *Vaccacahy Mirim*, no mappa acima referido e no Diario da Expedição do Gomes Freire de Andrada.

BACCAVERÁ. — Palavra hybrida c. *vacca-berá*, vacca luzidia ou vacca gorda, se tomarmos luzidio como allusão ao pello da rez gorda.

Cochilha no municipio de Julio de Castlhos.

BACOPARY. — Nome commum de varias especies de arvores e arbustos pertencentes a diversas familias. A existente no Rio de Janeiro diz B. Rhoan que é uma guttifera (*garcinia brasiliensis*) e a de Goyaz, segundo *St. Hil.* é uma sapotacea.

Aulete, registrou tres especies: bacopary do campo (*calipsó campestris*); bacopary da capoeira e bacopary do matto, ambos das guttíferas. *Al. Pinto*, também menciona essas tres especies.

Neste Estado existe o bacopary do campo e o do matto. Seus fructos são mui apreciados. Tanto a casca do fructo como a da arvore são empregados em gargarejos, como especifico contra as inflammções da garganta (J. Dutra).

Bacopary é, segundo Th. Sampaio, alt. de *ibacurupari*, que por sua vez é corr. de *yba-curú-pari*, o fructo revestido de pontas ou cheio de asperezas (*Platonia insignis*).

A *platonia insignis* de Mart. é o bacory ou baccuari brasiliensis e não o bacopary (*Rheedia gardeneriana*) que elle chama bacoparé, bacuri mindo brasiliens.

Teschauer registra que a *Rheedia macrophila* é que é o bacopary. Para Mart. a *Rheedia macrophila* é o bacuri ou bacori-pari paraensium, que attinge até 16 metros de altura, enquanto que o bacopary raramente se eleva a 5 metros.

B. Pena o confunde com o buranhen.

O fructo do bacopary apresenta as vezes em sua casca rugosidades ou asperezas, em consequencia, sem duvida, de alguma alteração, visto que normalmente sua casca é lisa e lustrosa.

Martius registrou em seu *Glossaria Linguarum Brasiliensis* que bacori ou bacury é contracção de bacopary e que esta arvore é a *platonia insignis*. Na *Flora Brasiliensis*, porém, existem, bem caracterisadas, as distincções que acima registramos.

Possuimos o exemplar de *La Republica del Paraguay* por du Graty, que pertenceu á Appolinario Porto Alegre. Este erudito americanista annotou á pag. 295 desse livro, na palavra *Pacuri*, que a arvore conhecida por esse nome no Paraguay, é a que denominamos bacopary.

Claudio Abbenville na *Histoire de la Mission des Capucins de l'isle de Maragnon* (Paris, 1614) á pag. 222 dá o nome de *pacoury* á arvore que Martius denominou *Platonia insignis*.

No Rio Grande do Sul existem dois lugares com o nome de Bacopary: um no municipio de Conceição do Arroio e o outro, no de Montenegro.

BAEBERAQUÁ — c. *bae-berá-quá*, o buraco das cousas brilhantes. Serra. Constitue, segundo alguns geographos uma ramificação da Cochilha Grande, desde o cerro das Palmas até ao do Taboleiro. O dr. Simch, porém, opina que é um esgalhamento da Serra do Herval, e fundamenta seu juizo na constituição geologica daquella serra, que é formada de schistos crystallinos e phyllitos.

A referida serra se estende na direcção N. S. e serve de divisa entre os municipios de Lavras e S. Gabriel.

BAGÉ — alt. *ibagé*, que é corr. de *Y-pagé*, o rio do feiti-ceiro ou do solitario. Em meados do XVIII seculo vivia em um cerro proximo á actual cidade de Bagé, um velho indio charrua, que não obstante viver isolado, era docil, tratavel e hospitaleiro, segundo a tradição, o que, entretanto, não impedia que fosse temido e respeitado. O pequeno arroio que desce do lado oriental do cerro onde o velho charrua tinha sua *oca*, era então conhecido por *Ybagé*, segundo se lê em antigos documentos existentes no archivo publico deste Estado.

O municipio de Bagé, que fica situado em nossa fronteira com a Republica Oriental do Uruguay, é um dos mais importantes do Estado do Rio Grande do Sul. Sua séde é na formosa cidade de seu nome e que occupa entre suas principaes irmãs um lugar de destaque, não só pela população como pela belleza de suas construcções. Está assentada em uma emi-nencia de 209 metros sobre o nivel do mar.

E' banhada pelo arroio que lhe deu o nome e que é tribu-tario do Rio Negro, onde se lança, depois de um curso de 5 kilometros na direcção de N. para S.

Ainda com o nome de Bagé existe proximo á referida cidade um cerro e duas estações de estrada de ferro: uma da *P. A. U.* no Klm. 581, ramal de Bagé, e a outra da *Southern*, no Klm. 283.

A cidade de Bagé teve sua origem em uns ranchos ali deixados, em 1811, pelo exercito que sob o commando de d. Diogo de Souza, seguiu para o Estado Oriental do Uruguay, em soccorro do vice-rei Xavier Elio. Ao rancho que pertenceu ao então coronel Alexandre Eloy Portelli, que falleceu no posto de marechal de exercito em 1838, foi recolhida a imagem de S. Sebastião, para ahi transportada do povoado deste nome.

Em 1814 foi creado o curato de S. Sebastião de Bagé; em 1846, lei n.º 64, de 5 de junho, foi elevada á categoria de villa, com o mesmo nome. Elevada á cidade pela lei n.º 443 de 15 de dezembro de 1859.

Ao ser creado o municipio pela lei provincial n.º 65, de 5 de junho de 1846, foi estabelecido que seus habitantes fica-vam obrigados a construir, coadjuvados pela respectiva camara, a sua custa e sem auxilio do cofre provincial, a Casa da Camara e a Cadeia.

Os limites do actual municipio de Bagé são os seguintes: com Caçapava, pelo Camaquam do Sul, desde a fóz do arroio Velhaco até a do Camaquam do Hilario; com Lavras, ainda pelo referido Camaquam desde o ultimo ponto citado á em-bocadura do Ibirá-Mrim e dahi até o ponto em que este corta o meridiano de 11.º; com D. Pedrito ainda pelo Ibirá Mirim até suas nascentes e d'ahi pela estrada geral, que se estende ao longo da Cochilha de Haedo até encontrar a fronteira com a Republica do Estado Oriental do Uruguay; com este paiz, pela respectiva linha divisoria desde o ponto em que é cortada por aquella estrada até a barra do Candiota; com o municipio do Herval, pelo mencionado Candiota, que ainda o separa do municipio de Pinheiro Machado, desde suas nascentes na cochilha de Santo Antonio Velho e dahi pelo Velhaco até sua barra no Camaquam do Sul.

Os terrenos de Bagé são de formação primitiva, do período cambriano e carbonífero. Quanto á natureza são suas terras argillo-calcareo-humosas, argillo-selicosas. Constan em sua maioria de excellentes campos de criação, onde vivem milhares de bovinos, equinos e lanigeros, das mais afamadas raças.

O territorio do municipio em apreço é ondulado, especialmente ao N. em todo o leito do Camaquam, que ahí corre em altitudes de 300 metros; no centro se eleva até cerca de 600 metros; na divisa com a Republica do Uruguay a cerca de 200 e á L. baixa de 200 para menos de 100, especialmente no curso inferior do Candiota. Nos limites com a Republica do Uruguay predominam os banhados e bem assim ao longo do leito do Pirahy e nas cabeceiras dos ultimos affluentes da margem esquerda do Rio Negro em nosso territorio.

Posição astronomica. São as seguintes as coordenadas da cidade e de outros pontos do municipio:

Cidade (igreja):	31° 20' 14"	de Lat. S. e	10° 55' 38"	de Long. O.
Cerro de Bagé:	31° 21' 43"	de Lat. S. e	10° 57' 24"	de Long. O.
Cerro do Paiva:	31° 31' 21" 62	de Lat. S. e	11° 16' 34" 45	de Long. O.
Umbu:	31° 35' 21" 45	de Lat. S. e	10° 54' 50" 57	de Long. O.
Acegua Chico:	31° 52' 52" 74	de Lat. S. e	10° 55' 19" 92	de Long. O.
Tres Cerros:	31° 09' 37" 14	de Lat. S. e		
Cerro do Malereado:	30° 54' 44" 01	de Lat. S. e	10° 30' 54" 27	de Long. O.

Altimetria. As altitudes dos diversos pontos do municipio estão entre 100 metros até cerca de 600, no centro. (Serra de Santa Tecla).

Hydrographia. O systema hydrographico do municipio de Bagé pertence uma pequena parte á bacia occidental do Estado, que ali tem como representante o Rio Negro e seus affluentes, e á bacia oriental, representada por parte do Camaquam e do Jaguarão. (Vide estes nomes).

Os affluentes do Rio Negro em nosso territorio são (m. d.):

a) *Quebracho*, nasce na Serra de Santa Tecla, donde desce rumo a SSO., recebendo pela m. d. o Quebrachinho. Seu curso é de 35 Klms.

b) *Bagé* (Vide este nome).

c) *Banhado do Salso*.

d) *Banhado do Bocarra*.

e) rio *Pirahy* (Vide este nome).

f) arroio *S. Luiz*, que nos serve de limite com a Republica do Uruguay.

Pela m. e. recebe o Rio Negro entre outros tributarios:
 g) sanga dos *Gabrieis* que nasce no Umbú e corre para NO.
 h) sanga do *Salso do meio*.

Os tributarios da bacia secundaria do Camaquam no municipio de Bagé são os seguintes, todos na margem direita:

a) *Tigre*, nasce na Serra de Santa Tecla e corre para N. até sua foz, depois de um curso de cerca de 35 Klms.; recebe o Colorado pela m. e. e o banhado do Forno Velho, pela m. d.

b) *Arroio do Meio*, com 10 Klms. de curso, correndo de S. para N.

c) *arroio das Palmas*, nasce na Serra de Santa Tecla e corre para N. até sua foz; recebe na m. e. o Trahiras. Seu curso é de 39 Klms., pelos dados da C. C. G. B. Segundo *DOP.* e *C. Engenharia*, cerca de 35.

d) *Lageado*, com 10 Klms. de curso, correndo para NNE.

e) *Lixiguana*, com 20 Klms. de curso, correndo para NNE.

f) *Velhaco*, tambem conhecido por *Torrinhas*, nasce na Cochilha de Santo Antonio Velho e corre na direcção geral de S. para N. até sua foz, depois de um curso de 105 Klms., em leito tortuoso, cavado em terreno accidentado; margens escarpadas e coberta de matto em alguns pontos. (C. C. G. B.).

Os tributarios do Jaguarão no municipio de Bagé são na m. d.:

a) *Jaguarão Chico* (Vide este nome), que recebe as aguas do Sarandy unidas ás do Minuano.

b) *arroio Mina*, que nos serve de limite com a Republica do Uruguay.

c) *Candiota*, que nasce na serra de Santa Tecla e corre em direcção geral de N. para S. até a barra, depois de um curso de 70 Klms. servindo de divisa em toda sua extensão com o municipio de Jaguarão. Recebe pela m. d. as aguas de grande quantidade de correjos. Entre esses pequenos tributarios se salientam o arroio Seival, com cerca de 20 Klms. e o Tigre, com 15.

Existem no municipio os seguintes passos: do Hilario, no Camaquam deste nome; das Mortes, no Quebracho; do Rei e da Carpintaria, no Rio Negro; das Trahiras, do Tigre, do Candiota, nos arroios desses nomes e do Lageado, no Jaguarão.

Limnographia. Entre as lagôas do municipio devem ser mencionadas: a do Molho, do Duarte, das Eguas, Formosa, Lagoão e Vimes.

Banhados: do Forno Velho, da Carpintaria, Lixiguana, Caneleira, Salso, Bocarra, Grande, do Carneiro e do Ivo.

Orographia. E' o municipio de Bagé atravessado pela Serra de Santa Tecla e percorrido pelas cochilhas da Tuna,

do Haedo e do Santo Antonio Velho. Conta os seguintes cerros: Aceguá, Aceguá Chico, Agudo, Alegre, Bahu, Caldeira, Candal, Carpintaria, dos Quietos, Vigia, Vigiadeiro, Mina, do Ouro e Malcreado, que deve seu nome a um velho indio que ahi viveu, conhecido por essa antonomasia.

O clima do municipio de Bagé é salubre. Sua temperatura maxima absoluta observada no decennio de 1912 a 1921, foi de 39,1 em 18 de janeiro de 1917 e a minima de 4,9 em 21 de junho de 1919. A media da altura das chuvas em m/m. foi no referido decennio de 1380,0.

O municipio em apreço que é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao 3.º districto eleitoral, composto de 23 municipios, conforme a lei n.º 3208, de 27 de dezembro de 1916. É a séde da Comarca de seu nome (III entrancia) e da qual fazem parte os municipios de Lavras e Pinheiro Machado. Pertence ao bispado de Pelotas. Compõe-se de 8 districtos administrativos: 1.º Bagé (22 423 almas), creado em 13 de outubro de 1815; 2.º Pirahy (1214 al.), 3.º Olhos d'Agua (2422 al.), 4.º Palmares (2712 al.), 5.º Jaguarão Chico (4990 al.), 6.º Rio Negro (2677 al.), creados por acto municipal de 12 de dezembro de 1897; 7.º Candiota (3739 al.), creado em 21 de agosto de 1909 e 8.º S. Martim (2283 al.), creado em 31 de agosto de 1916.

O movimento do registro civil no anno de 1922, foi o seguinte:

População em 31-12-922	Nascimentos	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
42 460	1 184	978	294	27,88	6,92	22,50

Sendo a area do municipio de 7414 Kms.² a densidade da população era por Klm.² de 5,96.

O numero de predios existentes em 1920 era de 3123, que se elevou para 3639 em 1921 e em 1922, para 3735, dando assim a densidade de 11,37 habitantes para cada casa.

A população pecuaria do municipio calculada em 1922, foi a seguinte:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	426 400	43 492:800\$000
Equinos	46 500	2 790:000\$000
Muare	6 600	660:000\$000
Suinos	22 000	770:000\$000
Ovinos	375 000	7 500:000\$000
Caprinos	2 250	22:500\$000
Total	878 750	55 235:300\$000

Entre os diversos productos agricolas do municipio, figuraram em 1923, milho, feijão, arroz, trigo e batata inglesa, respectivamente, com 7200, 820, 160, 400 e 80 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado em 1924, Bagé figura entre os municipios do primeiro grupo, isto é, entre os que tem area de mais de 600 000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em Hectares	Valor venal	Valor medio
3 665	727 257	104 619:200\$	143\$857

A receita e a despeza do municipio em 1924 foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despeza		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extra-ordinaria		Ordinaria	Extra-ordinaria		
50:123\$	942:671\$	1 567:320\$	2 560:114\$	990:469\$	1 546:372\$	2 536:848\$	23:266\$

Vias de Comunicação. O municipio é servido pelo ramal ferreo de seu nome e que ahi conta as seguintes estações: Candiota, Santa Rosa, Rio Negro, Santo Antonio, Quebracho, Industrial, Santa Thereza, Bagé, S. Domingos, Colorado.

E' atravessado em todas as direcções por diversas estradas de rodagem, entre outras: á Caçapava (divisa do Camaquã) 79 Klms.; á Lavras (divisa do Camaquã) 79; ao Estado Oriental, pelo Aceguá, 79; ao Passo S. Luiz, 46; á Pinheiro Machado, 66; á D. Pedrito, 92; á Jaguarão, 211. As distancias foram calculadas a partir da séde, que está tambem ligada ás seguintes localidades por estradas de escoteiro: Serrihada, guarda 79 Klms.; S. Luiz, passo, 52; Livramento, 194; Mina, guarda, 86; Lavras, 119; Candiota, passo, 50; Passo geral do Rio Negro, 26; Salso, no rio Jaguarão, 53; Passo dos Carros, no Candiota, 66; dos Enforcados, no Camaquã, 92; Passo de Delabary, 40; Passo do Viola, no Pirahy, 33; Passo dos Carros, no Pirahy, 40; Passo do Acampamento, no Pirahy, 30; Passo do Valente, no Rio Negro, 17; Passo do Lageado no rio Jaguarão, 36; Passo da Ferreira, no Santa Maria, 40; Ilha S. Luiz, na linha divisoria, 58; Embocadura do Rio Negro, 53; S. Gabriel, 132; idem, por Lavras, 171; Villa do Herval, 158; Porto Alegre, 461; sendo 228 por via ferrea e 233 por agua: Rio Grande 283, por via ferrea; Santa Maria, 320, por via ferrea.

O numero de vehiculos registrados em 1922 era de 1962, assim discriminados: Automoveis, 366 sendo 350 de passageiros e 16 de carga; carretas de 2 rodas, 384; carros de 4 rodas, 128; carroças 620, sendo 576 de 2 rodas e 44 de 4; carretões, 166; breacks, 25; jardineiras, 2; aranhas, 190; outras especies, 81.

A estação do telegrapho em Bagé, que é de 2.^a classe e dispõe de 4 aparelhos *Morse*, faz parte do 20.^o districto telegraphico. Em 1921 transmittiu 34 125 telegrammas, com o total de 596 128 palavras e recebeu 65 292 com 1 592 226 palavras. A receita foi de 170:243\$535 e a despesa de 54:608\$239.

Em 1923 contava 72 estabelecimentos de ensino, sendo 1 collegio elementar, 2 escolas isoladas, 14 escolas providas pelo governo estadual, 20 municipaes e 35 particulares. Sobre a instrução ahi ministrada organisamos o seguinte quadro:

População do municipio	População escolar	Alumnos matriculados	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alumnos matriculados por 1000 hab.	Alumnos matriculados para 1000 em idade escolar	Alumnos matriculados em relação a area do municipio
42 460	8 152	3 285	192,9	79,67	402,98	0,46 por Klm. 2

Sobre a imprensa do municipio a noticia mais remota que temos é do jornal a *Aurora de Bagé*, que ali appareceu em 10 de setembro de 1861 e foi publicada até novembro de 1862. Posteriormente appareceram os seguintes periodicos: *Bageense* (de setembro de 1863 a 1864); *Ramalhete*, (1863); *Astrea* (1867); *Arauto* (1868—1870); *Opnião* (1868); *Razão* (1870—1873); *Prelo* (1872); *Correio do Sul* (1874—1883); *União Liberal* (1885 a 1890); *Diario de Bagé* (1885—1887); *Independente* (1883—1892); *Infantil* (1888); *Santelmo* (1888); *Quinze de Novembro* (1890 a 1893); *Zephyro* (1890); *União Nacional* (1890—1892); *Beijo* (1891); *Vedeta* (1892); *Bageense* (1895); *Commercio* (1894—1896); *Gazeta da Manhã* (1895—1896). Em 1902 eram ali publicados a *Evolução*, e o *Jasmim* e actualmente: o *Dever*, fundado em 1900; *A Tradição*, *A Dor Humana*, *O Arauto Christão*, fundados em 1920; *Liga Nacionalista Bagé*, *A Lyra*, *Solidariedade Obreira*, *Phenix* (revista) fundados em 1921 e *O Imparcial*, em 1922.

Em Bagé existiam em 1921 quatro associações de beneficencia e soccorros mutuos:

	Data da fundação	No. de socios	Receita	Despeza	Activo ou 31-12-1921
Sociedade Benificente Hespanhola	1868	113	12:065\$	8:702\$	94:389\$
Associação dos Soccorros Mutuos Protectora dos Artistas	1883	187	920\$	3:512\$	30:922\$
Liga Operaria Benificente	1914	172	321\$	1:127\$	4:316\$
Sociedade Benificente Syro Libaneza	1917	41	1:184\$	780\$	1:276\$

Existe ainda o Asylo de S. Benedicto, onde em 1924 estavam recolhidas 43 meninas. A receita nesse anno foi de 24:254\$500 e a despeza de 28: 647\$500. O activo em 31 de dezembro era de 31:000\$000.

Existem dois theatros na cidade de Bagé: o *Colyseu*, inaugurado em 19 de novembro de 1915, com lotação para 2172 pessoas, e o *Theatro Avenida*, inaugurado em 23 de outubro de 1921, com lotação para 1205 pessoas.

BAIBERAQUÁ. — Assim S. Leopoldo registrou em seu mappa o nome da serra de *Baeberaquá*.

BAIQUAY — c. *bae-quay*, o que governa, o que manda: *Chequai*, mandam-me; *Ayoquai*, eu mando. Arroio, nasce na cochilha de Santa Helena, corre de L. para O. em leito firme e pouco largo, tendo fraca vegetação em ambas as margens, até sua foz no Quarahy Mirim, depois de um curso de 12 Klms. segundo *DOP*. Nos relatorios da C. C. G. B. figura com o nome de *Mancarrão* e com 15½ Klms. de curso. Cunha Lopes eleva esse n.º para 20. O C. Engenharia tambem dá essa extensão e escreve *Mancarricão*.

BARAMIRY. — Está assim escripto o nome do *Ibiro-caysinho*, na concessão de sesmaria feita em 1815 a Thomaz Ferreira Valle.

BATOBY. — Assim Gay graphou o nome do cerro de *Batovy*. Nas concessões de sesmaria feitas em 1811 a João Guilherme Jacques e a Manoel Ignacio Henriques, tambem está escripto daquella fórma.

BATOHY. — Está assim escripto o nome do cerro de *Batovy* na concessão de sesmaria feita em 1816, a Manoel Ignacio Henrique.

BATOVY — corr. *ybá-t-oby*, a fructa verde ou de *ybatyb-y*, o rio do pomar ou do cannavial. (Th. Sampaio).

Cerro no municipio de S. Gabriel, é a maior elevação ahi existente, está situado aos 30º 32' 14" 28 de Lat. S. e 41º 18' 24" 57 de Long. O. do Rio de Janeiro.

Denominação local da serra do Herval, pertencente ao 3.º grupo do systema orographico do Estado, segundo a divisão de Camargo. Passa pelos municípios de S. Gabriel e de Lavras. Ainda no município de S. Gabriel existiu uma grande fazenda com aquelle nome, e no rio Ibicuhy, ligando os municípios de Alegrete e S. Francisco de Assis, existe um passo com a mesma denominação.

BATUVY. — Assim *DAS* graphou o nome daquelle cerro.

BAVEBERAQUERA. — Está assim escripto o nome da serra de *Baeberaquá*, na concessão de sesmaria feita em 1793, ao tenente João Ferreira d'Oliveira.

BERIVA — alt. de *biriba*, que é por sua vez corr. de *mbirib*, curto, breve. Nome de um cacete usado na Bahia, feito de pau beriba. No Rio Grande do Sul são alcunhados *berivas* os habitantes da região serrana e os paulistas. Significa também homem desconfiado, matuto; pessoa exagerada em seus melindres.

Nome de uma arvore do Brasil da familia das *anonacéas*, abundante na região serrana sul riograndense e nas grandes mattas paulistas.

Com aquelle nome existem no Rio Grande do Sul tres arroios: um delles é affluente do Rio Pardo no município de Santa Cruz; o outro, tributario do Ibicuhy, no município de Santa Maria e o outro do Carreiro, em Guaporé, onde existem com a mesma denominação um lugar e um cerro.

BIBARAQUÁ. — Está assim registrado no mappa de Dreys o nome da serra de *Baeberaquá*.

BIBÓCA — corr. *yby-boca*, terra esburacada, fendida, rasgada. Buraco feito pelas exurradas ou pelas aguas subterraneas: as chuvaradas deixaram a estrada cheia de *bibocas*. Montoya escreveu *ibibóg*—abertura na terra. Terreno brenhoso e de difficil transito (*B. Rhoan*); barrancos dando para lugares cheio de pedras e mattos (*Romaguera*) ou de accesso penoso: Os colonos de Guaporé têm suas lavouras em verdadeiras *bibocas*.

Casinha de palha, casebre de barro (*H. Mello* e *M. Soares*). E' neste caso, segundo *Th. Sampaio* c. *yby-b-oca*, casa de terra ou de barro. „O pobre homem mora numa *biboca*, o mais sordido dos pardieiros que é possível imaginar“ (*Taunay*, cit. por *Teschauer*).

Nome de um lugar no município de Cacimbinhas, hoje Pinheiro Machado, e de um arroio tributario do Lagoão, no município da Soledade.

BIGUÁS — corr. *pi-gua*, o pé redondo; palmipede do genero carbo (*c. brasiliensis*). Passaro pescador de plumagem

preta (*Schupp*). *Teschauer* diz que é corr. de *mbi-guab*, de pés pennugentos. *Montoya* registrou *mbiguá*.

O plural correcto de biguá, é biguaetá, visto que a pluralização em tupi é feita pospondo-se os adjectivos *etá*, *cuera* ou os suffixos *guera*, *cuéra*, *qué*, *cué*, como no guarani antigo.

Nome de uma ilha, uma cachoeira no rio Uruguay e de um arroio tributario do mencionado rio, tudo no municipio de Santo Angelo.

BITUCA — corr. *ybytu-caá*, vento ou aragem do matto. Porto no rio Cahy, no municipio de Triumpho.

BOIGUASSÚ — corr. *mboy-guaçú*, cobra grande; serpente, se tomarmos guassú como adjectivo.

Sanga no municipio de Alegrete, tributaria do Ibirocahyzinho.

BOIPETIBLA. — Assim os jesuitas João Lobato e Jeronymo Rodrigues, escreveram o nome do actual rio *Mambituba*.

BOSSOROCA — corr. *yby-soroca*, terra fendida ou rasgada. Sanga, rincão e passo no municipio de S. Sepé.

BOTUCARAHY — corr. *ybyty-caray*, o monte santo ou sagrado. (*Th. Sampaio*). É uma das denominações locais da Serra Geral. Com esse nome atravessa os municipios de Rio Pardo, Cachoeira e Soledade.

Rio — nasce na serra de seu nome nos campos do Sobradinho e corre para S. quase em linha recta, até se lançar no Jacuhy, depois de um curso de 75 Klms. Serve de divisa entre o municipio de Soledade e o de Rio Pardo, desde sua nascente até receber as aguas do arroio Conductor e d'ahi em um percurso de 20 Klms. para o S. entre o referido municipio de Rio Pardo e o de Cachoeira. Tem como affluentes, pela margem direita, a partir de sua origem os seguintes arroios: Conceição, Buraco, que é engrossado pelo do Meio, Altercado, Euphrasio, que recebe as aguas do Bonito, a sanga dos Pinheiros, reforçada pela Cadorna, a das Cabras e mais os arroios Taquara, Verde e Sexto que tem como affluente o Forte e, finalmente, o Picada. Pela margem esquerda recebe as aguas dos arroios Lindo, Grande, Divisa, Fachinal, Gardinha, Lorangeiras, D. Chiquinha, Anastacio, Saldanha, Victor Portuquez e Cabral.

Ainda com o nome de Botucarahy existe uma lagôa no municipio de Cachoeira e um cerro no de S. Gabriel aos 29° 42' 23" de Lat. S. e 9° 40' 01" de Long. O., onde residiu o celebre embusteiro José Maria de Agostine, intitulado monge, e que depois se transportou para o Campestre.

BUJURÚ — corr. *ybú-jurú*, a bocca da fonte (*Th. Sampaio*). *boya-jurú*, a bocca da cobra (*Martius*).

Districto, povoação, arroio e lagôa, em S. José do Norte. Ponta e pharol na lagôa dos Patos, aos 31° 29' 13" de Lat S. e 8° 25' 22" de Long. O., em frente á barra do rio Camaquã a 21,^m12 de altitude.

BURATY — alt. de *Burity*. Arroio, cascata e linha colonial no municipio de Bento Gonçalves. O arroio, que também é conhecido por Buralé, desagua no rio das Antas.

BURICA — alt. *mburicá*, jumento, mula ou macho. Ilhotas na corredeira do mesmo nome no rio Uruguay. Arroio, nasce nos campos de Santo Angelo e corre na direcção geral de SSE. para NNO., e depois de um curso de 60 kilometros se lança no Inhacorá, formando o rincão deste nome.

Cunha Lopes, o registra com o nome de Barrica e DAS, o chama Burricá e diz ser affluente directo do Uruguay.

Resende também escreveu Burricá.

BURITY — corr. *mbîriti*; alt. *miriti*, *muriti* (Th. Sampaio). A mais alta das palmeiras do Brasil. Na Bahia chamam-na *Bury*. É a *mauritia venifera* de Mart. Tem tronco liso sem espinhos e que fornece, pela incisão, um succo vinhoso excellente (*Al. Pinto*). Suas folhas abrem em formoso leque. A esta elegante palmeira Affonso Arinos consagrou uma das bellas paginas de seu grandioso livro *Pelo Sertão*.

O dr. Ernest, cathedratico de historia natural na universidade de Caracas, cit. por *Teschauer*, assim deriva este nome do tupi: *muriti* e, *mbur*, alimento e *iti*, arvore (arvore alta), que elle traduz por arvore alta de alimento ou arvore da vida.

Nome de um arroio affluente do Vaccacahy, no municipio de S. Sepé, onde existe com a mesma denominação uma varzea e um passo.

Rincão na Eneruzilhada e lugar em Santa Cruz.

BUTLÁ — corr. *iba-taúá*, *fructa amarella*. Especie de coco pequeno.

Nome de cinco arroios. Um delles é tributario do Jaguarão, nasce na cochilha de seu nome, proximo do lugar denominado *Guarda Nova*, a cerca de 7 Kilometros da villa do Herval; outro desagua no rio dos Sinos e serve de divisa entre os municipios de S. Leopoldo e Taquara, mais conhecido por Arroio Grande, também denominado Arroio Grande da Guarda; outro no municipio de S. Jeronymo, nasce na encosta da serra do Herval e corre para N. até se lançar no arroio dos Cachorros, depois de um curso de 10 Kilometros; outro affluente do Jacuhy, no municipio da Soledade, e o outro do Tainha, que o é por sua vez do Camaquã, nasce na cochilha do Inhame e corre para O. em um percurso de 6 Kilometros. Existe, com o

mesmo nome, uma lagôa, que com a do Bugre, sua affluente, engrossam as aguas do arroio Facão, tributario do rio Passo Fundo

Ainda com aquella denominação existem 3 lugares: um em Santo Angelo, outro na Soledade e o outro em Paso Fundo, e 3 cerros: um em Gravatahy, outro no Herval e outro em S. Jeronymo. Ainda neste ultimo municipio existem com o mesmo nome, e a 27 Kilomestros da villa, importantes minas de carvão.

BUTIAZINHO. — Palavra hybrida c. de *mbutiá* (tupi) + *zinho* (suffixo diminutivo portuguez). O correcto é *butiá-mirim*. O diminutivo em tupi se forma pospondo ao positivo os vocabulos *mirim* ou *mini* ou simplesmente a particula *y*.

Arroio, tributario do rio Passo Fundo no municipio deste nome.

BUTLATUBA — corr. *mbutiá-tyba*, butiazal. Lugar no municipio de Conceição do Arroio.

BUTUHY — corr. *mbutu-y*, o rio da mutuca. Rio — nasce na serra de Iguariçá, corre para O. até se lançar no Uruguay, depois de um curso de 75 Kilometros, limitando em toda essa extensão os municipios de S. Borja e Itaqui. Cachoeira e ilha no rio Uruguay.

BUTUHY MIRIM c. *butu-y-mirim*, arroio da mutuca. Arroio, tributario da margem direita do Butuhy; nasce na serra de Iguariaçá, corre para O. e depois de um percurso de 20 Kilometros faz uma inflexão para NNO. e conserva essa direcção até sua barra. Seu curso é de 35 Kilometros.

CAACAPAGUAÇU — c. *caa-çapá-guaçu*, caminho grande no matto, picada grande. Antiga denominação de uma região que ficava á margem direita do rio Ijuhy Mirim, onde em 1631 foi fundada a missão de Apostolos de *Caacapáguacu*.

CAACAPAMINI — c. *caá-çapá-mini*, caminho pequeno no matto, picadinha. Antiga denominação de uma região que ficava entre o Piratiny e o Ijuhy, onde em 1627 foi fundada a missão de Candelaria de *Caçapamini*.

CAÁ-CORÁ — c. *caá-corá*, curral de matto. Vertente no municipio de S. Borja.

CAAGUÁ — c. *caá-gua*, matto redondo. Antiga denominação, segundo se vê do *Primeiro Mappa do Paraguay*, de uma região que ficava á margem oriental do Taquary.

CAAIBATÉ — c. *caá-ibate*, matto alto; o cume do matto. É esta a graphia correctá e como era antigamente escripto o nome do rio e da região onde, a 10 de fevereiro de 1756, se feriu a celebre batalha em que foi massacrado o exercito in-

digena sob o commando de Nicolau Languirú, que ahi pereceu juntamente com cerca de 1500 indios. Vid. *Caiboate*.

CAAMO — c. *caa-mo*, matto distante ou longe do matto. Antiga denominação, segundo se vê no *Primeiro Mappa do Paraguay*, de uma região que ficava ao N. de Caaguá.

CAAPI — c. *caa-pi*, chacara ou aldeia, povoado proximo a uma povoação maior, cidade ou villa: *capiábiguâra che*, sou aldeão. *Checapiâba*, minha aldeia. Pode ser contr. de *caa-piim*, capim, erva, grama, ou ainda corr. *caa-ipi*, proximo, junto do matto.

Missão jesuitica fundada em 1631 entre o Ijuhy-Guaçu e o Ijuhy-Mirim, segundo se vê do *Primeiro Mappa do Paraguay*. Foi tambem destruida pelos paulistas.

CAAPIGUI — corr. *caa-pigua-y*, rio da enseada do matto ou que faz curva em torno do matto. O actual rio *Guaporé* figura com esse nome no *Primeiro Mappa do Paraguay*, no de *D'Anville* e no de *Olmedilla*.

CAARO — contr. *caa-rob*, caroba, a folha amarga. Região entre os rios Piratiny e Ijuhy, nas proximidades da margem esquerda do ultimo e a NE. de S. Luiz Gonzaga. Nessa região o padre Roque Gonzales de Santa Cruz penetrou em 31 de outubro de 1628 e no dia seguinte fundou a missão de Caaro de Todos os Santos entre S. Lourenço e S. Miguel (*Teschauer*). Ahi foram martyrisados aquelle sacerdote e os padres Affonso Rodriguez e Juan Castillo.

Montoya, Techo, E. Nieremberg e D. Borôa, esvreveram — *Caró*, Charlévoix, Sauthey, registram — *Caro*; no mappa de Lozano e no do Missionario Veterano, respectivamente, de 1733 e 1744 e em Rio Branco se lê: *Caaro*.

CAASAPAVA. — Assim S. Leopoldo graphou o nome da serra de *Caçapava*.

CAASSIQUEI. — Assim S. Leopoldo graphou o nome do rio *Cacequi*.

CAATAPÉ — c. *caa-tapé*, o caminho do matto. Antiga denominação do actual arroio *Quatepe*, segundo se vê da concessão de sesmaria feita, em 1814, a João Pereira Monteiro.

CABACUA-GUAÇU — c. *caba-quá-guaçu*, a bespa do buraco grande. Pode ser tambem c. *cabâquã-guaçu*, a correnteza de grande velocidade: *Ticabâquã*, a corrente do rio ou rio de correnteza. *Checabâquã*, sou ligeiro.

Azara dá aquella denominação ao actual arroio Herval Grande, tributario do Uruguay.

CABATÊ. Está assim escripto o nome da cochilha de *Caiboatê* na concessão de sesmaria feita, em 1792, a Isidoro Xavier Ramos.

CABOCLOS — alt. de *caboco*, que é corr. de *caá-boc*, procedente do matto ou tirado do matto. Eram assim chamados os índios civilisados.

Estrada no municipio de Taquara.

CABOÇU — e. *caba-uçu*, o vespão. Arroio affluente do Pirahy no municipio de Bagé.

CABRIUVA — alt. de *Cabureuva*, que é corr. de *caburé-ymba*, a arvore do caburé ou da curuja. Arvore da familia das papilionaceas (*Myrocarpus frondosus* Fr. Allem.) „Arvore excelsa rivalisa em belleza de porte e copa com o louro; possui casca gretada; de côr esbranquiçada e repleta de uma resina muito aromatica, semi-liquida e muito semelhante quer no aspecto, quer em suas propriedades therapeuticas ao balsamo do Peru.“ (J. Dutra). Floresce com irregularidade. Da resina da seiva desta arvore se fazem excellentes remedios peitoraes. A cabriuva conserva sempre seu aroma activo. Della se extraem toros de 8 a 10 metros com 0,^m60 a 0,^m90 de diametro; sua côr é parda avermelhada; tecido unido; talho duro. A media de sua densidade é de 1,102 e a da resistencia á compressão é de 846 Kgs por cm² (B. Penna). É utilizada para vigamentos, dormentes de 2.^a classe, cuja duração é de 10 annos; em pranchões, em massas de carretas, em garlopas, plainas etc.

Com aquelle nome existe uma estrada, uma linha colonial e um morro no municipio de Taquary.

CAÇAPAVA — corr. *caa-capaba*, aberta, clareira, caminho ou travessia na matta.

Importante municipio situado no centro do Estado, cuja séde é na cidade do mesmo nome, que assenta sobre uma eminencia de 560 metros, contornada por despenhadeiros, que terminam em aprasiveis vargedos. É uma excellente posição estrategica e por isso foi para ahi transferida a séde da capital da Republica Riograndense, em 1839. Não foram outras as razões que levaram o eminente general Andréa (posteriormente barão de Caçapava) quando nomeado pelo governo imperial, em 1848, para organizar um plano de defesa, a escolher essa localidade „para estabelecer um deposito de material com o fim de supprir grandes effectivos de exercito, creando parallelamente uma obra fortificada, no intuito de cobrir de um modo efficaz os nós das vias por onde as forças podem passar e o complementar emprego dellas com o objectivo de proteger

o centro de abastecimento e praças de depósitos que não tenham uma acção directa com a guerra. „O general Andréa tratou de executar seu plano de defesa sabiamente concebido, dotando Caçapava, em virtude de sua posição geographica, de uma importante fortificação ahi existente, que, infelizmente, não foi concluída.“ (*Felicio Lima*).

A actual cidade de Caçapava foi fundada em 1800. Nesse mesmo anno foi, por provisão episcopal, de 6 de julho, creado o curato de N. S. de Caçapava. Por decreto de 25 de outubro de 1831, foi elevada á villa; pela lei n.º 129, de 28 de junho de 1848, á freguezia e á cidade pela lei n.º 1535 de 9 de dezembro de 1885.

Os limites do actual municipio de Caçapava são os seguintes: Com S. Sepé: pelo arroio Santa Barbara, desde a barra do Salso, antigamente conhecido por Durasnal, até a cochilha do Lagoão e depois por essa cochilha até o galho oriental do S. Sepé até a confluencia desse galho com o occidental e por este até as cabeceiras do Camaquam do Americo ou Maricá que passa a servir de divisa até receber o primeiro tributario de sua margem direita. Com o municipio de Lavras: pelo referido Camaquam do Americo até sua foz no do Hilario e por este até desaguar no Camaquam do Sul. Com os municipios de Bagé e Pinheiro Machado, pelo referido Camaquam do Sul, sendo com o primeiro desde a embocadura do Camaquam do Hilario até a do arroio Velhaco ou Torrinhas e com o segundo, d'ahi até encontrar o meridiano de 10°. Com o municipio de Cachoeira: ao N. pelo arroio Salso, antigo Durasnal, desde sua foz no Santa Barbara, até receber o seu maior affluente da margem direita e por este em todo o curso e em seguida por uma linha recta até as cabeceiras do Cambará e d'ahi até sua embocadura no Irapuá, que passa a marcar os limites de O. até receber o arroio Sebastião. Ahi, principiavam as divisas com a Encruzilhada, por esse arroio em todo seu curso e em seguida pelo seu contravertente, o arroio dos Vargas até se lançar no Camaquam do Sul.

O territorio do municipio, onde se encontram, como observou *Oct. Far.*, todas as sortes de terrenos desde o primitivo até o quaternario, é accidentado, especialmente no centro que é atravessado pela serra do Herval, que ahi toma a denominação de serra de Caçapava e corre na direcção geral de O. para L. com cerca de 600 metros de altura em toda a extensão, e recebe as denominações locais de Serra dos Henriques, de Sant'Anna, Cerca de Pedras Lagoão e Durasnal.

O vale do Santa Barbara fica enquadrado a O. e L. por duas cadeias parallelas de montanhas que como ramifica-

ções de serra do Herval se estendem de S. para N. A cadeia que fica situada no município de Caçapava mantém a altura de cerca de 600 metros em toda sua extensão ahi, que é de 30 Klms., pouco mais ou menos. E' no centro dessa cadeia que assenta a cidade.

Os terrenos ao sul e ao norte da serra de Caçapava e situados nas suas proximidades estão, em geral, a 300 metros sobre o nível do mar e os do extremo norte e extremo sul do município, a menos de 200 metros. Predominam os campos, em geral de boa qualidade para a criação. As terras do município, quanto a natureza são argillo-calcareas e silico-argillosas. São férteis e próprias para a polycultura.

O município conta grande numero de caieiras e nelle se encontram jazidas de carvão, ferro, marmore, kaolim, cobre, chumbo, Wolfran.

Posição astronomica. Coordenadas da cidade e outros pontos do município:

Caçapava (cidade) . . .	30° 28' 15"	de Lat. S. e	40° 53' 49"	de Long. O.
Pinheiros	29° 5' 35"	de Lat. S. e	41° 46' 45"	de Long. O.
Bonita (cochilha) . . .	30° 15' 34" 87	de Lat. S. e	40° 12' 57" 27	de Long. O.
Lagôa (cerro)	30° 55' 28" 81	de Lat. S. e	40° 03' 27" 59	de Long. O.

Hydrographia. O systema hydrographico do município de Caçapava pertence á bacia oriental do Estado. A bacia secundaria do Camaquam do Sul conta no município os seguintes tributarios que dimanam das nascentes meridionaes da serra de Caçapava:

- a) *Camaquam do Americo.* — Vide este nome.
- b) *Carajá.* — Vide este nome.
- c) *João Dias* — corre na direcção geral de N. para S. até sua barra depois de um curso de cerca de 40 Klms. segundo o C. Engenharia. DOP. dá apenas cerca de 15 Klms. para seu curso.
- d) arroio dos *Pecegueiros*, com 15 Klms. de curso, correndo na mesma direcção do precedente.
- e) arroio dos *Neves*, com 27 Klms., correndo de NNO. para SSE.
- f) arroio dos *Vargas*, nasce no cerro Maria Pinto e corre de N. para S. em um percurso de 35 Klms. Recebe pela margem esquerda as aguas do arroio dos Nobres.

O Irapuá, tributario do Jacuby nasce no município de Caçapava e ahi tem como tributarios, na margem esquerda os arroios: Irapuá do Caldeirão, que recebe as aguas do arroio

das Palmas; o arroio dos Costas e o Lageado; ainda no referido municipio nascem o Santa Barra e o S. Lourenço, que correm em valle commum até se confluirem.

O clima de Caçapava é reputado um dos melhores do Estado. Sua temperatura maxima absoluta observada no decennio de 1912 a 1921, foi de 36,5 em 18 de janeiro de 1917 e a minima de — 3,9 em 7 de junho de 1915. A media da altura das chuvas em m/m foi no referido decennio de 1472,7.

O municipio em apreço que é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao 3.º districto eleitoral. É séde da Comarca de seu nome, I entrancia, creada por lei provincial n.º 185, de 22 de outubro de 1850. Pertence ao bispado de Santa Maria. Compõe-se de seis districtos administrativos: 1.º Caçapava, (com 7743 almas) creado em 25 de outubro de 1831; 2.º Seival, (1817 al.); 3.º Camaquã (2516 al.); S. José do Patrocínio (2369 al.), creados em 26 de setembro de 1895; 5.º Bôa Vista (3525 al.), creado em 15 de junho de 1848; 6.º Peçigueiro (2410 al.), creado em 23 de novembro de 1915.

O movimento do registro civil no anno de 1922 foi o seguinte:

População em 31-12-922	Nascimentos	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
20 380	424	108	126	20,80	6,18	5,32

Em 1890 sua população era de 12 337 almas.

Sendo a area do municipio de 4422 Kms.² a densidade da população em 1922 era por Klm.² de 4,54.

O numero de predios existentes em 1922 era de 1980, dando assim a densidade de 12,02 habitantes para cada casa. Em 1899 o n.º de predios era de 1903, sendo 225 urbanos e 1678 ruraes.

Foi esta a população pecuaria do municipio, calculada em 1922:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	186 500	18 277:000\$000
Equinos	28 000	1 400:000\$000
Muares	5 200	468:000\$000
Suínos	14 000	420:000\$000
Ovinos	73 000	1 168:000\$000
Caprinos	6 000	60:000\$000
Total	312 700	21 793:000\$000

Entre os diversos productos agricolas do municipio, figuraram em 1923, milho, feijão, arroz, trigo, batata ingleza, respectivamente, com 12 000, 660, 900, 800 e 120 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado, em 1921, Caçapava figura entre os municípios do 3.º grupo, isto é: entre os que têm area de 400 000 a 500 000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em hectares	Valor venal	Valor medio
2 610	427 255	27 415:460\$	64\$166

A receita e despesa do municipio no referido anno de 1921, foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despesa		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extra-ordinaria		Ordinaria	Extra-ordinaria		
	97:981\$	19:200\$	117:181\$	87:093\$	27:100\$	114:193\$	2:989\$

Vias de comunicação. Os rios que banham o municipio não são ahí navegaveis, e, infelizmente, ainda não está servido por via ferrea. Ha uma estrada de ferro projectada ligando a cidade de Caçapava á Pelotas, por Cangussú, á Santa Maria por S. Sepé e á Bagé por Lavras.

O eminente e illustrado dr. Antão Gonçalves de Faria, em seu patriotico e acurado estudo sobre a Rêde Estrategica do Rio Grande do Sul, disse: „A ligação de Pelotas á Santa Maria atravez dos municipios de Camaquã e S. Sepé, impõe-se. E' a unica cujo trafego se poderá effectuar sob o amparo e resguardo offerecidos pelas condições naturaes da região a que vae immediatamente servir.

„Na serra dos Tapes e suas ramificações, na bacia do alto Camaquã, nas montanhas de Caçapava, nas cabeceiras dos arroios S. Sepé e Cambay e no rio Vaccacahy, rarissimos são os pontos de facil accesso a um exercito invasor e as defesas naturaes se succedem, com poucas interrupções, por leguas e leguas.

„A topographia e hydrographia dessa zona nos indicam que ahí devemos constituir a nossa linha defensiva e segura base de operações; tendo por centro a cidade de Caçapava, ponto dominante, cujas excepcionaes e admiraveis condições estrategicas são hoje bem conhecidas.

„Esse centro strategico, para desempenhar conveniente-mente o papel que o futuro lhe reserva, precisa ficar ligado directamente ao Rio de Janeiro, á Porto Alegre e á Pelotas, pontos de onde opportunamente poderá receber recursos. Deve tambem, mediante ramal passando por Lavras, ficar estabelecida sua ligação com a estrada de Bagé á Cacequy.“

O município de Caçapava é cortado por diversas estradas carroçaveis, entre outras: á Bagé, 419 Kms.; á Cachoeira, 95; á Estação da Ferreira, 83; á Lavras, 75; á S. Sepé, 45; á Santa Barbara (ponte), 84; á Eneruzilhada, 123; á S. Sebastião (estação), 100; á Suspiro (estação), 122; As distancias foram calculadas a partir da séde.

O numero de vehiculos registrados em 1922 era de 314, assim discriminados: automoveis de passageiros, 46; carretas de 2 rodas, 203; carroças de 4 rodas, 64; diligencias de 4 rodas 1.

A estação telegraphica de Caçapava que é de 4.^a classe e dispõe de um appparelho Morse simples, pertence ao 18.º districto telegraphico. Em 1921 transmittiu 4864 telegrammas com 91 056 palavras e recebeu 2631, com 81 541 palavras. A receita foi de 8:903\$915 e a despesa de 8:183\$741.

Em 1923 contava 24 estabelecimentos de ensino, sendo 1 collegio elementar, 3 escolas isoladas; 14 escolas subvencionadas pelo governo do Estado, 3 municipaes e 3 particulares.

Sobre a instrucção ahi ministrada organisamos o seguinte quadro:

População do município	População escolar	Alunos matriculados	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alunos matriculados por 1000 hab.	Alunos matriculados para 1000 em idade escolar	Alunos matriculados em relação a área do município
20 380	4 056	1 382	199	68,45	343,19	0,31 por Klm. 2

Sobre a imprensa do município a noticia mais remota que temos é a do jornal o *Povo*, órgão official da Republica Riograndense. O primeiro numero ahi publicado depois da mudança da capital, foi o 46, em 6 de maio de 1839. Nesse numero principiou a figurar o lemma: Liberdade, Igualdade Humanidade, que logo depois appareceu na proclamação que Joaquim Texeira Nunes, como commandante da vanguarda de David Canabarro, dirigiu aos catharinenses em julho de 1839 e depois no escudo de armas da Republica. Em 1889 era ali publicado a *Actualidade*; em 1912, *O Caçapavano* e o *Município* e em 1922, o *Estado*, fundado em 1918 e a *Thesoura*, em 1921, ambos semanaes.

Na cidade de Caçapava funciona o Cine Theatro Guarany, inaugurado em 15 de novembro de 1915.

CACEGUY. Assim *Camargo* escreveu o nome do rio Cacequy.

CACEQUEY. — Assim *Reyes e Col. e Nie.* registram o nome do Cacequy.

CACEQUY. — Palavra hybrida c. de *cacique* (chefe de tribo em castelhano) + *y* (agua, rio, em tupi). Rio do cacique.

O Cacequy nasce na Cochilha Grande e corre para NNO. até sua barra no Santa Maria, depois de um curso de 75 Klms. *Oct. Far.* e *Montenegro*, dão 60 Klms. para seu curso. *Resende*, copiando o Relatorio do capitão Rosa da Silva, da C. C. G. B., escreveu: „Começa no quadrante SS. do banhado do Inhatium e sanga da Divisa, recebe o arroio Jacaré, que vem da Cochilha do Pau Fincado.“ *Varela*, tomando, talvez, por guia o mappa de *Coi* e *Nie.*, disse que o referido rio desce, por diversas vertentes, das Cochilhas de Cacequy e Pau Fincado.“ Na época das cheias é navegavel até o passo de seu nome e que serve aos municipios de S. Vicente e Rosario.

Povoação e estação da via ferrea *P. A. U.*, no municipio de S. Vicente. Ainda no referido municipio existe uma cochilha com aquelle nome.

CACHI PASSO — corr. *cay-passo*. Palavra hybrida c. de *cay* (ouriço, em tupi) + *passo* (s. portuguez). Passo do ouriço. Antiga denominação do actual arroio *Japejú*, affluente do Uruguay, conforme se vê da concessão de sesmaria feita em 1814, a Sebastião Antonio Bulhões Leote.

S. Leopoldo, em seu mappa, registrou Cuchi-passo.

CAGUATÉ — corr. *caa-gua-pé*, o caminho do matto redondo. O padre *Gay* escreveu *Caguati* e disse que por este vocabulo é designada uma especie de maribondo.

Arroio — nasce na encosta O. da cochilha de Sant'Anna, corre na direcção geral de NE. para SO. até sua foz na Quarahy, depois de um curso de 30 Klms. Rega o municipio de Uruguayana.

Nos relatorios da C. C. G. B. se lê *Caiboaté* e assim tambem está escripto na concessão de sesmaria feita, em 1815, a Angelo Vieira de Oliveira; na de Diogo José de Oliveira substituíram a letra *e* por *i*, e na de Fortunato Antonio Vieira, ainda em 1815, está escripto Guabaté.

CAHISSÁ. — Assim *Vel. da Silv.* graphou o nome do arroio *Caicá*.

CAHY — c. *caa-y*, rio da matta. É um dos grandes rios do Estado e um dos primitivos vehiculos do desenvolvimento da cultura agricola e do commercio, na vasta zona que elle rega e fertiliza. Corta uma das partes do Estado em que a população é mais densa e onde a agricultura tem apreciavel desenvolvimento, que augmenta, promissoramente, de anno para anno.

Nasce, por dois galhos (*Ferrame* e *Escadinhas*), nos banhados da fazenda dos Taipas, nos campos de Cima da

Serra, com o nome de Lageado Santa Cruz. Descreve um semicirculo em todo seu curso que é de 180 Klms., segundo *DOP.* e *Cunha Lopes*; *Coi.* e *Nie.* dão-lhe 186 Klms. e *Varela*, 198. Corre a principio de L. para O., até receber as aguas do arroio da Roça, fazendo ahi uma inflexão para N. até ser avolumado pelo Santa Cruz, o seu maior tributario depois do Cadeia; ahi se inflecte novamente para O. e depois corre na direcção geral de N. para S., descrevendo innumeras e grandes curvas, até se lançar no Jacuhy, a cerca de 12 Klms. a NNO. de Porto Alegre. Passa pelos municipios de Cima da Serra, da Taquara, de S. Sebastião do Cahy; serve de divisa entre Montenegro e Triumpho e banha as villas de S. Sebastião do Cahy, S. João do Montenegro e no municipio deste nome os povoados: Bom Principio, Parecy Novo, Porto dos Pereiras e no de Cahy Pesqueiro e Morretes.

„O rio Cahy possui as importantes barragens denominadas Rio Branco, em homenagem ao grande brasileiro visconde de Rio Branco, do qual possui em sua margem esquerda um modesto monumento. As obras feitas no rio, com o objectivo de melhorar suas condições de navegabilidade, se estendem no trecho de 18 Klms., mais ou menos, entre as villas de Cahy e Montenegro, e consistem em espigões transversaes obliquos, barragens submersas, diques e de uma barragem fixa, com eclusa, situada a 2 Klms. do Porto dos Pereiras. As barragens submersas, espigões e diques, são todos de pedra e servem para regularizar o leito do rio, elevando em alguns logares o plano d'agua.“ (*Oct. Far.*).

Conta o Cahy cerca de 50 tributarios directos. Os da margem direita são os arroios: Carajá, Grande, Santa Cruz, dos Macacos, Corvo, Piauhy, Pinhal, Bello, Ouro, Forqueta, Schmidt, Kautenbach, Forromecco, Selbach, S. Salvador, Harmonia, Maratá, Fama, Cria, Fortaleza, Charqueadas. Na margem esquerda os arroios: Roça, Pirajá, Paraíso, S. José, Paixão, Carás, Sepulturas, Tres Mares, rio Cadeia, arroios Feitoria, Ovelhas, Paquetá, Portão, Porqueiro, Ypiranga, Dois de Julho, Tres de Maio, Santa Christina, Sinimbú, Alves Cabral, Volta Grande.

Ainda com o nome de *Cahy*, existe um lugar no municipio do Triumpho.

CAL. — Está assim escripto o nome do rio Cahy no mappa que acompanha a obra de *Dreys*.

CAIBATÊ — c. *caa-ibaté*, o matto alto, o cume do matto; pode ser tambem corr. de *caa-iba-eté*, o matto em que ha muita fructa. Está daquella forma escripto o nome do actual

arrioiro *Caiboaté*, na concessão de sesmaria feita em 1814, a José Machado Fagundes de Bittencourt.

CAIBOATÉ. — Alt. de *caibaté*, que se lê pela primeira vez nas concessões de sesmaria feitas em 1814 e 1815 a Gaspar Rodrigues e a Manoel Luiz da Cunha. *S. Leopoldo* e *A. Lima*, escreveram Caybaté; *Varela*, Caybuaté; *Vel. da Silv.*, Cayboaté; *Oct. Far.*, Caiboathé.

Arroio tributario da margem esquerda do Vaccacahy, no municipio de S. Gabriel, onde tambem existem com aquelle nome um lugar e uma cochilha, em a qual se feriu a batalha de 10 de fevereiro de 1756, onde succubiram cerca de 1500 indios e o chefe Nicolau Languirú, ahi surprehendidos pelos exercitos castelhano e portuguez, este commandado por Gomes Freire de Andrada, posteriormnte conde de Bobadella, e aquelle pelo marquez Val de Lyrios.

Tem ainda aquelle nome o 2.º districto de Uruguayana e um arrioiro no municipio de Alegrete, que nasce na serra do Caverá e corre de SSE. para NNO., até se lançar no Ibirapuitan, depois de um curso de 17 Klms.

CAIBOATÉ MIRIM. — Sanga tributaria do Caiboaté no municipio de S. Gabriel.

CAIBÚ — c. *ca-ybú*, é, segundo Th. Sampaio, a fonte das vespas ou dos maribondos, ou corr. de *caá-ybú*, o olho d'agua da matta, que nos parece a traducção mais adequada para o caso.

Pequena lagôa, á margem oriental da Lagôa Mirim.

CAIÇÁ — c. *caá-icá*, o matto da formiga. Pode ser contr. de *caicára*, estacada, trincheira, tapume, especie de armadilha para apanhar peixe.

Arroio — é a vertente principal do Piratiny do Norte, nasce no Boqueirão das Palmas, a 89 Klms. a O. de Cruz Alta, na Serra de S. Martinho e corre de S. para N. até sua foz. Curso cerca de 6 Kilometros.

CAII. — Está assim escripto o nome do rio *Cahy*, no Primeiro Mappa do Paraguay.

CAIOBA. — Assim o C. Engenharia grapha o nome da lagôa Cayubá.

CAIPIRA — c. *cai-piré*, o pelle queimada; rustico, roceiro, morador de fóra do povoado.

Arroio tributario do Guaporé no municipio deste nome.

CAINVÁ. — Assim *DOP* registra o nome da lagôa *Cayubá*.

CAIPORA — c. *caá-i-pora*, o que mora no matto; duende indígena. Denominação dada a parte externa do N. da cidade de Caxias.

CAISSA. — Assim DAS graphou o nome do arroio *Caicá*.

CAIUBA — corr. *caá-y-upa*, a lagôa da matta. Pode também ser corr. de *cai-uba* ou *cai-upa*, a fructa ou a lagôa da queimada.

Lagôa situada entre a Mirim e o Oceano, e a 3 Kms. da lagôa Flores, com a qual é ligada por um canal denominado Sangradouro do Flores. Vide *Cayubá*.

CAIYL. — Está assim escripto o nome do rio *Cahy*, no Mappa das Côrtes.

CAJÚ — corr. *acá-yu*, o pomo amarello. (*Anacardium occidentale*). Arroio no municipio de S. Sebastião do Cahy, corre de O. para L. até sua foz na margem direita do Cahy, depois de um curso de cerca de 4 Kms.

CAJUBÁ. — Está assim escripto o nome da Lagôa *Cayubá*, na concessão de sesmaria feita em 1790 a João Duarte. DAS, também assim a registra.

CAMACUÃ — c. *cama-aquã*, o bico do peito. Assim Bettanio escreveu o nome do Camaquam do Sul. Moraes Dutra e Gay, da mesma forma registram o Camaquam do Norte.

CAMACUAM. — O nome do Camaquam do Sul foi assim escripto por S. Leopoldo e no alvará de 26 de abril de 1819, que elevou Cachoeira á categoria de villa. Da mesma forma foi escripto o Camaquam do Norte, nos „Limites das sete freguezias da provincia de Missões, indicadas em 1810 pelo brigadeiro Chagas Santos“ e no *Mappa Argentino*.

CAMACUAM CHICO. — Assim S. Leopoldo e Camargo escreveram o nome do Camaquam Chico.

CAMACUÃ — c. *cama-aquã*, o bico ou a ponta do peito.

Assim DAS e Varela, escreveram o nome dos dois rios *Camaquam*.

CAMACUAM — c. *cama-aquã*, o bico ou a ponta do peito.

Por esse nome são hoje conhecidos dois grandes rios deste Estado. Um delles, o affluente da Lagôa dos Patos é também por alguns geographos denominado *Camaquam Grande*, para differença-lo do outro — o affluente do Uruguay — a que também chamam *Camaquam das Missões* e até como *Camaquaminho* figura em um mappa do Rio Grande do Sul, editado pela Livraria Selbach em 1913.

Cremos que a primitiva denominação deste era *Icambaquá* ou *Cambaquay* e a daquelle *Ticãbaquã*. Vide estes nomes. O uso, porém, ou a ignorancia, da lingua indigena, chrisinou a ambos por Camaquã, e porque assim são em geral conhecidos, assim ficarão sendo chamados, embora os novos geographos anteponham um *I* inexpressivo, ora ao nome de um ora ao nome de outro, estabelecendo desse modo ainda maior balburdia. Parece-nos que o mais curial é denomina-los *Camaquã do Norte* e *Camaquã do Sul*. Assim nenhuma confusão haverá, dada a situação de ambos em relação aos pontos cardeaes.

O *Camaquã do Sul* nasce na serra de Santa Tecla a NNE. de Bagé e corre impetuosamente na direcção geral de O. para L., ora ao S. ora ao N. do paralelo de 31°, até sua foz na Lagôa dos Patos, depois de um curso de 415 Klms., segundo os melhores dados existentes, isto é, os da C. C. G. B. DOP dá 370 Klms. para seu curso; *DAS e Varela*, 330; *Cunha Lopes*, 320; *W. e Men e Min. Via*, 260; *Estradas*, 280; *B. P.*, 220 e *C. Engenharia*, cerca de 400.

Nesse longo e sinuoso curso rega os terrenos dos municipios de Bagé, Lavras, Caçapava, Pinheiro Machado, Piratiny, Encruzilhada, Cangussú, S. Lourenço, S. João do Camaquã.

Seu extenso e largo valle que é de grande fertilidade e que encerra em seu sub-solo diversos minerios, fica situado entre as serras de Batovy, Caçapava, Encruzilhada (denominações locais da serra do Herval), ao norte, e de Santa Tecla, Velleda, dos Tapes e de Cangussú (denominações locais do prolongamento da Cochilha Grande), ao sul.

O *Camaquã do Sul* contem 8 ilhas, sendo 2 grandes e 6 pequenas. Em sua foz forma um delta e ahi suas aguas são escoadas por tres boccas denominadas Barra Grande, Barra Funda e Barra Falsa. E' o referido rio navegavel até curta extensão acima de sua barra, sendo possivel melhora-lo até 119 Klms. Contra cerca de 50 tributarios. Na margem esquerda os arroios: Colorado, Tigre, Palmas, Lageado, Lexiguana, Velhaco ou Torrinhas, Arroio Grande, Barracão, Carajá, Santo Antonio, Pedregal, Camargo, Pedras, Pantanoso, Cará, Duro, Sapata, Quevedo, Cananéa, Santa Izabel. Pela margem esquerda: Ibirá Mirim, Camaquã do Hilario, Cardoso, Mantiqueira, João Dias, Pecegueiro, Neves, Carajá, Caneleira, Vargas, Pedras, Pedroso, Cerro da Arvore, Gria ou Abranges, Maria Santa, dos Ladrões, Cruz ou Perdiz, Subtil, dos Festejados, Costa Pereira ou S. Feliciano, das Pedras, Joanico (Palanque nas cabeceiras), Serra do Cordeiro, Sanga Grande, Bugre.

CAMAQUAM CHICO. *DAS, Varela, Oct. Far.* e todos os mappas do Rio Grande do Sul, a partir do que acompanha

os Annaes de *S. Leopoldo*, dão essa denominação ao *Camaquã do Sul*, desde suas nascentes até receber as aguas do Camaquã do Hilario.

CAMAQUAM DO AMERICO. — Contravertente do S. Sepé, corre para S. até sua foz no Camaquã do Hilario, depois de um curso de 30 Klms. Limita os municipios de Lavras e Caçapava. E' tambem conhecido por *Maricá*. Recebe pela margem esquerda o Seival.

CAMAQUAM DO HILARIO. — Nasce na serra do Jaguary, corre de O. para L. até se lançar no Camaquã do Sul, proximo ao cerro do Malcreado, depois de um curso de 73 Klms. Alguns geographos suppõem que este arroio é o *Camaquã do Sul*.

CAMAQUAM DO JACQUES. — Arroio, nasce na Cochilha do Acampamento e d'ahi desce até sua embocadura no Camaquã do Hilario.

CAMAQUAM DE LAVRAS. — Arroio, nasce na Cochilha do Taboleiro, corre de O. para L. sobre o paralelo de 30° 50' até sua barra no Camaquã do Hilario, depois de um curso de 65 Klms. E' apreciavel pela riqueza de seu leito. Banha a villa de Lavras.

CAMAQUAM DO MACEDO. — Denominação dada a uma das nascentes do Camaquã do Sul, nasce na Cochilha do Acampamento e depois de um curso de cerca de 25 Klms., correndo de SO. para NE. desagua na margem direita do Camaquã do Americo.

CAMAQUAM DAS MISSÕES. — Está assim registrado o Camaquã do Norte, no *Mappa da Comarca de Palmas*.

CAMAQUAM DO NORTE. — Nasce na Cochilha Geral, no lugar denominado Tunas, no municipio de Boqueirão, a menos de 3 Klms. da cabeceira do Jaguaryzinho, seu contravertente. Depois de um percurso de cerca de 47 Klms. penetra no municipio de S. Borja e o atravessa, descrevendo grandes curvas, na direcção geral de O. até receber as aguas do Iguariacá; ahi se inflecte para NO., voltando-se, depois de percorrer 18 Klms. novamente para O. até sua embocadura no Uruguay. Não obstante sua grande extensão, cerca de 180 Klms., só é navegavel nos 12 primeiros acima de sua barra. Seus principaes tributarios são os da margem esquerda que descem das vertentes da serra de Iguariacá, são elles: Taquarembó, Itacurubi, Iguariacá, Cambuiretan, todos com mais de 50 Klms. de curso. Vide esses nomes.

Ainda com o nome de *Camaquã* existen 3 districtos municipaes no Rio Grande do Sul: o 3.º de Caçapava; 3.º da Encruzilhada e o 3.º de S. Borja, onde tambem existe com aquella denominação um passo e um rincão, formado, este,

pelos rios Camaquam e Piratiny do Sul, ao se lançarem no Uruguay.

CAMAXIM. — Está assim escripto o nome do Camoatim, na concessão de sesmaria feita em 1815, a Francisco Valentim.

CAMBAHY. — c. *camba-y*, arroio negro ou do negro. Nome de 4 arroios deste Estado. Um delles, o que é tributario do Vaccacahy nasce na lagôa das Tres Aguas, no municipio de S. Gabriel, na serra do Acampamento Velho e serve de divisa, em todo seu curso, que é de cerca de 37 Klms., entre o municipio em que tem origem e o de S. Sepé. *Cunha Lopes* o registra com o nome de *Imbrajutura*; o que é tributario do Uruguay, banha a cidade de Itaqui, pelo N., junto á sua barra foi construido o arsenal de marinha daquella cidade. Nasce na cochilha do Rincão da Cruz e corre para O. até sua foz depois de um curso de 18 Klms. Os outros dois arroios são: um tributario do Jacuhy e o outro do Piratiny do Sul, no municipio de S. Luiz Gonzaga.

CAMBAHYZINHO. — Palavra hybrida c. *campá-y* (arroio do negro em guarani) + *zinho* (suffixo diminutivo, portuguez). O correcto é Cambahy-Mirim.

Arroio, tambem conhecido por S. Jeronymo, nasce no municipio de S. Gabriel, corre para N. e depois de um curso de 10 Klms. se lança na margem direita do Vaccacahy, cerca de 5 Klms. abaixo da barra do Cambahy. Ainda com aquelle nome existe um lugar e um passo, tambem no municipio de S. Gabriel.

CAMBAQUÁ. — Assim DAS registrou o nome do Camaquam do Norte. c. *campá-quá* ou *campá-quára*, a fuma dos negros, o esconderijo dos negros. (Th. Sampaio). Etymologicamente está certo, mas historicamente não póde ser applicado nem ao rio Camaquam do Norte (Icambaqua ou Cambaquay, como certamente se chamou outr'ora), nem ao rincão existente no municipio de S. Borja, porque muito antes da entrada de negros naquella região, o rio e rincão referidos já eram conhecidos por aquella denominação, como se vê de mappas e documentos do seculo XVII.

CAMBARÁ — corr. *camará-caupará*, herva ou folha variegada, de muitas cores (*Teschauer*). Planta brasileira, muito preconizada contra as affecções dos órgãos respiratorios. Ha varias especies. *Mart.* registra sete. *F. Araujo*, dá como existindo no Rio Grande do Sul a *Moquinia Polymorpha*, de que faz interessante diagnose. *Pio Correa*, entretanto, menciona essa especie como de origem espiritosantense, mattogrossense e paulista, e como riograndense do sul registra o *cambará de folha grande* (Lautana camará). *Al. Pinto*, diz que a aqui

existente é a *Lautana velloviana*, a que elle dá o nome de *Camará do Rio Grande do Sul*.

Com o nome de *Cambará* existem neste Estado: um arroio tributario da margem esquerda do Irapuá e que corre de O. para L. limitando em todo seu curso, que é de 10 Kms., os municipios de Caçapava e Cachoeira; dois lageados, sendo um tributario do S. Sepé no municipio deste nome, e o outro do arroio Conceição, no municipio de Cruz Alta, onde tambem existe com aquella denominação, um passo e uma estrada: Sanga no municipio de Venancio Ayres e lugar no de Rosario.

CAMBOIM. — Alt. de Cambuy, que é corr. *caa-mbocy*, fructo de duas partes juntas — allusão á semente do cambui, que é espherica e dividida em duas partes. Planta e fructo de diversas especies, pertencentes ao genero *Eugenia*, da familia das *Myrtaceas*. Com aquelle nome existe um porto no Gravatahy, no municipio de Viamão.

CAMBUIRETAN. — c. *cambui-retan*, região ou terra do Cambui. Arroio, nasce na serra de Iguariacá, no Povinho dos Castilhos, e corre para N. e depois de um percurso de 10 Kms. se inflecte para O. até receber as aguas do Piauihy ou Aguapé, voltando-se ali novamente para o rumo primitivo até sua foz no Camaquam do Norte, abaixo do passo de Marcos Silva depois de um curso de 60 Kms.

CAMBUIRETÁ. — Assim *Varela* graphou o nome do Cambuiretan.

CAMBUIRETYN. — Assim *Oct. Far.*, graphou nome do Cambuiretan.

CAMOATIM. — Especie de abelha cujo mel é muito apreciado; dá-se o mesmo nome a colmeia dessas abelhas. Arroio, nasce na Cochilha de Sant'Anna e corre para SO. até sua confluencia no Quarahy, aos 30° 6' 10" de Lat S. e 13° 41' 9" de Long. O. Seu curso é de 40 Kms. O valle em que corre este arroio e que tem em quasi toda sua extensão a largura de 2½ a 3 Kms., está situado entre alturas de 150 a 200 metros.

CAMPANÉ. — Assim *S. Leopoldo* e *Camargo*, registram o nome do *Capané*.

CANGUCÚ. — Assim *S. Leopoldo* e *Dreys*, escreveram o nome do *Cangussú*. Aquella graphia é a correctá.

CANGUSSÚ. — alt. de *Canguçu*, que é contr. de *acanguçu*, cabeça grande, cabeçudo; especie de onça.

Florescente municipio situado na região sueste do Estado, cuja séde é na villa do mesmo nome, que assenta entre a parte oriental da serra dos Tapes, á margem direita do arroio Cangussú, em um contraforte da Cochilha de Santo Antonio a

420 metros de alt. Foi fundada em 1.º de janeiro de 1800, com o lançamento da primeira pedra fundamental da capella dedicada a N. S. da Conceição, em terreno doado por Paulo Rodrigues Prates e Francisco Teixeira de Oliveira, que assim resolveram o litigio que tinham sobre o dominio do mesmo terreno. Foi elevada á parochia em 31 de janeiro de 1812 e á villa pela lei provincial n.º 340, de 28 de janeiro de 1857.

Os limites do actual municipio de Cangussú são os seguintes: Ao N. com o municipio da Encruzilhada pelo Camaquã do Sul, desde a barra do Camargo até a do Subtil e d'ahi até a do Sapata, com o municipio de S. João do Camaquã. A L. com o municipio de S. Lourenço, pelo Sapata até receber o Arroio Grande que passa a marcar os limites até suas nascentes e d'ahi por uma linha recta até o galho oriental do Arroio Grande (affluente da Lagôa dos Patos) até a confluencia desse galho com o occidental, e com o municipio de Pelotas, d'ali, por uma linha recta até a nascente do arroio das Pedras e a seguir, por este, até sua foz no Piratiny, e por este rio, ao S., com o municipio de Arroio Grande. A O., com o municipio de Piratiny, pelo rio deste nome, desde a foz do Piratiny Mirim até receber o arroio Solidão que passa a ser o lindeiro, função essa que passa em seguida ao seu tributario — Maria Antonia — até o ponto em que emerge e d'ahi por uma linha recta até a nascente principal do Camargo ou Bica e por este até se lançar no Camaquã do Sul.

O municipio é atravessado de L. para O. pela serra dos Tapes, com altitudes de 300 a mais de 400 metros e de N. para S. pela serra de Cangussú, ramificação daquella, com um nivel superior a 300 metros. Ao N. e ao S. predominam as cochilhas ou campos dobrados; com alguns cerros se elevando de longe em longe, como a estabelecerem ligações entre si. Proximo á margem do Camaquã o terreno é de varzea. Este rio que vinha correndo em leito a mais de 200 metros de altura, baixa, ao regar o municipio em apreço, para menos de 200 e depois, sensivelmente, para menos de 100.

As terras de Cangussú são, quanto á natureza, argillo-calcareo-humosas. Prestam-se para a polycultura. As mais férteis são as do 1.º e 3.º districtos.

Posição astronomica. — As coordenadas da villa e de outros pontos do municipio são as seguintes:

Cangussú (igreja) : . . .	34° 23' 49"	de Lat. S. e	9° 30' 11"	de Long. O.
Cangussú velho (cerro)	31° 21' 20" 27	de Lat. S. e	9° 28' 17" 29	de Long. O.
Cerro Criuva	30° 55' 18"	de Lat. S. e	9° 02' 37"	de Long. O.
Cerro do Boqueirão.	30° 58' 34"	de Lat. S.		

Hydrographia. — O systema hydrographico do municipio, pertence á bacia oriental do Estado. A bacia secundaria do Camaquam do Sul é ahi representada pelos seguintes arroios que dimanam das vertentes septentrionaes da serra dos Tapes:

a) *Camargo* ou *Bica*. *DOP* dá 35 Klms. para seu curso; *Cunha Lopes*, 40 aproximadamente e o *C. Engenharia*, cerca de 60.

b) *Pedras*, nasce no Cangussú Velho e tem sua foz 15 Klms. antes do Passo da Guarda, depois de um curso de 60 Klms. segundo os dados da C. C. G. B. (Relatorio de Tancredo Fernandes de Mello). *DOP*, *Cunha Lopes* e o *C. Engenharia*, dão 50 e poucos Klms. para o curso do referido arroio.

c) *Pantanoso*, nasce nas proximidades da lagôa do Junco e desagua perto da ilha dos Prestes, depois de um curso de 51 Klms.

d) *Cará*, vide este nome.

e) *Sapata*, que tem como tributario, na margem direita, o Arroio Grande. Seu curso é de 30 Klms. segundo *Cunha Lopes* e *DOP*. O *C. Engenharia*, porém, calcula em 55 pouco mais ou menos.

E' o referido municipio regado pelo rio Piratiny do Sul (vide este nome) e pelos seus tributarios que ahi correm e que são:

a) o *Solidão*, que com o seu affluente Maria Antonia, assignalam os limites com o municipio de Piratiny.

b) *Maria Gomes*, que como o supra citado desce da encosta meridional da serra dos Tapes, com cerca de 23 Klms.

c) *Pedras*, com 30 Klms., segundo *Cunha Lopes*; *DOP*, calcula em 40 e o *C. Engenharia*, em 45, aproximadamente.

d) *Saraiva*, para o qual *DOP* dá cerca de 40 Klms. de curso; *Cunha Lopes*, 45 e o *C. Engenharia*, 65 aproximadamente. E' tambem regado pelo *Canguçu* (Vide este nome).

Existem no municipio os seguintes passos: da Guarda, da Armada e do Ferreiro, no Camaquam do Sul; das Pedras e do Acampamento no Piratiny e da Maria Gomes, na foz do arroio desse nome.

O municipio de Cangussú, que é dotado de excellente clima, é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul e pertence ao 3.º districto eleitoral. E' séde da comarca de seu nome (I entrancia), creada por acto n.º 249 de 12 de junho de 1890 e da qual faz parte o municipio de Piratiny. Pertence ao Bispado de Pelotas. Compõe-se de 5 districtos administrativos e judiciarios: 1.º Cangussú (com 2806 almas e 800 Klms.² de superficie), creado pela mesma lei que elevou a parochia á villa; 2.º Ignatemy (5848 al. e 1200 Klms.²); 3.º Pantanoso (6065 al. e 789 Klms.²); 4.º Cerrito 6366 al. e 612 Klms.²) e

5.º Rincão dos Cravos (4685 al. e 600 Kms.²) todos creados pelo acto municipal de 10 de outubro de 1901.

O movimento do registro civil em 1922 foi o seguinte:

População em 31-12-922	Nascimentos	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
32 770	907	363	218	27,64	6,67	11,07

Em 1890 sua população era de 15 789 almas.

Sendo a area do municipio de 4001 Kms.², a densidade da população era em 1922 de 8,19 por Klm.².

O numero de predios existentes em 1922 era de 6500, dando assim a desidade de 5,04 habitantes, para cada casa.

Em 1899, o numero de predios era de 3083, sendo 222 urbanos e 2861 ruraes.

Foi esta a população pecuaria do municipio calculada em 1922:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	176 000	17 248:000\$000
Equinos	45 200	760:000\$000
Muarees	3 450	283:500\$000
Suinos	48 000	1 440:000\$000
Ovinos	54 500	981:000\$000
Caprinos	6 000	60:000\$000
Total	302 850	20 772:500\$000

Entre os diversos productos agricolas do municipio, figuraram em 1923, milho, feijão, arroz, trigo, batata ingleza, respectivamente, com 15 000, 2020, 4200, 1000, 4060 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado, em 1921, Cangussú figura entre os municipios do 3.º grupo, isto é: entre os que têm area de 400 000 a 500 000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em Hectares	Valor venal	Valor medio
6 496	402 075	21 127:050\$	52\$545

A receita e a despesa do municipio no referido anno de 1921, foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despesa		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extra-ordinaria		Ordinaria	Extra-ordinaria		
4:604\$	68:796\$	28:881\$	102:280\$	84:585\$	7:295\$	91:880\$	10:400\$

— *Vias de comunicação.* — Os rios que banham o município, são ahi navegaveis sómente em parte, isto é: o *Camaquã do Sul*, até o porto de S. José do Patrocinio e o *Piratiny do Sul*, até o passo de Maria Gomes.

O extremo sul do município é atravessado, em pequena extensão, pela estrada de ferro de Rio Grande á Bagé, tendo ali a estação do Cerrito. Ha uma estrada de ferro projectada ligando Pelotas á estação Dilermando de Aguiar. Essa estrada que vae atravessar o município na direcção de SE. para NO., contribuirá extraordinariamente para o seu desenvolvimento economico.

O município é cortado por diversas estradas de rodagem, entre outras: á Piratiny (villa) 46 Klms.; á Piratiny (estação), 73; á Pelotas, 66; á Cerrito (estação), 66; á S. João Baptista do Camaquã, 133; á S. José do Patrocinio, 65. As distancias foram calculadas a partir da séde.

O numero de vehiculos registrados em 1922 era de 686, assim discriminados: automoveis de passageiros, 3; carretas de 2 rodas, 198; carroças de 4 rodas, 475; carretões, 10.

A estação do telegrapho de Cangussú, que é de 5.^a classe e dispõe de um aparelho „Morse“, pertence ao 20.^o districto telegraphico. Em 1921 transmittiu 1149 telegrammas com 31 331 palavras e recebeu 1082, com 26 625 palavras. A receita foi de 5:002\$400 e a despesa de 6:670\$660.

Em 1923 contava o município 27 estabelecimentos de ensino, sendo 1 collegio elementar, 2 escolas isoladas e 24 subvencionadas pelo governo do Estado.

Sobre a instrucção ahi ministrada organisamos o seguinte quadro:

População do município	População escolar	Alunos matriculados	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alunos matriculados por 1000 hab.	Alunos matriculados para 1000 em idade escolar	Alunos matriculados em relação a area do município
32 770	6 488	1 201	197,67	39,67	185,11	0,3 por Klm. 2

Sobre a imprensa do município a noticia mais antiga que temos é a do periodico *Chrysalida*, que ali era publicado em 1888, nesse mesmo anno ahi apparecia o *Município*. Mais tarde, em 1894, surgia o *Tempo* e 2 annos depois o *Iris*, que em 1902 ainda era publicado.

Na villa de Cangussú funciona o Cine Ideal, inaugurado em fevereiro de 1913.

Ainda com o nome de *Cangussú*, existe um arroio que nasce a NO. da villa de seu nome e corre para SSE. até receber

o segundo affluente da margem esquerda, nesse ponto se in-flecte para S. até poucos metros ao N. da Colonia Maciel, no municipio de Pelotas, voltando-se ahi para L. e depois de correr cerca de 30 Klms. retorna para S. até sua barra no S. Gonçalo. *Coi e Nie e Cunha Lopes*, dão 75 Klms. para seu curso; *DOP*, calcula em 80 e o *C. Engenharia*, em 70, aproximadamente, e o figura como nascendo ao S. da villa de Cangussú. Alguns geographos confundem-no com o Pelotas. E' tambem conhecido por Contagem.

Cangussú é ainda denominação: da serra dos Tapes naquelle municipio, de um baixio na Lagôa dos Patos, onde existe com aquelle nome uma ilha, tambem conhecida por Feitoria; de um grande cerro que deu origem ao nome referido, pela conformação que apresenta e finalmente antigo nome de um rincão entre a serra do Herval e a Lagôa dos Patos, conforme se vê das concessões de sesmaria feitas em 1789 e 1801, a Santos da Costa Telles e a Antonio José Marques.

CANGUSSÚ VELHO. — Lugar e cerro no municipio de Cangussú.

CANTIN. — Assim *DAS* registra o nome do Caty.

CAPANÉ ^{III} contr. *caa-panema*, matta ruim ou esteril, isto é: que não tem madeira de lei.

Arroio, nasce na serra da Encruzilhada, no municipio de Cachoeira, e corre para N. até sua foz no Jacuhy depois de um curso de 70 Klms. Nos terrenos proximos a suas margens ha grandes plantações de arroz. Lugar no municipio de Cachoeira.

CAPANEMA (Barão de —). Linha colonial no municipio de Bento Gonçalves, que traduz em seu nome uma homenagem ao illustre geologo e geographo brasileiro Guilherme Schuch (Barão de Capanema). Organizador e primeiro director dos telegraphos no Brasil.

CAPANESO. — Está assim escripto o nome do *Capané*, na concessão de sesmaria feita em 1797, a Manoel Machado Teixeira.

CAPANEZINHO. — Palavra hybrida c. de *capané* (matta esteril, em tupi) + *zinho* (suffixo diminutivo, portuguez). Arroio tributario do Capané.

CAPÃO — corr. *caá-paú*, a ilha de matto. Lugar no municipio do Rosario.

CAPIVARA — corr. *capyi-uára*, o comedor de capim, o herbivoro. Nome de 8 arroios. Dois delles são affluentes do Guahyba, o da margem direita, nasce no cerro Negro e corre

de O. para L. até sua barra, depois de um curso de 30 Klms.; o da margem esquerda, nasce em Belem Velho e corre de NO. para SO., até sua embocadura, depois de um curso de 10 Klms. Entre os arroios que despejam suas aguas na lagôa Mirim e na dos Patos, figura, em cada uma dellas, um arroio com aquelle nome. Os outros quatro são: um tributario do Piratiny do Sul, no municipio de Santo Angelo; outro, do Arenal, em Santa Maria; outro do Passo Fundo no municipio deste nome e outro, finalmente, no Taquary, no municipio deste nome. Ainda com o nome de Capivara, existem: duas linhas coloniaes, sendo uma em S. Leopoldo e outra na Estrella; quatro passos nos arroios do mesmo nome, nos seguintes municipios: dois em Porto Alegre, um em Pelotas e o outro em Santa Maria; dois morros, um na Estrella e outro em Taquary e ainda neste municipio uma ilha e um baixio; um sacco na Lagôa Mirim e uma cachoeira no rio Uruguay.

CAPIVARY — corr. *capyi-uára-y*, rio das capivaras. Nome de 2 rios e 2 arroios. Um dos rios é tributario do Jacuhy e o outro da Lagôa dos Patos. O primeiro nasce por 2 galhos, um chamado Capivary Grande e o outro Capivary Mirim, aquelle desce da encosta oriental do Cerro do Vigia, a L. da villa da Encruzilhada e depois de avolumado pelas aguas do Capivary Mirim corre na direcção de S. para N., até sua barra, depois de um curso de 73 Klms. O tributario da Lagôa dos Patos, nasce na banhado do Machado, formado pelo excesso das aguas da lagôa dos Barros, e corre de N. para S., atravessando a varzea de seu nome, até se lançar no Sacco da Roça Velha, a L. de Itapoan, depois de um curso de 33 Klms., com a largura de 2 a 3 metros e a profundidade maxima de 4,^m40 (*Varela*). *Oct. Far.*, repetiu estes dados, evidentemente errados, quanto a largura. *Camargo*, dá de 26 a 30 metros para a largura do mencionado rio, cujo curso calcula em 36 Klms. *DAS*, que copiou estas informações, resumindo a descripção de *Pereira Campos*, disse: „Quando no periodo das aguas minimas a lagôa dos Barros não fornece agua ao banhado do Machado, a profundidade do Capivary que é no maximo de 20 palmos, torna-se tal que só permite a navegação até uma legoa acima da sua foz, isto é, até o lugar denominado porto dos Hiates; porém, no periodo das aguas maximas, e mesmo no das aguas medias, a navegação torna-se franca, prestando valioso serviço ao transporte das aguardentes por chegarem as embarcações mais perto dos centros productores: seria conveniente que fosse levada a effeito a canalisação projectada da lagôa de Santo Antonio, pois tornaria permanente a sua navegação, e acarretaria grande desenvolvimento a industria do municipio de Santo Antonio da Patrulha.“

Um dos arroios acima referidos é tributario do Quarahy, no municipio de Uruguayana e o outro do Ibirapuitan, em Alegrete. Aquelle nasce na encosta meridional da cochilha de Pai Passo e corre para S. até sua foz, depois de um curso de cerca de 12 Klms., segundo *DOP.*, *Cunha Lopes*, calcula em 25 Klms., e a *C. C. G. B.*, em 29.

O affluente do Ibirapuitan, nasce em uma das vertentes septentrionaes da Cochilha de Sant'Anna e corre na direcção geral de NNE. até sua barra, depois de um curso de 60 Klms., segundo *Cunha Lopes*; *DOP.* calcula em cerca de 55 Klms. e *W.* e *Men.* em 30, apenas.

Ainda com o nome de *Capivari* existem tres passos, nos seguintes municipios: um em Alegrete, outro em Rio Pardo e o outro em Conceição do Arroio, onde ha, com a mesma denominação um banhado, uma lagôa e um lugar; em Alegrete, ha uma estrada de rodagem e uma estação da estrada de ferro; em S. Leopoldo uma linha colonial, e, finalmente, em Rio Pardo, uma capella curada.

CAPIVARY MIRIM — corr. *capyi-uára-y mirim*, riozinho ou arroio da capivara. Arroio, nasce na serra do Herval e corre na direcção de S. para N. e depois de um percurso de 17 a 18 Klms. se inflecte para O., direcção que conserva até se lançar no Capvary. Seu curso é de cerca de 20 Klms.

CAPOEIRA — corr. *caá-poera*, a matta extincta. Nome de dois arroios: um delles é affluente do Duro no municipio de S. João do Camaquã e o outro do Ijuhy, no municipio deste nome. Ainda com a mesma denominação existem: duas sangas — uma dellas engrossa as aguas do Cambahy, no municipio de S. Gabriel, e a outra as do Jacuhy, em Cachoeira: um passo sobre o Guassupy, em Julio de Castilhos; curato no municipio de Alfredo Chaves, onde ainda existe com o referido nome, um povoado — a séde do 2.º districto.

CAPOEIRA DO BIER. — Lugar no municipio de Taquara.

CAPOEIRA DO MONGE. — Lugar no municipio de Pelotas.

CAPOERÊ — corr. *caapu-herê*, campo das pulgas, no dialecto dos bugres ou coroados. Em guarani seria *matto chamuscado*, isto é: corr. *caa-ahapu-herê*. Preferimos, porém, a traducção acima porque a zona em que está situado o lugar e o rio conhecidos por aquella denominação, foi habitada por Coroados, e por isso não só esse nome como outros daquela região, entre elles Erechim, Erebangó etc., são daquela origem. No mappa do *C. Engenharia* se lê *Campo Erê* e de *campo*, substantivo portuguez e *herê*, queimado, em guarany= campo

queimado. Se se tomar o segundo vocabulo como de origem bugre, a traducção é: campo campo, o que evidencia o erro da ultima denominação citada, que tambem se lê em outros autores. Estação da estrada de ferro de Santa Maria á Marcellino Ramos, entre as de Erebango e Paiol Grande. Arroio affluente do rio Ligeiro no municipio de Erechim. Seu curso, segundo *DOP.* e o *C. Engenharia*, é de cerca de 60 Klms. Na *Planta da Colonia de Erechim*, figura com 10 Klms., apenas.

CAPOROROCA — corr. *caa-pororog*, folha que estala, que crepita. A *capororoca* (*Myrsine umbellata* de Mart.) como todas as de sua familia (*Myrsinaceae*), não larga nunca as folhas, que são ovaes, coraceas e de um bello verde negro; seu tronco, erecto e alto, é encimado por uma frondosa copa de bella apparencia, fornecendo excellente sombra. Presta-se para arvore de adorno. Cresce com facilidade e é rustica. Suas folhas, quando lançadas ao fogo, crepitam, vem d'ahi a origem de seu nome.

Lugar no municipio de Santo Antonio da Patrulha e rincão no de S. Gabriel. Pequeno arroio tributario da lagôa Mirim. Seu nome não figura em nenhuma geographia nem em diccionarios geographicos, encontramo-lo nas concessões de sesmaria feitas em 1814, a Antonio Joaquim da Silva Porto e a José Bartholomeu Sandim. Nasce a cerca de 2 Klms. a SO. da cidade de Santa Victoria do Palmar e corre para O. até sua foz, depois de um curso de 4 Klms., aproximadamente.

CARÁ — corr. *a-cará*, cabeça aspera, nome de um peixe conhecido vulgarmente por cascudo, e commum em nossos rios. (*Cromis Acará*). Manoel Benicio em sua *Toponymica Indiana Campista*, diz: „De accôrdo com o *Roteiro* dos sete Capitães (1632) a etymologia é outra, pois se lê que «elles deram o nome de carapebus a outra lagôa, por terem encontrado nella *passaros corpulentos* assim chamados em S. Vicente, tendo o capitão Duarte Corrêa morto um delles». A palavra *cará* deixa, pois, de significar peixe para indicar o passaro *Guara* (ibis rubra), vocabulo que o proprio Nobrega e Anchieta escreviam *gara* ou *cará*.”

Pode ser tambem *cará*, nome de uma raiz conhecida e que se come — o inhame (*Dioscorea*). Pode ainda significar manha, astucia: *Nachecarari raco chê*, não sou destro, manhoso, astuto, etc.; *cararai*, mui astuto.

Arroio, nasce na serra de Cangussú e corre para NNE. até sua barra no Camaquam do Sul, depois de um curso de 27 Klms. *S. Leopoldo*, escreveu Carah; *Lassance Cunha*, Carao; *Camargo*, Curua.

CARAA — e. *cará-a*, o fructo, o tuberculo do cará ou a cabeça do cará. Arroio, nasce na serra da Encruzilhada e

corre para SO. até sua barra no arroio dos Ladrões. Seu curso é de cerca de 6 Klms. Nas concessões de sesmaria feitas em 1792 e 1793 a Manoel Macedo Brun da Silveira e a Constança d'Oliveira Pinto Bandeira, está mencionado o nome desse arroio. Com aquella denominação existe outro arroio que nasce nos campos de Cima da Serra e corre para NNO., até sua foz no Camisas depois de um curso de 50 Klms., segundo *Cunha Lopes*; *Coi* e *Nie*, dão-lhe cerca de 90 Klms.

Linha colonial no municipio de Santo Antonio da Patrulha.

CARABÁ. — Assim *DAS* escreveu o nome do *Caraha*, affluente do rio Sino ou *Itapuy*.

CARAGÁ — alt. de *caragua*, que é corr. de *carauá*, especie de bromelia, cujas folhas dão fibra para franças e para cordas (*Th. Sampão*).

Arroio, nasce na serra de Cangussu e corre de NO. para SE. até sua foz na Lagôa dos Patos, depois de um curso de 25 Klms. *Coi* e *Nie* dão essa denominação ao arroio Balthazar.

CARAGUATAHY — corr. *caraua-ta-y*, o rio dos caraguatas rijos ou duros. Arroio tributario do Ijuhy, no municipio de Santo Angelo. O capitão João Rosa da Silva, da C. C. G. B. em um de seus interessantes relatorios dá aquella denominação ao *Gravatahy*, affluente do *Ibicuihy*.

CARAHÁ. — O mesmo que *carauá*, especie de bromelia (*Mart.*). Arroio, nasce no morro Agudo, no municipio da Conceição do Arroio e penetra em seguida no municipio de Santo Antonio da Patrulha rumo NO. até sua foz no rio do Sino, depois de um curso de cerca de 15 Klms. *Cunha Lopes*, escreveu *Carabá*, repetindo *DAS*. Com aquelle nome *DOP*. registra o *Carajá*, affluente do *Camaquam do Hilario*.

CARAHY — c. *cara-y*, rio dos carás. Pode ser tambem *carahy*, forma contracta de *carahyba*, appellido dado pelo gentio ao homem branco.

Arroio tributario do Inhaçundá, nasce nos campos de seu nome e corre para SO. até sua barra, perto do passo do Batovy, depois de um curso de 12 Klms.

CARAHY PASSO. — Palavra hybrida, c. *carahy-passo*, passo sagrado, passo do valente, passo do sabio ou do homem branco. Arroio tributario do Jaguary, rega o municipio de S. Francisco de Assis.

CARAJÁ — alt. *caraya*, especie de mono grande. Appellido depreciativo dado pelo gentio aos seus desaffectedos. Pode ser tambem corr. de *cara-ya*, manha, astucia do senhor ou dominador, visto que o suffixo *yá* exprime, senhor dominador.

Arroio tributario do Passo Fundo, no município deste nome.

Oct. Far. registra com aquella denominação os dois arroios *caraá*.

Ainda com o nome de *Carajá* existe um arroio tributario do Camaquam do Hilario, no município de Caçapava. Nasce na serra deste ultimo nome e corre de N. para S. e depois se inflecte para SO. até sua foz. Seu curso é de 50 Kms., segundo *DOP.*, que o figura como tributario do Seival. O *C. Engenharia* calcula seu curso em cerca de 25 Kms.

CARAJAZINHO. — Palavra hybrida, c. *caraja* (tupi) + *zinho* (portuguez). O correcto é *Caraja-Mirim*, visto que o diminutivo em tupi se forma pospondo ao positivo os vocabulos *mirim* ou *mini* ou simplesmente a particula *y*.

Lugar no município de Santo Angelo.

O *C. Engenharia* dá aquelle nome a um rio que figura como nascendo ao N. de Carajazinho e descendo d'ahi em direcção do S. e depois de um percurso de 20 Kms. se inflectindo para SO. até sua barra no arroio *Inhacacuitam*, que dá como affluente da margem direita do Piratiny do Norte, por haver transportado o nome do arroio supracitado para este rio.

CARANDAHYTI — c. *caranda-y-ti*, ponta do rio das carnaubas. Denominação dada por *Olmedilla*, a um dos affluentes do Uruguay.

CARANRI. — Está assim escripto o nome do *Carvoracy*, na concessão de sesmaria feita, em 1814, a Manoel Silveira.

CARAO. — Assim Lassance Cunha escreve o nome do *Cará*, affluente do Camaquam do Sul.

CARÁS. — „A lingua tupi não tem flexão para os nomes. O mesmo nome sob a mesma forma, pôde estar no singular ou no plural; dependendo isso tão sómente do sentido da phrase. Todavia com o auxilio dos adjectivos *etá* e *quera*, se consegue fazer o plural dos nomes.“ (Th. Sampaio). O padre Restivo disse que no guarani antigo se podia formar o plural dos nomes com os suffixos *cue*, *cuera*, *que*, *quera*.

Lugar em Lagôa Vermelha; linha colonial no município de S. Sebastião do Cahy, onde tambem existe um arroio com aquella denominação e que é tributario do rio Cahy.

DOP. registra: *Arroio das Caras* e o *C. Engenharia* o chama Piauihy, confundindo-o, talvez, com o Pirajá ou com o Piahy, que é, aliás, tributario da margem direita.

CARAVATAHY — c. *caraua-ta-y*, rio dos caraguatás. Está assim escripto o nome do actual rio *Gravatahy*, no alvará de 27 de abril de 1809, que dividiu o Rio Grande do Sul em 4 municipios. *Ayres do Casal* adoptou essa graphia.

CARAZES. — E' um erro crasso esta designação. O correcto é *caraeta* ou *carás*, em que, ao menos, se observou a regra para a formação do plural em portuguez, o que não aconteceu em *carazes*, que se deriva de *cará*. Por aquelle nome são conhecidas duas voltas, sendo uma no Jacuhy, a 3 legoas de Porto Alegre e a outra no Ibicuby.

CARAZINHO. — Palavra hybrida pelo mesmo motivo que o é *carajzinho*. Importante districto no municipio de Passo Fundo, em cuja séde existe, com o mesmo nome, uma estação da estrada de ferro S. Paulo—Rio Grande. Ainda em Passo Fundo, com aquella denominação existe um curato, uma estrada de rodagem que liga o povoado do districto referido ao nucleo colonial de *Não-me-toque*, e um arroio, que nasce a O. daquelle povoado e depois de o banhar corre para S. até se lançar no rio da Varzea, depois de um curso de cerca de 8 Kms. E' tambem nome de um lageado no municipio da Soledade.

CARIJÓ — corr. *caráy-yo*, o mesmo que cariboca que exprime: tirado ou descendente do branco; sarapintado de preto e branco: pedrez. Nome de dois arroios, um delles é affluente do Jacaré, no municipio do Lageado e o outro rega o municipio de Guaporé. Nesses municipios existem com aquelle nome um morro e uma serra.

CARIOCA. — O mesmo que carijó. Exprime, tambem, mestiço: isto é, filho de indio com branco. Pode ser ainda, como adverte *Th. Sampaio* c. *cari-oca*, a casa do branco.

Porto e passo no rio do Sino, arroio affluente desse mesmo rio e linha colonial, tudo no municipio de S. Leopoldo. Existem ainda com aquelle nome: um arroio affluente do Almoço, no municipio de Santa Cruz, e uma cachoeira no Jacuhy.

CAROGUE — corr. *caarob-cue*, aqui foi Caaro, ou aqui existiu o povo de *Caaro* (*Teschauer*). Antiga denominação do actual arroio *Urupua* e que lembra o nome do local onde existiu a missão fundada pelo padre Roque Gonzales de Santa Cruz, em 1.º de novembro de 1628, e onde foi esse veneravel apostolo sacrificado pelos indigenas.

CAROVASASI. — Está assim escripto o nome do antigo capão de *Carvôracy*, na concessão de sesmaria feita, em 1814, a José Gomes da Silva.

CAROVY — corr. *caa-rob-y*, arroio das carobas ou do matto falhudo ou ainda da folha amarga. Pode ser também corr. *caa-r-oby*, a folha azul.

Arroio no municipio de Caxias; lugar no de S. Luiz Gonzaga; rincão e districto no de Santiago do Boqueirão e capão à margem direita do Camaquam do Norte.

Nome de um vertice locado pela *C. C. G. B.* a $28^{\circ} 52' 45''$ de Lat. Sul e $11^{\circ} 32' 48''$ de Long. O. do Rio de Janeiro. Fica na Cochilha do mesmo nome e pela qual passa a estrada S. Luiz—Tupaceretan.

CARUMBÉ. — O mesmo que *chué*, Tartaruga; *carumbé rupiá*, ovos de tartaruga; *carumbé naçoó ruguaí*, tartaruga não é carne. Por carumbé também se designa um cesto raso, semelhante a tartaruga.

Arroio, nasce na cochilha de Sant'Anna e corre para N. até sua barra no Touro Passo, no municipio de Uruguayana, depois de um curso de cerca de 22 Klms. Estação da estrada de ferro, no mesmo municipio, entre as de Touro Passo e Pinday-Mirim, no Klm. 595,5 a 451^m de altitude.

CARUMBÚ. — Assim *Cunha Lopes* graphou o nome do arroio *Carumbé*.

CARURÚ — c. *caá-ruru*, folha ou herva grossa, inchada, aquosa, folha mucilaginosa (*Bap. Caetano*). Pode ser corr. de *caa-rerú*, prato de ervas ou de folhas, segundo *B. Rhoan* e *Th. Sampaio*. Para *Montoya* e *Martius*, caarerú é beldroega. A esta herva (especie de portulacea hortense) é que tem inteira applicação a traducção do primeiro dos autores citados.

Arroio no municipio de Caxias.

CARVORACY — corr. *caá-porace*, o matto de dançar, o matto de reunião para a dança ou o matto onde se dança. Capão, Passo, Fazenda Banhado e Arroio no municipio de Alegrete. O arroio nasce no banhado do mesmo nome e corre de SSE. para NNO. até sua foz no Ibicuhy, depois de um curso de cerca de 42 Klms. *LAF.*, o registra como affluent do Inhanduhy; *Min-Via.*, o confunde com o Itapororó e o *C. Engenharia*, o denomina Sanga do Angico.

CASIQUEL. — Assim *Cabrer* registra o nome do Cacequi.

CASSEQUI. — Está assim escripto o nome do Cacequi nas concessões de sesmaria feitas em 1811, a Manoel Luis da Cunha e a Thimoteo José da Cunha.

CATANDUVA — corr. *caáta-dyba*, abundancia de cerrado, matto ralo, carrasquento. *B. Rhoan*, diz que é o mesmo que *cahiva*, c. *caa-ahiva*, matto mau. E' também nome de uma

arvore do Rio Grande do Norte que, segundo o autor citado, chega a ter 11^m de altura, sua madeira é branca, de amago violáceo, de folhas miudas; a casca é abundante em tanino.

Arroio tributario do Ibicuyh no municipio de Santa Maria, onde tambem existe uma estrada com esse nome. Banhado e lugar em Santo Antonio da Patrulha.

CATANDUVINHA — c. *catanduva* (matto mau, em tupi) + *inha* (suf. diminutivo, portuguez). Lugar e passo no municipio de Santo Antonio da Patrulha.

CATIM — c. *caá-tim*, ponta de matto. Pode ser tambem matto branco, visto que *tim* é contr. de *tinga*. O conego Gay traduziu: catanga. Está daquella forma escripto o nome do actual arroio *Caty*, na concessão de sesmaria feita, em 1814, a Oliverio José Ortiz. S. Leopoldo, Gay, Camargo e Varela, tambem o registram com aquella graphia.

CATIMBAU — corr. *catim-pau*, capão do matto branco. O suffixo *pau*, significa, no meio, cousa que se destaca isolada: *ipau*, ilha no rio; *nhupau*, ilha de matto no campo; *caapau*, ilha de matto — capão.

Arroio, tributario da margem direita do Ibirapuitan, no municipio de Alegrete, nasce no cerro de seu nome, na serra de Caverá, divisor de aguas do Ibirapuitan e Caverá.

Creemos que a origem do nome provem do cerro que se destaca como uma ilha de matto no dorso da serra em que assenta.

Ed. Far. diz que catimbau significa cachimbo pequeno, velho. *B. Rhoan*, o secunda. *Moraes*, menciona como significando homem ridiculo. Parece-nos que para o caso vertente a traducção que mais se adapta é a que acima consignamos.

CATY — c. *caá-ty*, matto branco. Pode ser tambem agua do matto ou rio da matta, visto que agua tambem é designada em tupi pelo vocabulo *ty* ou *ti*: *Ti cabaquá*, agua corrente, a correnteza do rio; *Tieté*, rio verdadeiro.

Arroio, nasce na cochilha de Japejú, proximo ao cerro das Catacumbas; é orlado de matto em ambas as margens. Seu curso é de 40 Klms., segundo os dados da C. C. G. B., que o considera como tributario do Sarandy, secundando assim a opinião de DAS e Cunha Lopes.

S. Leopoldo, Gay, DOP., Oct. Far., Resende e o C. Engenharia — este escreve *Catyia* — o mencionam como affluente do Quarahy.

Parece que ha troca de nome entre o Caty e o Sarandy. Lei n.º 762 de 4 de maio de 1871, que estabeleceu os limites

do municipio de Alegrete, menciona o Sarandy como contravertente do arroio do Chapeu, tendo suas nascentes na cochilha do Japejú e desaguando no Quarahy — precisamente a mesma situação do arroio que no mappa de *DOP*, figura com o nome *Caty*.

CAUACUAM. — Está assim escripto o nome do Camaquã do Sul no *Mappa de los confines de las dos Coronas de Hespaña y Portugal en la America Meridional*.

CAUMULIM. — Assim *Gay* registrou o nome do *Camoatim*.

CAVACUA-GUAÇÚ. — Foi assim registrado pelos demarcadores de 1759 e 1788, o nome do actual rio Herval Grande.

CAVACHIM. — Está assim escripto o nome do Camoatim na concessão de sesmaria feita, em 1814, a José Antonio da Silva Neves.

CAVACUAN. — Assim *Olmedilla* registrou o nome do Camaquã do Sul.

CAVAHY — c. *caa-yba-y*, arroio do matto das fructas. Arroio affluente do Inhacondá. Lugar no municipio de Santo Angelo. *Oct. Far.* escreve *Cavandahy*.

CAVAJURETAN — corr. *cabayu-retã*, a região ou patria, terra dos cavallos. Arroio, nasce na cochilha de seu nome e depois de um curso de 17 Klms., se lança no Jacuhy, abaixo da barra do Piquiry. Rincão e cochilha no municipio de S. Vicente.

CAVERÁ — corr. *caá-berá*, folha brilhante, luzidia. Rio, nasce no cerro da Conceição, na serra de seu nome e corre para NO. até se lançar na margem direita do Ibirapuitan, depois de um curso de 95 Klms, segundo a *C. C. G. B.* e o *C. Engenharia*. *Montenegro*, dá-lhe 120 Klms., *Cunha Lopes* e *DOP*, cerca de 73. Recebe pela margem direita as aguas do Toro Passo, Queromano, o *C. Engenharia* escreve Queroano, e o Lageadinho.

„O *Caverá* tem farta e variada vegetação em ambas as margens e em todos os ramos de suas cabeceiras. As aguas caídas da serra do mesmo nome a elle correm. Seus primeiros 45 Klms. de curso são por entre a parte central dessa serra, dividindo-a em 2 secções, sendo a principal a da margem direita. Seu leito é profundo e encachoeirado. *C. C. G. B.* (Relatorio do tenente Raul da Cruz Pinto. Campanha de 1912 a 1913). São ainda desse interessante trabalho os seguintes dados sobre a serra do Caverá: „Como ultimo ramo da Cochilha do Haedo, temos a Cochilha dos Cerros Verdes, que a

liga á Serra do Caverá. Aparta-se no marco do Lopes com direcção N. dividindo as aguas dos arroios Ibirapuitan e Ibicuhy da Armada. Seus pontos notaveis são os cerros da Vigia e Conceição. A serra do *Caverá*, que abrange area bastante extensa 1280 Klms.², comprehendendo parte dos municipios de Livramento e Rosario, vae daquella cidade ás proximidades dessa villa. Seus principaes contrafortes se encontram nas cabeceiras do Ibicuhy da Conceição e seus tributarios nas cercanias de Livramento, a 6 Klms. ao N. dessa localidade. Não tem ella uma direcção determinada, pois apresenta uma forma extremamente irregular, desharmonica em seu conjunto, sendo construida de chapadões e cerros, ora dispostos numa accentuada desuniformidade, ora ligados por pequenos ramos de estreitas elevações de terreno.

„E' de natureza pedregosa e com abundante vegetação nos profundos valles que nos apresenta; as encostas dos cerros que a formam são, no geral, ingremes, de accesso quase impraticavel. E' curioso notar-se que, em seu conjunto, quando o observador collocado sobre um qualquer dos seus chapadões, apresenta uma uniformidade bastante sensivel, na altura das suas cumiadas. A media aproximada das cotas de seus cerros e chapadões, em relação ás suas bases, varia de 80 a 110.^{ms}.

„Em seu seio são alimentados muitos arroios das bacias do Santa Maria e Ibirapuitan. Do lugar denominado S. Carlos, proximo ao Passo do Caverá, afasta-se, com direcção a Alegrete, um ramo desta serra, em forma de cochilha, separando as aguas do Ibirapuitan e as do Caverá. Em seu dorso encontram-se os cerros do Dinheiro e Catimbau.

CAY. — Está assim escripto o nome do Cahy no alvará de 27 de abril de 1809, que dividiu o Rio Grande do Sul em 4 municipios.

CAYBATE. — Assim S. *Leopoldo* escreveu o nome do *Caiboate*.

CAYIY. — Está assim escripto o nome do rio Cahy no *Segundo Mappa do Paraguay* (1.^a e 2.^a edição).

CAYUVÁ — corr. *caá-y-upá*, a lagôa da matta, ou c. *cai-upá*, a lagôa dos macacos. Alf. *Carvalho* traduziu: corr. *acayu-yba*, o cajueiro. Presta-se a outras interpretações: c. *caa-yuba*, o matto amarello ou *ca-yuba*, a vespa amarella. As duas primeiras traducções são as que melhor se applicam ao caso.

Lagôa situada entre a Mirim e o Oceano e 3 Klms. ao N. da do Flôres, com a qual é ligada por um canal que denominam sangradouro do Flôres. Ayres do Casal calculou o

comprimento dessa lagôa em 6 milhas sobre 2 de largura. *Cunha Lopes* e *DOP.* em 13 Kilometros por $2\frac{1}{2}$ de largura.

Ainda pelo nome de *cayuba* ou *cayuva* eram conhecidos os campos situados nas proximidades da referida lagôa, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1738, a Francisco Xavier Luiz.

CEBOLATY — c. *ceboi-ty*, cebola branca. Pode ser também rio das cebolas. Denominação dada ao actual rio Turvo pelos demarcadores de 1788,, e que Lozano denominára, em 1722, *Uruguay Pitã*. E' o *Paricary* ou *Piracahy*, dos demarcadores de 1759, conforme se lê no diario da commissão mixta.

O geographo hespanhol Oyavirde encontrou, em 1788, o mesmo rio com dois nomes: o acima referido e *Piray*.

„O Uruguaypitã do *Mappa das Cortes*,“ diz Rio Branco, „apparece no de Bellin com o nome de *Uruguay fosta*, engano só imputavel ao gravador, pois é facil de lêr Uruguay-fosta, em vez de Uruguaypuitã.“

O rio Turvo, antigo Cebolaty, nasce na cochilha do Rincão da Guarita aos $27^{\circ} 59' 13'' 8$ de Lat. Sul e $10^{\circ} 22' 30''$ de Long. O. (*M. Beschoren*). Corre para NO. até sua embocadura no Uruguay, depois de um curso de 130 Kms., segundo *Cunha Lopes* e o *C. Engenharia*. *DOP.*, que calcula seu curso em cerca de 120 Kms., dá-lhe também o nome de *Ferro*, como o fizêra *Coi* e *Nie*.

CHERRIEBY. — Pensamos com *Vel. Silv.* que o arroio assim denominado no Diario de *Rois Cunha*, é o actual *Chuni*. Aquelle nome tem sido repetido com differentes graphias pelos diversos autores que se têm occupado da historia e da geographia do Rio Grande do Sul. *Dreys*, *Al. Lima* e *Fer. Osorio*, escreveram Churieby; *Vel. da Silv.* e *Varela* — Cherieby.

CHIMBUCÚ — corr. *ty-pucú*, o narigão ou nariz grande. E' frequente nos vocabulos indigenas, como observou *B. Rhoan*, a mudança de *tí* em *chim*.

Arroio, nasce na cochilha de Pirapó, no municipio de S. Luiz Gonzaga e corre parallelamente á estrada dos Medeiros, isto é: de L. para O., até se lançar no Piratiny, depois de um curso de cerca de 40 Kms., com uma largura variando entre 6 a 8 metros. E' barrancoso, como quase todos os arroios da Região Missioneira.

CHIMBUCUZINHO — c. *chimbucu* (tupi) + *zinho* (suf. diminutivo, portuguez). Arroio, tributario do Chimbucú.

Recebe as aguas das sangas S. Luiz e Assuhy, que corre entre as estradas de S. Borja e a dos Coqueiros (C. C. G. B.).

CHIMBURÚ. — Assim *Coi* e *Nie*, *Cunha Lopes*, *Varela* e *Oct. Faria*, registram o nome do *Chimbucú*.

CHIMBURÚZINHO. — Assim *Oct. Far.* registra o nome do *Chimbucuzinho*.

CHUNI — corr. *chue-y*, rio da tartaruga ou rio vagaroso. Arroio affluente do Piratiny do Norte, no municipio de Santo Angelo. Nasce na cochilha do Pirapó, ao S. da estrada de S. João Mirim para S. Miguel e corre na direcção de SO., até sua foz, depois de um curso de 17 Klms.

CHURIEBY. — Assim *Dreys*, *Fer. Osorio* e *Al. Lima*, escrevem o nome do Cherrieby, do Diario de *Rois da Cunha*.

CHUY — corr. *chue-y*, rio da tartaruga ou rio vagaroso. *Mart.* traduziu: *hy*=agua, *chu*=avé. Evidente confusão com o *chui-chui*, pequeno passaro de peito amarello.

Arroio, nasce no banhado dos Canelões e corre para S., em terrenos baixos, de margens alagadas; seu leito tem a largura variando de 3 a 20 metros, até o passo de seu nome, isto é: até receber os Olhos d'agua, seu affluente pela margem esquerda. Ahi se inflecte para L. até se lançar no Atlantico. „Do Passo Geral onde está collocado o grande marco n.º 2, até a foz no marco n.º 1, no curso de 9400 metros, é divisa natural com o Estado Oriental do Uruguay. Na estiagem suas aguas ficam por vezes cortadas, pelas areias da beira do mar, abrindo barra em pontos differentes, logo a primeira chuva.“ (C. C. G. B.).

Em 1907, o então captão Arthur O. de Almeida, a serviço da Carta Geral do Brasil, o encontrou sem barra, dias depois verificava que elle estava desaguando no Oceano a 1600 metros para o N. do marco n.º 1, que assignala o inicio de nossa divisa com a Republica do Uruguay.

Essa mudnaça da barra do Chuy „ja deu causa a uma divergencia entre autoridades brasileiras e orientaes, por terem estas tomado posse de uma embarcação que déra á costa nas suas proximidades, em territorio que *dias antes*, pertencêra ao Brasil, quando a foz do Chuy estava mais ao sul, o qual então se tornára territorio oriental.“

Para evitar duvidas posteriores a acta da demarcação dos dos limites com a Republica Oriental do Uruguay consigna „que não permittindo por natureza a desembocadura do arroio Chuy, fixar com precisão o ponto permanente de sua entrada no Oceano, porquanto a maior ou menor altura de suas marés,

invadem ou abandonam o seu leito, pronunciando-se por suas praias nas baixantes de uma modo variavel, ter-se-á com tudo entendido que ainda quanto á collocação do marco estabelecido se ache a algumas braças ao sul daquella, por não offerecerem as areias um lugar mais conveniente para situa-lo, isto não obstará que se considerem suas margens respectivas como propriedade de um e outro dominio, qualquer que venha a ser a situação de sua foz em suas alterações futuras."

Cunha Lopes, Tan. Mello, Oct. Far., e DOP, dão cerca de 32 Klms. para o curso do Chuy e o figuram como nascendo ao S. da estrada de rodagem de Santa Victoria á Rio Grande, quando nasce a mais de 30 Klms. ao N. dessa estrada, e tem 66 Klms. de curso.

O cerro do Chuy fica a $33^{\circ} 44' 36'' 96$ de Lat. S. e $40^{\circ} 42' 09'' 58$ de Long. O.

O Marco n.º 1 (limite com o Uruguay) fica a $33^{\circ} 44' 46'' 3$ de Lat. S. e $40^{\circ} 42' 08'' 6$ de Long. O.

CIPÓ — corr. *icá-pó*, fibra que se agarra ou adhire (*Th. Sampaio*). *Ed. Faria*, traduz: *raiz*.

Arroio, tributario da margem direita do Tainha, no municipio de S. Francisco de Cima da Serra, onde existem com aquelle nome um cerro e um lugarejo.

COMANDAHY — c. *comanda-y*, rio do feijão.

Rio, nasce nos campos de Geruá, no 2.º districto de Santo Angelo, e desce na direcção de O. e depois de 25 Klms. de curso se inflecte para NNO., isto é; desde o ponto em que serve de limite entre os municipios de Santo Angelo e S. Luiz Gonzaga, até se lançar no Uruguay, depois de um curso de cerca de 130 Klms. Suas aguas são avolumadas por muitos affluentes em uma e outra margem. Seu primitivo nome era *Tabaty*. Com relação a isso escreveu Rio Branco: „O *Tabaty*, onde antes estivera a missão de S. Xavier, é o affluente da margem esquerda do Uruguay a que os jesuitas davam o nome de *Yguarape* nos seus mappas de 1722 e 1732, e que em 1759, segundo os demarcadores portuguezes e hespanhoes, era conhecido por *Ytapua*. Hoje tem o nome de *Comandahy*.“

COMANDAHYZINHO — c. *comanday* (tupi) + *zinho* (suf. diminutivo portuguez), arroio, riacho ou riozinho do feijão. Arroio tributario do Comandahy, no municipio de Santo Angelo.

CONGONHA. — Assim os Corôados designam a arvore da herva-matte. *B. Caetano*, diz que é corr. de *congoi*, o que sustenta, a herva-matte.

Lugar no municipio de Vaccaria.

CORAHY. — Está assim escripto o nome do Quarahy na concessão de sesmaria feita, em 1814, a Antonio José de Oliveira Guimarães.

CRIUVA — contr. *cricri-uva*, a arvore dos cricris (*Leuconthae multiflora*). Deve seu nome vulgar ao facto de ser preferida pelos cricris para nella pousarem. Vegeta nos campos montanhosos da região serrana. Seu aspecto é pouco seductor, pois se apresenta sempre baixa e retorcida, como que martyrizada pelas queimadas dos campos (*J. Dutra*).

Povoação no municipio de S. Francisco de Paula e cerro no municipio de Cangussú fica a 30° 55' 18" de Lat. S. e 9° 02' 37" de Long. O.

CUACACAY. — Assim *Millau* registra o nome do Vacca-hay.

CUARUPÁ. — Está assim escripto o nome do Garupá na lei n.º 703, de 9 de setembro de 1869, que estabeleceu os limites de Alegrete.

CUCA — o trago, o que se engole de uma só vez. Designa uma especie de coruja (*Th. Sampaio*).

Arroio no municipio de Montenegro.

CUCHÁ — corr. *cochá*, vocabulo da lingua kichua significando lagôa, pantanal, brejo (*Th. Sampaio*).

Arroio, banha a villa de S. Vicente.

GUNHATAHY — c. *cunha-tai* mulher pequena, tenra, isto é: joven, moça, donzella.

Arroio, nasce na cochilha de S. Sebastião e corre para O. em uma chapada de cerca de 300 metros de altitude, até cerca de 20 Klms., d'ahi em diante o terreno soffre uma depressão brusca de uns 100 metros, se inflecte então para SO. até o passo do Palma, tomando d'ahi depois de descrever um angulo agudo, a direcção NO. até sua foz no Santa Maria. Seu curso é de 75 Klms. aproximadamente.

Cerro no municipio de D. Pedrito, proximo á estação de S. Sebastião.

CURAJÁ. — Assim *Camargo* escreveu o nome do *Carajá*, affluente do Camaquam do Hilario, no municipio de Caçapava.

CURUÁ. — Assim *Camargo* escreveu o nome do *Cará*, affluente do Camaquam do Sul, no municipio de Cangussú.

CURUMBAY — c. *cura-mba-y*, rio do banco de cascalho. Denominação dada ao primeiro affluente do Uruguay, acima

do Ijuhy, pelos demarcadores de 1759, segundo se vê do mappa appenso ao *Dariio Portuguez*.

CURUZÚ. — Cruz — vocabulo creado pelos missionarios.

Nome de um lugar no municipio da Soledade e de tres arroios, sendo um no municipio de S. Vicente, outro no de Caxias, e o outro em Passo Fundo, onde é tributario do Facão.

CURUZUPUCÚ — c. *curuzú-pucú*, a cruz grande. Antigo rincão á margem esquerda do rio Itú, conforme se vê das concessões de sesmarias feitas, em 1815 e 1816, a Francisco José de Carvalho e a Miguel Pereira Simões.

CUTIA — corr. *acuti* (*Dasy procta*) individuo que se posta ou que se assenta, allusão ao habito desse animal de se assentar para comer. O animal roedor.

Morro no municipio de Porto Alegre.

CUTUYA. — Assim o *C. Engenharia* escreve o nome do *Garupá* desde a barra do Lageado até a foz, no Quarahy.

GUXIPASSO — c. *cuy* (ouriço, em tupi) + passo (sub. m. portuguez), o passo do ouriço. Denominação dada por S. Leopoldo ao primeiro affluente da margem esquerda do Uruguay, abaixo da barra do Ibicuhy, segundo se vê do mappa que acompanha seus *Annaes*.

EMBA-Á — c. *emba-á*, a semente ouca. Assim DAS graphou o nome do *Imbaha*.

EMBIRA — corr. *mbir*, pelle ou casca de arvore (*Th. Sampaio*). E', segundo *B. Rhoan*, nome commum a todas as fibras vegetaes, que podem servir de liame, quer provenham das camadas corticaes ou das folhas. Nome de uma arvore da familia das Thymeliaceae (*Daphnopsis racemosa*).

Com aquelle nome existem duas lagoas, sendo uma no municipio de Santa Victoria do Palmar, ligada á do Silveira pelo arroio El Rei, tambem conhecida por Pacheco. E' de pouca importancia. Está situada a 32° 02' 00" de Lat. S. e 9° 51' 2" de Long. O.; a outra no municipio de S. João do Camaquam. Em ambos os municipios referidos existe um lugar com aquella denominação.

EMBOABA — corr. *amoaba* ou *amboaba*, visto que só se applicava ao estrangeiro, especialmente ao portuguez (*Th. Sampaio*). „Dizer guerra dos emboabas — vale o mesmo que dizer guerra contra o estrangeiro ou o intruso.“ Pode ainda, segundo o autor citado, derivar do tupi — *mbóaba*, que significa coberto, vestido.

Cerro no municipio de Dôres do Camaquã a 30° 32' 22" de Lat. S. e 8° 22' 22" de Long. O.

EREBANGO. — corr. *herê-bang*, campo grande, no dialecto bugre. Em guarani ou tupi seria corr. *herê-bang*, chamuscado em voltas. Preferimos a primeira traducção pelos motivos expostos na palavra *capoerê*.

Florescente povoado no municipio de Erechim e estação da estrada de ferro S. Paulo—Rio Grande.

DOP. escreveu *Erobango* e localisa o povoado á margem direita do rio Facão, ao passo que o *C. Engenharia* o colloca entre o mesmo rio e a lagôa Teixeira, isto é: na margem esquerda daquelle.

ERECHIM e. *herê-chim*, campo pequeno no dialecto bugre. Povoado no municipio desse nome, séde do 2.º districto, a 27° 51' 00" de Lat. S. e 9° 4' 00" de Long. O., a 750 metros de altitude. E' ligado á estação de seu nome por uma excellente estrada de rodagem. Estação da estrada de ferro S. Paulo—Rio Grande, entre as de Sertão e Erebangó.

Rio, nasce nas vertentes do Capoerê a 600 metros sobre o nivel do mar e corre para O. e depois de 35 Klms. nessa direcção se inflecte para NO. até sua embocadura no Passo Fundo. *DOP.* calcula seu curso em 90 Klms., *AXO.* em 100 aproximadamente, e o *C. Engenharia*, em cerca de 70. Recebe, proximo ás suas nascentes a lagôa Dourados, pela margem direita e o arroio do Padre pela esquerda.

Importante municipio situado na região serrana, no centro do extremo norte do Estado, cuja séde é na villa de Boa Vista de Erechim, outrôra Paiol Grande.

O municipio foi creado pelo decreto estadual n.º 2342, de 30 de abril de 1908, que estabeleceu os seguintes limites: ao N. com o Estado de Santa Catharina, pelo rio Uruguay, em um percurso de 131 Kilometros, isto é: desde a barra do Passo Fundo até a do Ligeiro; a L. por este ultimo rio até receber o do Peixe, que passa a servir de demarcador dos limites com o municipio de Lagôa Vermelha, até a foz do arroio Bonito, e por este acima, com o municipio de Passo Fundo ao S., até receber sua principal vertente, que fica entre os Klms. 405 e 406 da linha ferrea e d'ahi em diante até as cabeceiras do primeiro affluente do arroio Teixeira e depois por este abaixo até o Rio Facão e em seguida por este até se lançar no Passo Fundo, que passa a marcar os limites de O. com o municipio deste nome até receber o arroio Divisa e d'ahi para baixo com o de Palmeira até a embocadura daquelle rio no Uruguay.

O systema orographico do municipio de Erechim, pertence á ramificação occidental da serra do Mar. E' atravessado, pelo centro, no sentido de S. para N. pelo contraforte da co-

chilha Grande, que parte do Povinho da Entrada, no município de Passo Fundo, e se prolonga até os sertões do Uruguay „separando as aguas dos rios do *Peixe* e *Passo Fundo*, e que apresenta 807 metros de altitude no Erebangó, 820 no Erechim e 850 no Capoeirê“ (AXO). Pelo dorso desse contraforte, também conhecido por serra do Uruguay, passa a via ferrea São Paulo—Rio Grande, que tanto tem contribuído para o desenvolvimento dessa ubertosa região.

Existem no município em apreço diversos cerros altos, se salientando entre elles o Boa Vista, Balisa, Dourado, Erechim, Esperança, Mira. E' um dos municípios do Rio Grande, destinado a um futuro grandioso, não só pela sua riqueza florestal, como pela ubertuosidade de suas terras. Conta diversos povoados importantes, que prosperam dia a dia, aos impulsos de uma população laboriosa.

Seus terrenos são de „formação triassica. A rocha predominante é a diorica. Encontram-se o grez vermelho e o terra ferrifero em blocos polyformes, com cavernas cheias de pequenos cristaes de rocha em formação.“ (Oct. Far.).

Quanto á natureza são suas terras argillo-calcareo-humosas — excellentes para a polycultura. Somente em parte do 4.º districto existem campos apropriados para criação.

Hydrographia. — O systema hydrographico do município pertence á bacia occidental do Estado, ahí representada por parte dos rios Passo Fundo e Ligeiro, com seus affluentes e pelos rios Lambedor, Dourados, Despraiado e arroio Ariranhas.

AXO., considera o rio do Peixe como affluente directo do Uruguay, tendo como tributario o Ligeiro, que em todos os demais autores é mencionado como tendo sua foz no segundo dos rios citados.

Os affluentes da margem esquerda do rio Ligeiro no município de Erechim são:

a) *Capoeirê.* Vide este nome.

b) *Rio do Peixe*, desde a foz até o ponto em que recebe dois affluentes volumosos, o arroio Bonito, que marca os limites com o município de Passo Fundo e que corre de O. para L. em um percurso de 20 Klms. aproximadamente, recebendo, por ambas as margens, diversos affluentes pequenos; e o Rio dos Indios, que depois de banhar o povoado de Erechim desce para L., em um percurso de 35 Klms., recebendo na margem esquerda os lageados Branco e Licinio. Entre os dois tributarios citados conta ainda o rio do Peixe os lageados Formiga e Engenho Velho.

Os tributarios da margem direita do rio Passo Fundo ali, são:

a) rio *Facão*, com o seu affluente arroio Teixeira. Ambos nascem nas vertentes occidentaes da serra do Uruguay e correm para O., o segundo com um curso de 43 Klms. até se lançar no primeiro e este até sua foz depois de um curso de 45 Klms.

b) arrio do *Meio*, com 15 Klms. de curso, correndo de L. para O.

c) arroio dos *Pinheiros*, correndo na mesma direcção do antecedente, com 12 Klms. de curso.

d) arroio dos *Altos*, com 17 Klms. de curso, correndo tambem de L. para O.

e) arroio *Carajá*.

f) arroio do *Veado*.

Estes dois ultimos, com cerca de 5 Klms. de curso e correndo, ambos, de L. para O.

g) rio *Erechim*. Vide este nome.

Os affluentes do Uruguay no municipio em estudo são:

a) *Lambedor*, que nasce nas proximidades da villa de Boa Vista e corre para N. até sua barra, depois de um curso de 40 Klms., aproximadamente;

b) *Despraiado*, correndo tambem naquella direcção, com 35 Klms. de curso;

c) *Ariranhas*, correndo parallelamente ao rio Dourado, com 40 Klms. de curso, segundo *DOP*. O *C. Engenharia*, calcula esse curso em 30 Klms. pouco mais ou menos.

d) *Dourado*, correndo para NNO. em um percurso que *DOP*. calcula em 60 Klms. e o *C. Engenharia* em 50, aproximadamente.

O municipio é dotado de excellente clima, com as estações bem caracterizadas. A temperatura maxima absoluta, observada em Marcelino Ramos, no triennio 1918 a 1920, foi de 36,2, em 23 de feveiro do primeiro anno citado, e a minima de 0,1. A media da altura das chuvas em m/m, foi, no mesmo triennio, de 1343,1.

O municipio de Erechim que é parte integrante do Rio Grande do Sul, pertence ao 2.º districto eleitoral e á Comarca

de Passo Fundo. Compõe-se de 5 districtos administrativos e judiciarios: 1.º Bôa Vista, com 16 772 almas; 2.º Erechim, com 8802 al.; 3.º Marcelino Ramos, com 7779 al., creados em 17 de julho de 1917; 4.º Erebangó, com 2603 al. e 5.º Barro, com 5954 al., creados em 30 de maio de 1919.

O movimento do registro civil em 1922 foi o seguinte:

População em 31-12-922	Nascimentos	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
41 910	1 422	166	243	33,92	5,79	3,96

Sendo a area do municipio de 6500 Kms.², a densidade da população era em 1922 de 6,45 por Klm.²

Foi esta a população pecuaria do municipio, calculada em 1922:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	33 500	3 283:000\$000
Equinos	12 300	861:000\$000
Muare	6 200	744:000\$000
Suinos	162 000	4 860:000\$000
Ovinos	9 500	152:000\$000
Caprinos	650	6:500\$000
Total	224 150	9 906:500\$000

Entre os diversos productos agricolas do municipio, figuraram, em 1923, milho, feijão, arroz, trigo, batata inglesa, respectivamente, com 43 300, 4160, 180, 2200, 1000 toneladas. A producção de alfafa, ahi, é uma das maiores do Estado.

No quadro da tributação territorial, em 1921, Erechim figura entre os municipios do 5.º grupo, isto é: entre os que têm area de 200 000 a 300 000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em Hectares	Valor venal	Valor medio
2 267	239 757	12 429:400\$	51\$841

A receita e a despesa no referido anno de 1921 foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despesa		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extra-ordinaria		Ordinaria	Extra-ordinaria		
9:149\$	92:068\$	26:883\$	128:100\$	114:283\$	13:500	127:783\$	317\$

Vias de comunicação. — Os rios que banham o município não são ahi navegáveis. Essa falta está em parte atendida por excellentes estradas de rodagem e pela estrada de ferro S. Paulo—Rio Grande que, como já ficou dito corta o município pelo centro, muito contribuindo para seu progresso.

As principaes estradas de rodagem do município são as que ligam a séde á Nonohay, com 45 Klms.; á Dourados, com 20; á Sananduva, passando por 13 de Maio e Erechim, com 45; á Forquilha, tambem passando por 13 de Maio, com 30, e outras, passando todas por zonas agricolas, cujos productos são por ellas transportados para as estações de Erebangó, Erechim, Viaductos, Marcelino Ramos e especialmente para a séde do município — Boa Vista — que é um grande centro commercial dos productos coloniaes.

Em 1923 contava o município 48 estabelecimentos de ensino, sendo 2 escolas isoladas, 22 escolas subvencionadas pelos governos estadual e municipal e 24 particulares.

Sobre a instrução ahi ministrada organisamos o seguinte quadro:

População do município	População escolar	Alunos matriculados	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alunos matriculados por 1000 hab.	Alunos matriculados para 1000 em idade escolar	Alunos matriculados em relação a area do município
41 910	9 262	2 164	220	51,63	233,64	0,3 por Klm. 2

Sobre a imprensa do município a unica noticia que temos é do jornal *Erechim*, bi-semanal, fundado em 1921 e que em 1922 ainda ali apparecia.

Na séde funciona o cinema central inaugurado em 11 de novembro de 1916, com lotação para 440 pessoas.

Entre as curiosidades deste município são dignas de apreço: uma gruta á margem direita do rio Erechim; o grande Salto do rio Passo Fundo, na fazenda dos Quatro Irmãos, e o estrangulamento que soffre o Uruguay, a montante da foz do Lambedor, conhecido por *Estreito de Augusto Cesar*, em homenagem ao explorador desse rio, que em fins de 1888, o desceu em canoa, naufragando diversas vezes, desde a barra do rio Ligeiro, até a do Passo Fundo, segundo refere *AXO*. As volumosas aguas do Uruguay que descem, precipitadas, em um leito de mais de 200 metros de largura, são bruscamente comprimidas entre muralhas de 6 metros de vão. Em consequencia desse estrangulamento a caudal centuplica a impetuosidade nesse ponto e se contorsendo pelo estreito canal em forma de S, se escoa espumante e romurosa.

Tão grande é a sua velocidade ahí, que tem baldado todas as tentativas no sentido de determinar-lhe a profundidade, que deve ser muito grande.

GAHY. — Na lei provincial n.º 1130, de 29 de abril de 1878, que dividiu Cruz Alta em 4 districtos, está assim escripto o nome do rio *Ingahy*. *M. Pinto* e *B. Porto*, tambem dão-lhe essa denominação.

GAIBA. — Está assim escripto o nome do Guahyba, no alvará de 27 de abril de 1809, que dividiu o Rio Grande do Sul em quatro municípios, e na concessão de sesmaria feita, em 1818, a José Vieira de Souza.

GAMBÁ — corr. *goa-mbá*, a barriga oca, o ventre aberto (*Th. Sampaio*). *B. Rhoan* suppõe que seja termo africano. Passo sobre o rio Varzea no municipio da Palmeira.

GARABATAHY. — Assim *Olmedilla* registra o nome do *Gravatahy*.

GARÓPA. — Assim *Gay* graphou o nome do *Garupá*.

GAROPÁ. — Assim *Camargo* graphou o nome do *Garupá*.

GARUJA. — Está assim escripto o nome do *Garupá*, na concessão de sesmaria feita, em 1815, a Antonio Gutteres Alexandrino.

GARUPÁ — corr. *ygara-paba*, o porto ou lugar das canoas. Arroio, nasce na cochilha de Sant'Anna e corre em leito firme, pouco largo e com fraca vegetação em ambas as margens, a principio de L. para O. e depois, do ponto em que passa a servir de limite entre os municipios de Quarahy e Uruguayana, para SSO. até sua barra no Quarahy, a 30° 12' 00" de Lat. S. e 13° 32' 59" de Long. O. Seu curso é, segundo a *C. C. G. B.* de 33 Klms. *Cunha Lopes* e *DOP.*, o calculam em cerca de 55 e o *C. Engenharia*, em 65, aproximadamente e dá-lhe duas denominações: *Guaropá*, desde as nascentes até o ponto em que recebe o arroio Lageado e d'ahi até a foz — *Catuya*, nome que pela primeira vez temos em a nomenclatura geographica deste Estado.

Os campos regados pelo *Garupá*, são magnificos para a criação.

GARVATAHY. — Assim *S. Leopoldo* escreveu em seus Annaes o nome do rio Gravatahy. Entretanto está por esta ultima forma registrado no mappa que acompanha aquella obra.

GAUJEUPY. — Assim *Camargo* escreveu o nome do *Guassupy*.

GAUPITINGUY. — Uma das adulterações do nome do *Guapitanguy*.

GAUSSUPY. — Assim *M. Pinto* escreve o nome do *Guassupy*.

GERIBATÚ — contr. de *Geribatuba*.

GERIBATUBA — corr. *jeribá-tuba*, gerivasal. Lugar e banhado no municipio de Santa Victoria do Palmar, também conhecido por *Geribatu*.

GERIVÁ — corr. *yari-yba*, o fructo de cacho. Palmeira.

Arroio, nasce a 2 Klms. ao N. do morro de Santa Barbara, no municipio de Taquara, a cerca de 300 metros de altura, e d'ali desce penetrando em terreno cuja altitude varia de 200 a 100 metros, até sua foz na margem direita do arroio da Guarda Grande, depois de um pequeno curso de 3 Klms., correndo sempre de L. para O. (*A. Bard*).

Cerro no municipio de Pelotas a 320 metros de altitude e lagôa no municipio de S. Gabriel.

GERUÁ — corr. *gerivá*. Pode ser tambem corr. *ayuru-a*, cabeça ou falla de papagaio.

Denominação dos campos onde nasce o Comandahy. Arroio, nasce no municipio de Santo Angelo e corre de NNÉ. para SSO. até sua foz na margem direita do Comandahy. Seu curso é de 14 Klms. aproximadamente. Na Planta da Colonia Guarany, está escripto *Girué*.

GOAIVA. — Está assim registrado o nome do actual Jacuhy na concessão de sesmaria feita, em 1815, a Alexandre Manoel da Cunha e Souza.

Ao trecho do Jacuhy entre a foz do Vaccacahy e a do Taquary, se dava antigamente o nome de *Guahyba* ou *Iguahyba*, como figura no *Primeiro Mappa do Paraguay* e nos dois de *D'Anville*.

GORUPÁ. — Está assim escripto o nome do *Garupá*, na concessão de sesmaria feita, em 1816, a Belchior Correa da Camara.

GOYM. — Assim *Gay* registra o nome do *Passo Goyo En* e diz que significa Uruguay.

GOYO EN — c. *goyo en*, muita agua ou rio fundo, no dialecto dos bugres. Passo no Uruguay, junto á embocadura do Passo Fundo.

Nesse ponto o Uruguay forma remansos que denunciam sua grande profundidade. As poitas das canoas ahi só encontram terra firme depois de 25 metros, e lugares ha em que

ainda se não conseguiu attingir o fundo. Vem d'ahi a origem do nome.

GRAGUATAHY. — Assim *DAS* escreveu o nome do arroio *Gravatá*, tributario do rio Turvo.

GRAOCAHY. — Está assim escripto o nome do *Ibiroaay* na concessão de sesmaria feita, em 1815, a Maria Luiza do Livramento.

GRAPUITAN. — Está assim escripto o nome do *Ibirapuitan*, nas concessões de sesmaria feitas, em 1815, a Gaspar Nunes de Miranda e a Albano José de Vargas.

GRAVATÁ — o mesmo que caraguata, que é corr. de *carauá-tá*.

Arroio, corre para NNO. até sua foz no rio Turvo, no municipio da Palmeira, depois de um curso de cerca de 17 Klms. Tem como tributarios os lageados Quebra dentes, S. Jeronymo, Braga, Fachinal e Barea.

Vel. da Silv. e Oct. Far. o registram como affluente da margem direita do Guarita.

GRAVATAHY — corr. *carauá-tá-y*, rio dos gravatás.

Rio, nasce no banhado de Xicolamã a NO. da Cochilha das Lombas, no municipio de Santo Antonio da Patrulha, e corre na direcção geral de L. para O., até sua barra no Guahyba, depois de um curso de cerca de 75 Klms. Demarca os limites entre o municipio de seu nome com os de Viamão e Porto Alegre. Seus principaes tributarios se acham em sua margem direita e vão adeante mencionados. Na margem esquerda recebe as aguas dos arroios do Vigario e do Feijó, ambos no municipio de Viamão. É navegavel até o porto de Gravatahy, na villa desse nome e nas cheias até o Passo dos Negros, cerca de 35 Klms. acima de sua foz. *DOP.*, o figura correndo junto ao paralelo de 30° no ponto em que recebe os arroios Passo Grande e Taquara. *Cunha Lopes* e o *C. Engenharia*, nesses mesmos pontos o figuram correndo a cerca de 10 Klms. ao norte daquelle paralelo.

Municipio situado na região L. do Estado, proximo a capital. A sede é na villa do mesmo nome, outr'ora Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, que fica a „menos de milha da margem direita do rio Carabatahy, em sitio levantado e vistoso“ (*Casal*). Foi fundada no 3.º quartel do XVIII seculo. Seus primitivos habitantes foram lagunenses e açorianos. Posteriormente, José Marcelino, quando governador do Continente de S. Pedro do Rio Grande do Sul, ahi aldeou indios guaranis. Quando no decorrer do decennio de 1770, Bettanio por ahi passou a „maior povoação era de indios“ e havia „na

aldeia para instrucção dos rapazes indios um mestre de escola, outro de grammatica, outro de solfa e um recolhimento para nelle se ensinarem as raparigas a coser etc." Foi elevada á freguezia por alvará de 22 de dezembro de 1795 e á villa pela lei provincial n.º 1247, de 11 de junho de 1880.

Os limites do actual municipio de Gravatahy são os seguintes: com S. Leopoldo „pelo arroio Sapucaia desde sua barra até encontrar o arroio do Moinho, por este acima até o morro Pellado e d'ahi pela cordilheira até em frente á casa que foi de José Bernardino de Souza, onde a cordilheira faz uma grande volta ou curva e d'ahi em direcção á casa de Joaquim Antonio dos Reis, ficando esta pertencendo ao municipio de S. Leopoldo e d'ahi em linha recta a um morrete que se acha nos fundos das terras de Anacleto Vieira, d'ahi cortando o arroio Butiá por uma recta. (Lei provincial n.º 1359, de 4 de maio de 1882). Com o municipio de Taquara, a partir do ultimo ponto acima referido, „segue pela divisa em linha recta até a casa do sitio do Pinhalzinho (Fazenda Fialho) que foi de Manoel Fialho de Vargas, ficando esta casa para Gravatahy; d'ahi em linha recta até a casa do sitio de Henrique Foerges, ficando a casa deste e bemfeitorias para Taquara; d'ahi, em linha recta, ao morrete que fica acima da casa de Carlos Behs; d'ahi, em linha recta, á estrada que vem do Butiá para a Taquara; d'ahi formando uma pequena curva para encontrar a casa de João Eloy Pereira que fica essa sómente pertencente a Taquara; d'ahi sobe por uma sanga que fica por detraz desta até encontrar a fazenda do finado Belcino Antonio Maciel; d'ahi circulando a dita fazenda, que fica pertencendo a Taquara, até encontrar o canto da taipa que fica proxima, á estrada que de Luiz Moeller Filho segue para Miraguaia; desse ponto, em linha recta, até o ponto de intersecção de Gravatahy com Santo Antonio da Patrulha.“ (Accôrdo firmado entre os municipios de Taquara e Gravatahy). Com o municipio de Santo Antonio da Patrulha, por uma recta partindo do rio Itapuy até encontrar as nascentes do arroio Miraguaia e por este abaixo até sua foz no Gravatahy e por este até receber as aguas do banhado Nicolomã. Com os municipios de Viamão e Porto Alegre, pelo rio Gravatahy; com o municipio de Sebastião do Cahy pelo Itapuy desde sua barra até receber o Sapucaia.

„Vindo do visinho municipio de Santo Antonio adeanta-se pelo municipio de Gravatahy uma cordilheira alterosa que se desprende da Serra Geral, e costeando mais ou menos o Rio dos Sinos separa a linha das aguas dos tributarios deste do Gravatahy, vae morrer nas proximidades de S. Leopoldo. Do centro dessa cadea adeanta-se para o sul um cerro massiço,

de cahidas penhascosas chamado *Morro da Figueira*. Defronte á villa, cerca de $2\frac{1}{2}$ leguas, a cordilheira desprende outra penedia que por sua vez termina por um penhasco em forma de esguio cône: é o *Itacolomy*, avistado de um circuito de mais de 15 leguas. Essa sobredita cordilheira ao declinar para a margem esquerda do Rio dos Sinos, isola o bello cerro denominado *Morro da Sapucaia*, que se faz notar pela regularidade de seu perfil.

Este municipio é montuoso ao norte; ondulado de co-chilhas baixas a leste; plano ao sul e a oeste; onde extensas varzeas preenchem o rincão delemitado pelas confluências do Gravatahy e do Rio dos Sinos. O centro é parcellado de cochilhas alongadas, com muitas moradias e coroas de capões e caponetes a alegrarem a paysagem calma e encantadora" (*Acides Cruz*).

Os terrenos de Gravatahy, como os de Eröchim, são de formação triassica, pertencendo assim a época mezozoica ou secundaria. Suas terras são quanto á natureza argillo-sill-cosas, argillosas.

Hydrographia. — O systema hydrographico do municipio pertence á bacia oriental do Estado. A bacia terciaria do Gravatahy e ahi representada pelos seguintes arroios, affluentes de sua margem direita e que dimanam das vertentes meridionaes da cordilheira, que partindo da Serra Geral atravessa o municipio de L. para O., e correndo todos de N. para S.:

a) *Miraguaia*, que marca os limites com o municipio de Taquara, com 17 Klms. de curso.

b) *Passo Grande*, com 7 Klms. e um affluente, o Passo do Portão.

c) *Taquara*, com 17 Klms. e 4 pequenos tributarios, sendo 2 em cada margem.

d) *Caveira*, tambem com 4 tributarios e 20 Klms. de curso.

e) *Ferreiros*, com 12 Klms., de aguas crystalinas e abundantes. Tem sua foz 2 Klms. acima da villa. Suas aguas são avolumadas por diversos tributarios, entre elles o Cachorrinha, Passo do Adão, Paschoal e Ouriço.

f) *Barnabé*, com uma ponte; seu curso é de 5 Klms.

g) *Fabrica*, com 15 Klms. de curso

O extremo O. do municipio é banhado pelo Itapuy desde o ponto em que recebe as aguas do arroio Sapucaia até a sua barra.

O municipio de Gravatahy, que é dotado de clima saudavel, é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, per-

tence a Comarca de Porto Alegre, faz parte do 1.º Districto Eleitoral que é constituído por 24 municípios; pertence ao Arcebispoado de Porto Alegre.

Compõe-se de 5 districtos administrativos e outros tantos judiciarios: 1.º Gravatahy com 6044 almas, creado em 22 de outubro de 1875; 2.º Ypiranga, com 3443 al.; 3.º Passo Grande, com 4119 al., creados em 24 de abril de 1886; 4.º Canôas, com 2695 al., creado em 26 de dezembro de 1912 e 5.º Butiá, com 3119 al., creado em 20 de julho de 1917.

O movimento do registro civil em 1922, foi o seguinte:

População em 31-12-922	Nascimentos	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
19 420	551	175	132	28,37	6,79	9,01

Em 1890 sua população era de 9498 almas.

Sendo a area do município de 726 Kms.², a densidade da população era em 1922 de 26,74 por Klm.²

Foi esta a população pecuaria do município, calculada em 1922:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	33 000	2 904:000\$000
Equinos	8 200	410:000\$000
Muare	740	74:000\$000
Suinos	10 500	315:000\$000
Ovinos	7 000	105:000\$000
Caprinos	1 400	14:000\$000
Total	60 840	3 822:000\$000

Entre os diversos productos agricolas do município figuraram em 1923, milho, feijão, arroz, batata ingleza, respectivamente, com 6050, 600, 480, 500, toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado, em 1921, Gravatahy figura entre os municípios do 7.º grupo, isto é: entre os que tem menor area, menos de 100 00 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em Hectares	Valor venal	Valor medio
3 997	75 541	5 765:390\$	76\$321

A receita e a despesa no referido anno de 1921 foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despeza		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extra- ordinaria		Ordinaria	Extra- ordinaria		
14:835\$	90:654\$	13:068\$	118:557\$	94:561\$	19:845\$	114:406\$	4:151\$

Vias de comunicação. — Os dois rios que banham o município — o Gravatahy e o Itapuy, são ahi navegaveis e o põem em contacto com a capital.

O município é atravessado a O. pela estrada de ferro *P.A.U.*, tendo ali a estação Canôas. Suas vias de comunicação mais importantes, isto é: as por onde se transportam os seus productos são as estradas de rodagem e o rio Itapuy. Entre outras estradas existem as seguintes, pondo o interior do municipio em contacto com a séde e esta com a capital do Estado: Ao Passo Grande, 32 Kms.; ao Morro Itacolomy, 33; á Santo António da Patrulha, 60; ao Passo da Taquara, 49; á Porto Alegre, 33. As distancias foram calculadas a partir da villa.

A estação do telegrapho em Gravatahy, que é de 5.^a classe e dispõe de um apparelho „Morse“ simples, pertence ao 18.^o districto telegraphic. Em 1921 transmittiu 685 telegrammas, com 14 237 palavras e recebeu 654, com 12 206 palavras. A receita foi de 1:414\$125 e a despeza de 3:228\$000. A renda do serviço official foi de 554\$600.

Em 1923 contava o município 28 estabelecimentos de ensino, sendo 1 collegio elemental, 11 escolas isoladas, 9 subvencionadas pelo governo estadual e 7 mantidas pelo município.

Eis um quadro da instrucção ahi ministrada:

População do município	População escolar	Alunos matri- culados	Coefficiente da pop. es- colar por 1000 hab.	Alunos matricula- dos por 1000 hab.	Alunos matricula- dos para 1000 em idade escolar	Alunos matricula- dos em rela- ção a area do município
19 420	4 000	1 371	205,97	70,5	342,75	1,88 por Klm. 2

Ainda com o nome de Gravatahy existem: um arrabalde de Porto Alegre, em bella e extensa varzea; uma estação da estrada de ferro *P.A.U.*, no Klm. 7 e um arroio que nasce na cochilha do Rincão da Cruz e corre para SSO. até sua foz no Ibicuby, sempre abundante em agua, tendo pouco matto em ambas as margens. O *C. Engenharia* escreve *Gravatary* e calcula seu curso em 35 Kms.; a *C. C. G. B.*, registra *Caraguatahy*, com um curso de 30 Kms. *Cunha Lopes* tambem calculou em 30 Kms. e *DOP.* em 25.

GRUMATÃ — corr. *guri-ma-atá*, bagre rijo como pau. Arroio affluente do rio das Antas no municipio de Bento Gonçalves.

GUABIJÚ — corr. *guabi-yú*, o amarello a comer, em allusão ao fructo dessa planta (*Th. Sampaio*). *Al. Carvalho*, porém, diz que é corr. *gua-mbeiju*, o valle sinuoso, enroscado.

Arroio, nasce na cochilha de Japejú e corre de S. para N. até sua embocadura na margem esquerda do Ibirocay, no municipio de Uruguayana, depois de um curso de 17 Klms., aproximadamente. Passo no Quarahy, no municipio deste nome; lugar em D. Pedrito e denominação de dois cerros, um na Colonia de S. Feliciano e o outro na linha divisoria com o Uruguay.

Camargo, Moreira Pinto e Varela, dão tambem o nome de Guabijú ao *Jaguarão Chico*.

Teschauer, reproduzindo *Oct. Far.* diz que ha um arroio com aquelle nome, que é affluente do Jaguarão Chico, no municipio do Herval. Não nos foi possivel identifica-lo.

DOP. escreveu Guarijú; *Cunha Lopes, Montenegro e Varela*, Guavijú.

GUABIROBA — c. *guabi-róba*, a comida amarga, ou que tem acido, travor. Nome indigena da *Eugenia brasiliensis*.

Existem neste Estado dois arroios com aquella denominação, um delles é tributario do Varejão no municipio da Palmeira e o outro do S. Domingos, no municipio de Guaporé, nasce proximo á linha de limites entre o municipio em que tem origem e o de Passo Fundo. Corre a principio para S., depois se inflecte para L., direcção que conserva até sua foz. Seu curso é de 19 Klms. aproximadamente.

— Lugar no municipio de Pelotas, ligado á cidade pela estrada do mesmo nome. Existem ali importantes minas de Kaolim; linha colonial no municipio de Lageado; passo no Salso; lugar no municipio de Porto Alegre; cochilha e lugar no municipio de Passo Fundo.

GUACACAY. — Está assim escripto o nome do rio Vaccacahy no *Diario da Expedição de Gomes Freire*.

GUACARUGUAY. — Assim *Olmedilla* registrou o nome do rio Vaccacahy.

GUACAY. — Assim *Olmedilla* registrou o nome do Vaccacahy Mirim.

GUACUCAHYA. — Assim tambem se lê o nome do Vaccacahy no *Diario da Expedição de Gomes Freire*.

GUACUHY. — corr. *gua-poê*, o individuo delgado. Pode ser tambem pau fino.

Arroio, nasce nos campos do Espinillo, proximo á Santa Tecla, e corre para N. até sua embocadura no Ijuhy Mirim.

cortando a estrada de rodagem que liga Santa Tecla á S. João Mirim. Todo seu curso, calculado em cerca de 30 Klms., é no municipio de Santo Angelo. Nasce a 300 e poucos metros de altitude e corre depois no valle do Ijuhy Mirim, que mantem a altitude variando de 200 a 250 metros.

GUAHYBA — corr. *gua-y-be*, bahia de todas as aguas, em allusão á confluencia á NO. de Porto Alegre de quatro grandes rios: Jacuhy 45 Klms. antes avolumado pelo Taquary, Cahy, Itapuhý e Gravatahy, que assim reunidos formam uma grande e magestosa bahia, só excedida em belleza pela maravilhosa Guanabara. Naquelle ponto formam os mencionados rios um archipellago de encantador effeito. O curso da parte do Jacuhy, conhecida por Guahyba, desde a embocadura do Itapuy até Itapuan, é de 60 Klms., aproximadamente, com a largura maxima de 20 Klms. e a minima de 8 Klms., pouco mais ou menos, entre Pedras Brancas e Tristeza. E' francamente navegavel. Conta os seguintes affluentes, na margem direita: arroios do Conde, Passo Fundo, Petim, Sanga do Jacaré, arroio Ribeiro que recebe o Capivara e Araçá. Os da margem esquerda são os arroios: Diluvio, que recebe as aguas do Taquara e do Diluvio Menor e depois as do Sabão e das Aguas Mortas, este engrossado pelo Cascata; Sanga Vala da Morte; arroio da Cavallhada, engrossado pelo Passo Fundo, arroios Capivara, Salso, Lami e Chico Barcellos.

Para *Guahyba*, têm sido dado diversas traducções: *Th. Sampaio* diz que é corr. *gua-y-be*, na enseada ou bahia; *Al. Carvalho* pensa ser corr. *guá-ahyba*, o valle ruim, esteril ou *guá-yba*, o valle da arvore. Pareceu-nos mais applicavel a traducção que acima consignamos, visto julgarmos que aquella palavra não designa o nome de um rio, que não quizeram os indigenas assignalar isso e sim, tão sómente, com aquella propriedade que lhes é peculiar em suas denominações, accentuar um accidente na caudal que vinha correndo rumo do S. e que é bruscamente e de maneira extraordinaria, avolumada pelas aguas de 4 grandes rios. E sendo o maior tributario dessa caudal o Jacuhy, deve conservar este nome até a barra na lagôa dos Patos, ficando o nome de Guahyba como designativo da immensa e magestosa bahia, referida.

No Primeiro, no Segundo e no Tereceiro Mappa do Paraguay, o *Guahyba* figura com o nome de Rio Grande; no *Mappa das Côrtes*, com esse mesmo nome, porém, escripto em tupi, isto é: *Iguaçu*; no *Mappa de los Confines de las dos Coronas de Hespaña y Portugal*, com o nome de Guahyba e no de Olmedilla, tambem com este nome, mas a partir da foz do Vaccacahy.

GUAJEUPE. — Assim D.A.S. registrou o nome do Guassupy.

GUANEL. — Antiga denominação dada ao actual rio Quarahy.

GUAPITANGUY — corr. *gua-pitanga-y*, rio da arvore das pitangas ou dos pitangueiras.

Arroio, nasce na cochilha de Sant'Anna e desce para S., em valle baixo, até sua foz no Quarahy, no Passo do Leão, a 30° 3' 12" 83 de Lat. S. e 43° 52' 36" 04 de Long. O. Seu curso é de 20 Klms. segundo o *C. Engenharia e Cunha Lopes*; DOP. calcula em 15 Klms. e a *C. C. G. B.* em 17. E' tambem conhecido por *Trapitanguy*. Vide este nome.

GUAPITENGUY. — Uma das adulterações do nome do Guapitanguy.

GUAPORÉ — contr. *guaporema*, que é corr. de *guá-por-eyma*, valle deserto, sem gente ou valle do sertão.

Rio, nasce no municipio de Passo Fundo e corre de N. para S. até sua barra no Taquary, 2 Klms. abaixo do povoado General Osório, séde do 3.º districto de Guaporé, depois de um sinuoso curso de cerca de 180 Klms., em terrenos accidentados. Seu longo e estreito valle está, em suas nascentes a mais de 300 metros sobre o nivel do mar, baixa depois para 200 metros e finalmente para menos de 100, ao S. da villa de Guaporé.

Seus principaes affluentes são os da margem esquerda, entre elles o arroio Rio Branco no municipio de Passo Fundo. Os demais vão adiante mencionados, na epigraphe *Hydro-graphia*.

Importante municipio situado no valle do Alto Taquary, cuja séde é na villa de seu nome, outr'ora Varzinha; a 28° 53' 32" de Lat. S. e 8° 46' 33" de Long. O. Foi elevada a villa pelo decreto estadual n.º 664 de 11 de dezembro de 1903, creador do municipio, que teve origem em uma colonia fundada em 1892 em terrenos de Passo Fundo e Lageado.

Os limites são os seguintes: ao N. com Passo Fundo por uma linha recta desde a foz do lageado dos Bugres no Carreiro até attingir o lageado Tigre e em seguida por este até sua embocadura no Marau que passa a demarcar os limites até se lançar no Guaporé. A O. pelo ultimo rio citado, ainda com Passo Fundo, desde a barra do Marau até a do Camargo e d'ahi para baixo com a Soledade e Lageado até a embocadura do referido Guaporé, no Taquary. A L. pelo rio Carreiro desde a foz do lageado dos Bugres até a do Cacador e com Alfredo Chaves d'ahi até a barra no rio das Antas; com Bento Gonçalves por este rio, desde o ponto em que recebe as aguas do Carreiro até a foz do Barra Mansa. Ao S. com a Estrella, pelo rio Taquary.

O territorio do municipio é accidentado. Atravessa-o de N. para S. um dos ramos da Cochilha Geral, que ahi toma as denominações locais de serra do Carreiro, do Taquary e do Guaporé, com altitudes superiores a 800 metros.

Entre os cerros que ahi existem salientam-se o do Beriva, Bugre, Fabricio, Palmeiro, Pinhal Alto e Pardos.

„Está situado na região do granito. O basalto tambem existe, servindo de limite a outras rochas vulcanicas. Sobre o basalto estende-se um immenso lençol de trachyto e cinerito, da era terciaria e periodo plioceno. Ha tambem algumas rochas amygdaloides“ (*Oct. Far.*).

Suas terras são quanto á natureza argillo-calcareo-humosas, silicosas. Excellentes para a agricultura, especialmente nos valles. É um dos municipios grandes productores do Estado, e está destinado a occupar um dos primeiros lugares quando tiver meios faceis e rapidos de transporte.

Hydrographia. O systema hydrographico do municipio pertence á bacia oriental do Estado, ahi opulentamente representada pelos rios Guaporé, Carreiro e Taquary, com grande numero de affluentes.

Os tributarios do Guaporé ahi dimanam das vertentes occidentaes da serra que divide as aguas desse rio das do Carreiro. São elles:

a) *Tigre*, que marca os limites com Passo Fundo, com 12 Klms. de curso.

b) *Medeiros*, com 25 Klms. de curso e que nasce por 3 galhos, com diversos affluentes em ambas as margens.

c) *Sangão*, com 20 Klms. de curso; nasce a NO. de S. Luiz da Casca e recebe diversos tributarios, salientando-se entre elles os tres seguintes na margem direita: Gabriel, Jordão e Porongos.

d) *Juquinha*, com 20 Klms., engrossado pelo Lambendor e Timbé.

e) *João Ruivo*, com 10 Klms.

f) *Engenho*, tambem com 10 Klms.

g) *Conta*, com 11 Klms. aproximadamente.

h) lageado *Grande*, com cerca de 25 Klms.; nasce por 2 galhos ao N. do districto de Serafina Correa e corre para S., depois se inflecte para O., formando um angulo recto.

i) *Jararaca*, com 10 Klms., correndo de N. para S.

j) *Tigre*, nasce proximo ao povoado Colombo, com 5 Klms. de curso.

k) *Mula preta*, correndo de L. para O., com 5 Klms.

l) *Veado*, correndo na mesma direcção, com 6 Klms.

m) *Lageado*, também na mesma direcção, com 10 Klms.

n) *Barraca*, banha o povoado 1.º de Março, com 10 Klms.

Os afluentes do Carreiro ahí são os seguintes lageados, todos na margem direita, e fluem das vertentes orientaes da serra citada:

a) dos *Índios*, nasce no município de Passo Fundo; seu curso é de 10 Klms., sendo a maior parte no município de origem.

b) *Leão*, também nasce em Passo Fundo; seu curso é de 15 Klms.

c) *Barreiro*, com 10 Klms. de curso.

d) *Água azul*, com cerca de 8 Klms.

e) *Sumidor*, com 5 Klms.

f) *Tigre*, com cerca de 4 Klms.

g) *Quebra Perna*, com 9 Klms.

h) *S. Domingos*, nasce no município de Passo Fundo, d'onde desce rumo do S., fazendo proximo a sua barra uma inflexão para L. Recebe pela margem direita o Quarahy e o Guabiroba. Seu curso é de 35 Klms.

i) *Inhacocré*, que nasce por 3 galhos e corre de O. para L. em um percurso de 15 Klms.

j) *Barra Funda*, correndo na mesma direcção, com 12 Klms.

k) *Beriva*, com 6 Klms.

l) *Feijão Crú*, que tem como tributario na margem esquerda o Divisa.

m) *Bonito*, com 8 Klms.

n) *Monjolo*, com 8 Klms.

o) *Taquara*, com 10 Klms.

p) *Barracão*, que banha a séde do município, com 10 Klms.

q) *Trajano*, com 6 Klms.

r) *Grande*, com cerca de 8 Klms.

s) *Emília*, com 5 Klms.

t) *S. Jeronymo*, com cerca de 7 Klms.

u) *Santa Rosa*, com 11 Klms. aproximadamente.

O rio Taquary tem 9 pequenos tributarios no município de Guaporé, entre elles figuram: os lageados Salto, com 5 Klms. de curso. Contas com cerca de 10 Klms. e o arroio da

Barca, com 10 Kms., que nasce proximo ao povoado Vespasiano Correa; todos correm de N. para S.

O municipio de Guaporé é dotado de excellente clima, um dos melhores do Estado, com as estações bem caracterizadas. Sua temperatura maxima observada no decennio de 1912 a 1921, foi de 31,4 em 31 de dezembro do ultimo anno referido e a minima de — 8,4 em 11 de julho de 1918. A media da altura das chuvas em m/m foi, no referido decennio de 1899,7.

E' o municipio em apreço parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul; pertence a Comarca do Alto Taquary, ao Arcebisado de Porto Alegre e faz parte do 1.º Districto Eleitoral. Compõe-se de 6 districtos administrativos e outros tantos judiciais: 1.º Guaporé, com 12 461 almas; 2.º S. Luiz da Casca, com 8 313 al., creados em 1.º de janeiro de 1904; 3.º General Osorio, com 4 738 al., creado em 20 de janeiro de 1905; 4.º Vespasiano Correa, com 3 586, creado em 5 de setembro de 1907; 5.º Seraphina Correa, com 7 181 al., creado em 3 de maio de 1911; 6.º S. Domingos, com 1 831 al., creado em 17 de setembro de 1919.

O movimento do registro civil em 1922, foi o seguinte:

População em 31-12-922	Nascimentos	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
38 610	1 622	239	274	42,00	7,09	6,19

Sendo a area do municipio de 1537 Kms.², a densidade da população era em 1922 de 25,12 por Klm.²

Foi esta a população pecuaria do municipio, calculada em 1922:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	42 500	4 165:000\$000
Equinos	10 300	824:000\$000
Muare	7 400	888:000\$000
Suinos	240 000	7 200:000\$000
Ovinos	9 000	135:000\$000
Caprinos	3 600	36:000\$000
Total	312 800	13 248:000\$000

Entre os productos agricolas do municipio figuraram em 1923, milho, feijão, arroz, trigo, batata ingleza, respectivamente, com 68 340, 4600, 140, 5200 e 2600 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado, em 1921, Guaporé figura entre os municipios do 6.º grupo, isto é: entre os que tem de 100 000 a 200 000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em hectares	Valor venal	Valor medio
4 257	172 414	17 861:600\$	103\$597

A receita e despesa do municipio, no referido anno, foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despesa		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extra-ordinaria		Ordinaria	Extra-ordinaria		
13:222\$	211:560\$	37:582\$	262:364\$	247:647\$	—	247:647\$	14:717\$

Vias de comunicação. — Dos rios que banham o municipio só é navegavel o Taquary até o porto General Osorio, nas cheias, por pequenas embarcações. O municipio é cortado por diversas estradas de rodagem em terrenos accidentados, que difficultam e encarecem os transportes. Existem as seguintes estradas ligando a séde com o interior do municipio: ao Pulador, com 23 Klms.; á Esperança 35; á Mussum, 49. Está tambem ligado aos municipios visinhos por estradas: ao Passo Fundo, com 120 Klms.; á Soledade, 78; á Lageado, 98; á Estrella, 104; á Bento Gonçalves por Alfredo Chaves, 88 e por Santa Barbara, 70; á Alfredo Chaves 48 e á Lagôa Vermelha 105.

Uma das maiores, se não o maior necessidade do municipio é a construcção da projectada via ferrea, ligando-o com Passo Fundo e á capital do Estado, por Bento Gonçalves.

Em 1922 existiam em Guaporé 224 vehiculos, sendo 10 automoveis de passageiros, 12 carroças de 2 rodas, 149 ditas de 4 rodas, 1 carro diligencia de 4 rodas, 33 carretões, 1 jardineira e 18 aranhas.

A estação do telegrapho em Guaporé que é de 4.^a classe e dispõe de 1 aparelho „Morse... pertence ao 19.^o Districto telegraphico. Em 1921 transmittiu 3577 telegrammas, com 71 934 palavras e recebeu 3375, com 57 980. A receita foi de 7:240\$000 e a despesa 3:245\$000.

Em 1923 contava o municipio 86 estabelecimentos de ensino, sendo 4 escolas isoladas, 39 escolas subvencionadas pelo governo estadual, 39 escolas municipaes e 4 particulares.

Eis um quadro da instrucção ahi ministrada:

População do municipio	População escolar	Alunos matriculados	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alunos matriculados por 1000 hab.	Alunos matriculados para 1000 em idade escolar	Alunos matriculados em relação a área do municipio
38 610	8 031	3 523	208	91,21	438,67	2,29 por Klm. 2

GUAPUHY — c. *guá-poî*, o individuo delgado ou pau fino. Lugar no município de Itaqui.

GUARÁ — alt. de *aguará*, nome vulgar de uma especie de mamifero do genero *Canis* (*C. jubatus*) B. Rhoad. E' tam-bem nome vulgar da garça vermelha (ibes rubra), sendo neste caso corr. de *guira-pitanga*, ave vermelha.

Arroio, affluente do Barracão, no município de Piratiny e sanga tributaria do Araçá no município de Porto Alegre. Nasce no cerro de seu nome e corre para S., depois se inflecte para L. até a sua barra. Seu curso é de 5 Kms. Cordilheira que separa o município de Porto Alegre do de Dôres de Camaquã. Campos no 8.º districto de Porto Alegre.

GUARACHAIM — corr. *aguarati* (*Galictis Vittata*). Con-forme já mencionamos, é frequente nos vocabulos tupis a mu-dança de *tî* em *chim*. Pequeno quadrupede mui damnninho, apreciador do cordas de couro e de aves domesticas.

La vem o guarachaim

Com cara de disfarçado;

Elle vem comer gallinha

E soltar cavallo atado.

(*Quadrinha popular*).

Chamam-no' tambem *guáchinim* e *grazaim*. No Para-guay é conhecido por *aguara-chai*, entre os guaranis.

Arroio affluente da Lagôa dos Patos, no município de S. João do Camaquã. E' formado por um dos galhos em que se triparte o arroio Duro e corre para SE. até sua barra, formando antes a lagôa de seu nome. *Oct. Far.* dá aquella denominação ao arroio *Guarajú* e *Cunha Lopes* ao *Taquaras* ou *Taquarachim*.

GUARAI. — Uma das adulterações do nome do rio Quarahy.

GUARAHIM. — Está assim escripto o nome do rio Quarahy na concessão de sesmaria feita, em 1816, a Fortunato Antonio Viera.

GUARAJÚ — c. *guara-yú*, o individuo amarello; o pau amarello. E' provavel que seja alteração de Guarajá, o viveiro dos *guarús* ou barrigudinhos, peixinho de ventre despro-porcionado.

Arroio tributario do Piratiny no município de S. Luiz Gonzaga; corre de L. para O. em um percurso de cerca de 40 Kms.

Vel. da Silve o registra com nome de *Guarapacá*, e *Varela* escreve *Guararaha*.

GUARANY — c. *guaranî*, o guerreiro, o que luta. *Aguarynî*, guerrear; *aguarynî quây*, ajuntar exercito.

Improtante colonia fundada em 1890, com o nome de Lucena. Está situada entre os rios Uruguay, Inhacorá e Ijuhy. Em abril de 1891 foram iniciados os trabalhos de medição dos lotes. Compõe-se de dois nucleos: Uruguay e Comandahy. Aquelle, que é no municipio de Santo Angelo, tem sua séde, estabelecida em 1893, no Porto Lucena, proxima áfóz do Comandahy. O *C. Engenharia* escreveu Santa Lucena, reproduzindo, talvez um erro da planta desta colonia.

O nucleo Comandahy tem sua séde em Guarany, fundada em 1894 e que fica á margem esquerda do rio de seu nome, proxima á barra do Geruá.

A principal riqueza da colonia é a agricultura, produzindo em grande escala canna de assucar, fumo, arroz, feijão, mandioca e outros productos. Alem da séde dos nucleos conta mais dois povoados: Nickel, no municipio de Santo Angelo e S. Francisco Xavier no municipio de S. Luiz Gonzaga.

Ainda com o nome de *Guarany* existem: um cerro no municipio de S. Gabriel e um curato abrangendo os municipios de Santo Angelo e S. Luiz Gonzaga, creado por provisão ecclesiastica de 3 de novembro de 1907, sob o orago de Santa Thereza. Pertence a diocese de Uruguayana. A igreja parochial fica na séde da Colonia Guarany e tem como filiaes as capellas de Porto Lucena, Bom Jardim e S. Francisco Xavier.

GUARAPACÁ. — Assim *Vel. da Silv.* escreve o nome do *Guarajú*. Ha engano, isto é: troca das duas ultimas syllabas. O correcto é *Guaracapá*, o escudo; broquel de couro ou de vime, contra as flexas. *Anhemboguaracapá*, pôr o broquel.

GUARAPITANGUY. — Uma das alterações do nome Guapitanguy.

GUARAPUITAN — c. *guara-puitan*, o individuo vermelho. Parece alt. de iguarapuitan, o rio dos passaros vermelhos. Pode tambem, no caso supposto, ser rio dos paus vermelhos.

Arroio tributario do Uruguay, no municipio de Uruguayana. Nasce na cochilha de Pai Passo e corre para O. até sua barra á 29° 54' 00" de Lat. Sul e 14° 5' 29" de Long. O.

DOP. e *C. C. G. B.* escrevem Ibirapuitan e o *C. Engenharia* Guarapyba e calcula seu curso em 20 Klms. e o figura como nascendo a O da via ferrea, emquanto *DOP.* localisa suas nascentes a L. da mesma via ferrea e calcula seu curso em 25 Klms.

Está daquella fórma escripto o nome do Ibirapuitan, affluente do Ibicuhy em diversas concessões de sesmaria feitas em 1814 e 1815, entre outros a Antonio José da Costa, Balthazar

Machado de Souza, Claudio José Dutra, Ricardo José de Magalhães e José Rodrigues da Rosa.

GUARARAHA. — Assim *Varela* escreve o nome do Guarajú.

GUARAHY. — Está assim escripto o nome do Quarahy nas concessões de sesmaria feitas em 1814 a Francisco José Bittencourt e em 1815 a Manoel Godinho Leitão.

GUARATINGAHY — c. *guara-tinga-y*, o rio das garças ou dos passaros brancos. Arroio tributario da margem direita do Jacuhy entre o Ivahy e o Ingahy, segundo *Camargo*, que tem sido repetido por *M. Pinto*, *Varela* e *Oct. Far.*

Não conseguimos identificar esse arroio.

GUARAXAIM. — Assim *Oct. Far.* grapha o nome do Guarachaim, tributario da Lagôa dos Patos e dá essa mesma denominação ao Itaquarachim, tomando, sem duvida, por guia, *Cunha Lopes*. *DAS.* tambem escreve assim o nome do primeiro daquelles arroios.

GUARIJÚ. — Assim *DOP.* escreve o nome do Guabijú affluente do Ibirocay.

GUAROCAY. — Assim *S. Leopoldo* e *DAS.* registram o nome do Ibirocay.

GUAROPÁ. — Assim o *C. Engenharia* registra o nome do arroio Garupá, desde suas nascentes até receber as aguas do Lageado, d'ahi até a sua barra no Quarahy dá-lhe o esque-sito nome de *Catuyá*.

GUARULHOS — corr. *guarú*. E' segundo *Th. Sampaio*, nome de uma tribu indigena, cuja denominação lhe vinha de ter o ventre muito desenvolvido. Dizer *guarulhos*, é o mesmo que dizer *barrigudos*.

Lugar no municipio de Santo Amaro.

GUARY — c. *guari-y*, arroio dos guaribas ou macacos. Pode ser tambem rio tortuoso, sinuoso.

Arroio no municipio de S. Leopoldo. Depois de 12 Klms. de curso confunde suas aguas com as do grande banhado tributario do rio Itapuy, entre o porto Bloz e o Passo da Cruz.

GUASSÚ BOI — c. *guacú-mboi*, cobra grande, serpente. Pode ser tambem cobra veado, visto que *guacú* no tupi do sul exprime — veado; como adjectivo é o mesmo que grrande, grosso, amplo, extenso.

Rio, no municipio de Alegrete, nasce na cochilha de Japejú e corre para NO., em um percurso de 30 Klms. até se lançar na margem direita do Ibirocay, formando o galho mais oriental deste.

Cunha Lopes, o confunde com o Itapororó, dando á este aquella denominação. Esse erro é reproduzido no mappa que acompanha as „Missões Orientaes“ de *Vel. da Silv.*

B. Porto, escreve *Guacúby*.

Estação da estrada de ferro P. A. U.

GUAÇU PASSO — c. *guacú* (grande em tupi) + *passo* (sub. m. portuguez) Passo grande. Antiga denominação de um lugar entre o Ibirapuitan e o Ibirapuitan Mirim, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1814, á Manoel Pereira de Carvalho.

GUASSUPY — c. *guacú-py*, a pelle do veado; pode ser também pé grande ou pé de veado, nestes casos, porém, é c. de *guacú-pi*.

Arroio, nasce na serra de S. Martinho ao N. da villa de Julio de Castilhos e corre para SO. até sua barra na margem esquerda do Toropy, depois de um curso de 40 Klms. Seu valle que começa a mais de 300 metros sobre o nivel do mar, baixa para 250 e finalmente para menos de 200.

GUATEMY — c. *gua-tim-y*, ponta do valle do rio. Pode ser também valle do rio branco.

Assim *Oct. Far.* registra o nome do arroio e districto de Cangussú, conhecidos de *Iguatemy*.

GUATEPE. — Assim *DOP.* registra o nome do Quatepe.

GUAVIJÚ. — Assim *Cunha Lopes, M. Pinto e Varela*, grapham o nome do Guabijú.

GUIRANCAY. — Está assim escripto o nome do *Ibirocay* na concessão de sesmaria feita, em 1814, á José Gomes da Silva.

GUARAPIBA. — Assim o *C. Engenharia* registra o nome do Guarapuitan.

GUARAIÇÁ. — Está assim escripto o nome do rincão de Iguariaçá, na concessão de sesmaria feita, em 1816, á Ignacio de Jesus Maria Cesar.

GURUPY — corr. *curú-pá*, o extremo do cascalho, banco de seixos. Pode ser também sitio da plantação, o lugar da roça. Nestes casos é corr. de *corupá*.

Morro no municipio de Taquary, 2.º districto.

GUYRAY ITU. — Denominação dada por *Azara* a um dos afluentes da margem esquerda do Uruguay, com o fim de estabelecer confusões, na demarcação dos limites.

GURYS — corr. *guiri*, o bagre. *Granada* diz que é corr. de *ngîri*, indiosinho, menino mestiço, filho de branco com indio.

Arroio affluente da margem esquerda do Varzea, tendo como tributario, em sua margem esquerda o Boi Preto.

GUYS. — Assim *DOP.* registra o nome do arroio *Gurys*.

IACANPITUM, graphia usada pelo conego *Gay* para o *Inhacapetum*. Vide este nome.

IAGUY. — Assim está graphado o nome do Jacuhy em o *Mappa de los Confines de las dos Coronas de España y Portugal en la America Meridional*. Este mappa, segundo Rio Branco, deve ter sido feito no Rio da Prata e retocado em 1760.

IAMANDÁ. — Nome dado ao Inhacondá, certamente em virtude de engano ou má informação, por uma das turmas da *C.C.G.B.*, na campanha, 1915—1916. Em relatorios de outras turmas se lê sempre *Inhacondá*. Vide este nome.

IAPA — corr. *yapi*, cabeceiras, vertentes de curso d'agua. Por essa denominação eram conhecidos em 1814, o banhado e o arroio S. João, do actual municipio de Itaqui, conforme se vê da concessão de sesmaria feita naquelle anno á Romão de Abreu.

O arroio S. João é o primeiro tributario da margem esquerda do Uruguay, ao S. da Ilha Quadrada.

IAPÚ-GUACÚ. — Pancada grande. O conego *Gay* traduziu: mentira grande, neste caso a graphia seria — *yapú-guacú*. *Cheyapú*, minha mentira, minto, sou mentiroso; *abayapura*, homem mentiroso.

Com a significação que lhe damos aqui é palavra onomatopaica, tirada do som produzido pela pancada.

Chemboiapú, me espancaram; *onhômboiapú*, se espancaram.

Por aquella denominação eram conhecidos antigamente os campos que ficam a falda da serra dos Tapes e nos quaes tem suas vertentes os rios Santa Maria e Negro.

Millet escreveu *Iapó-Guacú*.

IAQUAQUA. — Assim está graphado o nome do Jacaquá em o *Mappa da Provincia de S. Pedro*, organizado para demonstrar as operações do exercito imperial no anno de 1841, sob o commando em chefe do brigadeiro J. P. dos Santos Barreto.

DAS. e *Mor. Pinto*, tambem o registram assim.

IATAY — corr. *Yatai*, assim denominam os camponeses, uma enfiada de pinhões descascados.

Arroio, afluente do Uruguay; seu curso é de cerca de 7½ Klms.

IAY, denominação dada ao actual rio Jacuhy, pelo padre Roque Gonzales de Santa Cruz, em carta escripta aos 15 de novembro de 1627, citada por *Teschauer*, na *Vida e Obras* daquelle veneravel sacerdote.

IBARÉ — c. *ibá-aré*, a fructa caída.

Arroio, nasce no banhado do mesmo nome no municipio de Lavras e corre para NO., até sua confluencia na margem esquerda do Jaguary, 4 Kilometros acima da foz do Santo Antonio, com o qual forma o rincão de seu nome, celebre pelos bandidos que o infestavam no tempo do imperio.

São attribuidas diversas extensões ao seu curso. *Resende*, copiando os dados da *C. C. G. B.*, registra 36 Klms.; *W. e Men.*, 45; *Selbach*, 37; *Cunha Lopes*, 30; *Montenegro*, 25; *DOP.*, cerca de 18.

IBARÓ. — Assim *S. Leopoldo* e *Camargo* grapharam o nome do arroio Ibaré.

Ibaró é o nome que os índios dão a arvore vulgarmente conhecida por Arvore do Sabão. *Sapindus*, da familia das Sapindaceas.

Tanto a raiz como a casca e o fructo dessa arvore são impregnados de um principio amargo que dissolvido n'agua produz uma espuma semelhante á do sabão.

Os jesuitas mandavam plantar *ibarós*, em renque, ao longo dos caminhos, ligando os povoados ás fontes, com o fim de serem os fructos utilizados na lavagem, pelos índios.

IBATUYI. — Está assim escripto o nome do rio Butuhy no *Primeiro Mappa do Paraguay*.

IBIA — corr. *yby-ã*, terra alta, região alcantilada, barranca

Techo dá a região do Ibia, como sendo o lugar do martyrio do padre Christovam de Mendonza; *Guevara* faz menção de um arroio Ibia, que diz ser affluente oriental do Ibicuhy-mini.

Teschauer diz que Ibia é nome desconhecido que se não encontra em mappa nem autor algum. E depois de varias deducções sobre o Ibicuy-mini, conclue: "Este então só pode ser o Cahy ou o Rio Cadea, no primeiro caso o Cadea seria o arroio Ibia, mas para arroio é maior e passa por rio. Reconhecendo pois neste o Ibicuy-mirim de Guevara, seria o arroio Feitoria, affluente oriental do Cadea, identico com o arroio Ibia."

Pendemos a crer que o Ibicuy-mini de *Guevara*, é o mesmo que vem assignalado no *Segundo Mappa do Paraguay*, de 1722, e na edição allemã, de 1730; no *Terceiro Mappa do Paraguay*, de 1732; no *Mappa do Paraguay*, por D'Anville, de 1733; no *Mappa da America Meridional*, deste mesmo autor e no chamado *Mappa das Côrtes*, e que o arroio Ibia é o Ibiati que em todos aquelles mappas figura como affluente oriental do Ibicuhy-mini. Vide este nome.

IBIATI — corr. *yby-ã-ti*, arroio da região alcantilada ou da barranca. O vocabulo *ti* ou *ty*, tambem serve para designar a agua com a mesma accepção do *y*.

O arroio Ibiati figura como um dos affluentes do Ibicuy-mini, nos primeiros mappas em que se menciona o Rio Grande do Sul.

Com essa mesma denominação é assignalado um local, entre dois tributarios do predito Ibicuy-mini e ao S. de Iru-buguá. Como este devia ser séde de uma estancia dos Jesuitas.

IBIAHY — corr. *yby-ã-y*, o mesmo que *Ibiati*.

Os indios charruas, diz *Varela*, viviam „entre as nascentes do Rio Negro e Ibiahy.“

Nos mappas a que nos vimos referindo e onde a largos traços vem esboçado nosso Estado, o Rio Negro figura como contra vertente do Ibiati e do Ibicuy-mini. Vide este nome.

O Mappa ethnographico e historico do Rio Grande do Sul, organiado por *Teschauer*, dá a região acima, como habitada pelos Guenoas, e localisa os charruas entre o Rio Negro e a Lagôa dos Patos e ao S. de Camaquam.

IBICAPUITÃ. — Está assim registrdao no *Primeiro Mappa do Paraguay*, o nome do Ibirapuitan.

IBICUACUI — c. *yby-cua-cui*, o pó da terra do meio.

Está assim registrado nos mappas que citamos ao tratar do Ibia, o nome do rio Jaguary, tributario directo do Ibicuy.

IBICUHY — corr. *ibicuiti-y*, rio da areia, e não de *ybicui-y* como supõem alguns autores, porque neste caso a traducção é — rio do pó.

No *Primeiro Mappa do Paraguay* está registrado *Ibicuité*. Vide este nome.

O Ibicuy nasce nas vertentes occidentaes da serra de S. Martinho, d'onde desce com a denominação de Ibicuy Mirim, até a confluencia do Itu; corre na direcção geral de O., entre os parallelos 29° e 30°. Seu curso é de cerca de 450 Klms. Sua bacia hydrographica comprehende uma area de 44 000 Klms.²

O melhor estudo até hoje feito sobre este importante rio, é o de *Montenegro*, que vem desde então sendo repetido por diversos autores. São desse illustre escriptor estes topicos: „A bacia do Ibicuy está encravada no grande valle do Uruguay e o seu caracteristico mais notavel é ser uma planicie suavemente inclinada para o oeste desde a crista da cordilheira geral e seus contrafortes até a margem daquelle rio, deixando perceber, no dispositivo do territorio e na natureza do solo, ter sido cavada em extenso chapadão pelas aguas pluvias, cuja acção erosiva em alguns milhares de annos deslocou a massa immensa que unia no mesmo nivel as serranias que

hoje, separadas, formam em alongada curva os seus limites naturaes desde a extremidade da serra do Caverá até as co-chilhas do Rincão da Cruz.

„A natureza geologica da extensa zona atravessada por esse rio, cujo nome indigena com propriedade a difine, é formada, geralmente, por um terreno arenoso, inconsistente e muito permeavel.

„As enchentes revolvendo e afoufando as areias do leito até uma grande profundidade, deixam verdadeiros tremedaes nos trechos onde o grez não se mostra á superficie, como se tem observado em quasi todos os affluentes da margem esquerda.

„O curso desse grandioso rio é bordado em toda a sua extensão por bellissima e alterosa matta, onde se encontra toda sorte de madeira de construcção e marcenaria; o valle é feraz e um dos logares mais apropriados ao desenvolvimento da agricultura.“

O Ibicuhy banha e fertiliza os municipios de Santa Maria, S. Vicente, Rosario, S. Francisco de Assis, Alegrete, Itaqui e Uruguayana e tem entre outros os seguintes tributarios directos: m. d.: arroio Lageado, rios Toropy, Jaguary, arroios: Inhacondá, Taquary, Gravatahy, Pirajú, rio Itu, outr'ora Ibipuitã, denominação esta que passou para um seu tributario, e arroios: Jacuhy, Mariano Pinto, S. Francisco e Joanico e pela m. e.: arroios: Filipinho, Ibicuizinho, rio Santa Maria, tambem conhecido por Ibicuhy Grande, arroios: Prestes, Itapevi, Jacaquá, Divisa, S. João, Lageado, Palma, rio Ibirapuitan, arroios Carvoracy, que no mappa de *Selbach* tem a denominação de Guassúboi; Vitalina, que *Cunha Lopes* chama Guassuboi; diversos autores, Itapororó, e *Selbach*, Ibirocay-mirim; rio Ibirocay.

Cunha Lopes registra entre os affluentes do Ibicuhy o Toropasso que é tributario directo do Uruguay. *Vel. Silv.* repetiu esse erro.

No *Mappa do Paraguay* de *D'Anville*, figura um rio Nanduite, como affluente do Ibicuhy, abaixo da foz do rio Ibirapuitan. E' de crer que se tratasse do actual Inhanduhy tributario do ultimo dos rios citados.

Com o nome de *Ibicuhy* existem: uma estação da esrtada de ferro, um porto sobre o rio desse nome e uma importante fazenda, todos no municipio de Itaqui.

IBICUITÉ — corr. *ibicuiti-y*, rio da areia. *Ibicuiti yêpé*, areia pura; *ibicuiti rayî*, grão de areia.

Está assim registrado no *Primeiro Mappa do Paraguay*, o rio Ibicuhy. Vide este nome. *Rio Branco* escreveu *Ibicuity*, que é o correcto.

IBICUIZINHO. — Palavra híbrida, c. de *ibicuiti-y* (rio da areia em tupi) + *zinho* (suf. dimin. portuguez). O correcto é *ibicui-mirim* (arroio da areia), considerando a palavra *ibicuiti*, apocopada, isto é: com a perda da ultima syllaba, como figura em todos os mappas a partir de 1722.

Existem dois arroios com esse nome — um delles nasce proximo de cerro da Trindade, na linha divisoria e depois de um curso de 33 Klms. se lança no Ibicuy da Conceição, e o outro desce da Cochilha do Pau Fincado e corre para NO., em terreno descampado, até sua barra no Ibicuihy. Seu curso é de cerca de 15 Klms.

Ainda com a mesma denominação existe um banhado no município de Santa Maria.

IBICUHY DA ARMADA. — Este rio nasce com o nome de Banhado do Upamoroty, nas Tres Vendas, proximo da linha divisoria e é conhecido por esse nome em um percurso de 70 Klms., isto é: até receber as aguas do Goiabeira, tomando d'ahi em diante a denominação acima, até sua barra no Santa Maria, 3 Klms. ao S. da villa do Rosario, depois de um curso total de 152 Klms., segundo os dados da *C. C. G. B.*; *Oct. Far.* registrou 120 Klms.; *DOP.*, dá cerca de 125 e *Selbach* 90.

O mencionado rio tem matto abundante em ambas as margens, desde o passo da Ponte até sua foz. Quando no regimen de banhado o matto é ralo.

IBICUHY DA CAROLINA, nome com que nasce o

IBICUHY DA CONCEIÇÃO. — Nasce este rio com o nome de Carolina, no Cerro do Registro, junto á linha divisoria, a 4 Klms. da cidade de Livramento e corre na direcção geral de NE. Depois de um percurso de 10 Klms. perde o nome de origem para tomar o que acima registramos, até sua confluencia no Ibicuihy d'Armada, com o qual confundem-no *W. e Men.* Nesse mesmo erro incorreu *Cunha Lopes*, copiando *Coil. Nie.*

Seu curso total é de 75 Klms.

IBICUHY DA CRUZ. — É conhecido tambem por arroio da Cruz. Tem suas cabeceiras principaes no cerro da Cruz, no município de Livramento, perto do Marco do Lopes, d'onde desce para NE. até sua foz no Ibicuihy da Conceição, depois de um curso de 52 Klms., segundo *Selbach*; *Cunha Lopes*, dá-lhe 20 Klms. apenas. O arroio do Guedes é um dos seus galhos principaes. Tem matto abundante em todas suas ramificações. Seu leito é profundo, o que o torna invadiavel nas cheias.

IBICUHY DA FACHINA. — Figura com este nome no mappa de *Selbach*, um tributario do Ibicuhhy da Cruz, que nasce como aquelle no municipio de Livramento e corre para N. em um percurso de 45 Kms., quasi em linha recta.

IBICUHY GRANDE. — No mappa de *Millau*, no que acompanha os Annaes de *S. Leopoldo* e no demonstrativo da linha de operações do exercito imperial em 1841, que parece ter sido construido com os dados do precedente, figura o rio Santa Maria com aquella denominação.

IBICUHY-GUAÇÚ. — No mappa de *Silv. Peixoto* e no de *Olmedilla*, o rio Santa Maria figura com esse nome.

Muitos autores dão essa denominação ao Ibicuhhy, desde a foz do Toropy até sua barra no Uruguay. No mappa de *S. Leopoldo*, está registrado com esse nome o Ibicuhhy da Conceição.

IBICUHY MIRIM — corr. *ibicuiti-mirim*, arroio da areia.

O Ibicuhhy desce da serra de S. Martinho com essa denominação até receber as aguas do Toropy. No 2.º e no 3.º *Mappa do Paraguay*, nos dois de *D'Anville*, no *Mappa das Côrtes* e no de *Silv. Peixoto*, figura um rio com o nome de Ibicuhhy-Mirim e como sendo a nascente do Ibicuhhy, correndo, porém, em seu inicio de SO. para NE. e depois de uma curva toma a direcção de E. para O. e a denominação de Ibicuy. O *h* foi introduzido mais tarde sómente para indicar que as letras *u* e *y*, não formam diphtongo.

Aquelle rio é evidentemente o actual Santa Maria, imperfeitamente traçado. No mappa de *Olmedilla* já apparece com este nome.

Varela chama de Ibicuhhy-mirim, o affluente do Ibicuhhy da Armada, mais conhecido por Ibicuhhy da Conceição. Na concessão de sesmaria, feita em 1816, a Manoel Pereira da Silva, ha referencias a um Ibicuhhy Mirim, que pelas confrontações ali mencionados se verifica que é o mesmo a que se refere o autor de *Rio Grande do Sul*. No mappa de *S. Leopoldo*, tambem figura com o nome acima o mencionado Ibicuhhy da Armada.

Rio Branco, faz referencias a um Ibicuhhy Mirim do Sul e a outro do Norte.

IBICUHY DO NORTE. — Assim está mencionado no mappa das operações do exercito imperial, o Ibicuhhy, desde suas nascentes até a barra do Toropy.

IBINÁ — corr. *yby-nay*, terra em que ha pouca agua. No mappa da *DOP*, é dado essa denominação ao Ibirapuitan Chico, desde a foz do arroio Cardoso até sua barra no Ibirapuitan.

IBIPID. — Está assim escripto no mappa de *Silv. Peixoto*, o nome do

IBIPUITAN — corr. *yby-y-pitã*, arroio da terra vermelha. Arroio, tem suas vertentes na serra do Boqueirão, d'onde corre para SE. até sua confluencia no Itú, logo abaixo do Passo do Goularte, no municipio de Itaquí. Pelo mappa da DOP, e de *Cunha Lopes*, seu curso é de cerca de 30 Klms.; *Oct. Far.*, dá-lhe 14 Klms. e *Selbach*, 11.

O Itú figura com o nome acima nos seguintes mapps: 2.º e 3.º do Paraguay; nos dois *D'Anville*; no das *Côrtes*; no de *Bellin*; no „de los Confines de las dos Coronas de España y Portugal en la America Meredional“; no que se acha appenso ao Diario Portuguez da Demarcação feita em 1759 e 1760; nos dois de *Millau*, e no de *Olmedilla*.

IBIQUÁ — corr. *yby-a-quá*, ponta de terra e talvez de *yby-coara*, terra do buraco ou ainda de *yby-guá*, terra do valle. Arroio no municipio de S. Luiz. É um dos tributarios do Ijuhy.

IBIRÁ — contr. *ybyrá-y*, arroio da arvore. Não encontramos em nenhum dos mapps nem nas diversas obras que compulsamos, para organizar este trabalho, o nome acima, mas que elle existiu na toponymia do Rio Grande do Sul, nenhuma duvida ha — visto figurar na concessão de sesmaria, feita em 1814, á João dos Santos Abreu, e pelas confrontações ahi mencionadas, se verifica que é um dos tributarios da margem esquerda do Ibirapuitan, e cremos que seja o actual Matta Olho, ou o Ibirapuitan Chico. Comprova ainda a existencia daquelle nome o facto de haver um Ibirá-Mirim. O diminutivo mirim só se justifica, para differencar o arroio a cujo nome é posposto, de outro de igual denominação, isto é: Ibirá.

IBIRAHIAÇÁ. — Assim o conego *Gay* escreveu o nome da serra de Iguariacá e traduziu: „serra onde se encerram madeiras para conduzir.“

IBIRA-MIRIM — c. *ybyra-y-mirim*, arroio da arvorezinha. Arroio no municipio de Bagé. Desce da cochilha de Santa Tecla, rumo NE., atravessa o rincão Cabeça Funda e se lança no Camaquã do Sul do qual é o principal galho gerador. Divide o municipio de Bagé dos de Lavras e D. Pedrito. Seu curso é de cerca de 25 Klms.

IBIRAPUITAN — corr. *ybyra-y-pitã*, o rio dos paus vermelhos. Este rio tem sua nascente principal em Galpões, no municipio de Livramento, linha divisoria, e d'ahi desce na direcção geral de S. para N. até sua barra no Ibicuihy, 3 Klms. abaixo do Passo de Santa Rosa. Serve de divisa entre Livramento e Quarahy, desde o ponto em que recebe as aguas do

arroio Chapeu até a embocadura do Matta Olho. Atravessa o município de Alegrete em toda a extensão deste de S. a N. passando pela sede do referido município, tendo em suas proximidades a largura de 60 metros e agua abundante. Forma em muitos pontos lagôas profundas e extensas. Tem em ambas as margens vegetação exuberante; é rico em madeiras de lei, entre outrasahi abundam o ipé, o angico, a aroeira, o louro e torumã.

Seu curso, segundo os dados da *C. C. G. B.* é de 180 Klms.; *DOP.*, dá-lhe 165 e *Cunha Lopes*, 125.

No mappa que acompanha a Noticia Discriptiva de *Dreys*, o Itú está com o nome de Ibirapuitã e Alegrete transportada para a encosta S. da serra de Iguariacá!

Coi. e *Nie.* dão ao Ibiptytan, affluente do Itú, a denominação de Ibirapuitan. *Montenegro* incorreu na mesma confusão. Com o nome de Ibirapuitan figura no mappa da *DOP.* um arroio, que nasce na Cochilha do Pai-Passo, no município de Uruguayana, e corre para O., até se lançar no Uruguay, entre os arroios Mineiro e Sujo, depois de um curso de 25 Klms.

IBIRAPUITAN CHICO — *ybyra-y-pitã* (em tupi rio dos paus vermelhos ou da madeira vermelha) e *chico* (pequeno na lingua hespanhola). O correcto é Ibirapuitã Mirim.

O Ibirapuitan Chico tem sua vertente principal proximo ao cerro do Vigia, no município de Livramento, d'onde desce rumo NO. até se lançar no Ibirapuitan, depois de um curso de 55 Klms. segundo os dados da *C. C. G. B.*; *DOP.*, dá-lhe 80 Klms. Tem vegetação abundante em ambas as margens. Forma com o Ibirapuitan, o Rincão de S. Diogo, cuja area é de 260 Klms.²

IBIRAPUITAN MIRIM. — O actual rio Caverá figura com esta denominação no *Mappa de los Confinès de las dos Coronas de España y Portugal*; no de *Silv. Peixoto*, e no de *Olmedilla*.

Na concessão de sesmaria, feita em 1814, a José Ferreira Gomes, é tambem mencionado com aquelle nome.

IBIRAYEPIRÓ — corr. *ybyra-y-pirog*, o rio da arvore do descanso.

Com essa denominação figura o actual Ivay no mappa de *Cabrer* e no de *Chagas Santos*. *S. Leopoldo*, tambem o registrou assim. *DAS.*, escreveu *Ibirayopiró*.

IBIROCAY. — Assim está registrado o nome do Ibirocay na concessão de sesmaria feita a Joaquim Mascarenhas Correa da Silva, em 1816.

IBIROCAY — contr. *ybyra-oca-y*, rio das casas de madeira. Este rio que é formado por 3 galhos que nascem na

Cochilha de Sant'Anna, corre para N., quasi em linha recta, servindo, em todo seu curso, de limite entre os municipios de Alegrete e Uruguayana. Quando transborda, nas cheias, alimenta o banhado Sanchorim, que fica á sua margem esquerda. *Chrockatt*, escreveu Ibiracay; *S. Leopoldo*, Guarocay e *Reyes*, Guraocay.

Seu curso segundo os dados de *C. C. G. B.*, é de 115 Klms.; *LAF.*, dá-lhe 98; *Montenegro*, *Oct. Far.* e *Resende*, 60; *Cunha Lopes* e *Selbach*, 52. Sua barra no Ibicuihy, está a 2 Klms, acima do Passo de Santa Maria.

Com aquelle nome existe uma importante fazenda no municipio de Alegrete e no de Uruguayana, uma estação da estrada de ferro *P. A. U.*

Ainda com o nome de Ibirocay, existe um arroio no municipio de S. Vicente, tributario da margem esquerda do Jaguary.

IBIROCAIZINHO. — Palavra hybrida, c. *ibirocay* (em tupi, rio das casas de madeira) e *zinho*, (suffixo diminutivo, portuguez). Este arroio nasce nos banhados do Umbuzeiro e corre para NO. até sua foz na margem direita do Ibirocay, depois de um curso de cerca de 13 Klms., segundo *Coi.* e *Nie. Montenegro*, *Oct. Far.* e *Resende*, dão-lhe 18 Klms.

IBIROCAY-MIRIM. — No mappa de *W. e Men.* e no de *Selbach*, figura com essa denominação o Itapororó. Vide este nome.

Oct. Far. registra simplesmente: „arroio e fazenda no municipio de Alegrete.“

IBOHYRAIAÇA. — Assim *DAS.*, escreveu o nome do Iguariaçá.

IBORAHIASSA. — Assim *Vel. da Silv.* graphou o nome da serra do Iguariaçá.

IBPETUBA. — Assim figura no *Mappa das Côrtes*, o rio Mampituba.

IBUIJARACA. — Assim figura o arroio Iguariaçá no mappa do *Min. Via.* e no que acompanha as *Missões Orientaes* de *Vel Silv.* Estes autores copiaram o que escrevera *Lome-lindo*, em seu Atlas, esquecendo, porem, de cedilharem o c.

ICABACUÃ — c. *y-caba-quã*, rio da vespa do buraco.

Está assim registrado no mappa de *S. Leopoldo* e no demonstrativo da linha de operações do exercito imperial, o nome do affluente do Uruguay, no municipio de S. Borja, que a ignorancia da lingua tupi chrismou com oito nomes, dentre os quaes predominou afinal o de *Camaquam*, como é hoje conhecido em geral e como o nomeiam os Samborjenses e os filhos dos municipios visinhos.

Esta denominação — Camaquam — e que significa buraco do peito (*cama-quã*), pode ser também peito tramado ou golpeado (*cama-quã*, ou bico do peito (*cama-aquã*), nenhuma relação tem com a natureza do rio ou da região onde elle corre; não lembra nenhum accidente geographico naquellas paragens, e por isso repugna crer que tivesse ella sido dada pelos indigenas, tão expressivos em denominarem os lugares e as cousas.

Icambaquã ou *Cambaquay*, são os nomes que mais se adaptam áquelle rio, pela natureza de seu leito.

ICABACUAM. — Assim *Dreys* e *Gay*, grapham o nome do rio Camaquam do Norte.

ICABAEDA. — Está assim registrado o nome do rio Camaquam do Norte no Grande Mappa de *Cabrer*.

ICABAQUÃ. — Está assim registrado o nome do rio Camaquam do Norte, no *Segundo* e no *Terceiro* Mappa do Paraguay, no segundo da edição allemã; nos dois mappas de *D'Anville* e no mappa de *Coi. e Nie.*; *Millet* e *S. Leopoldo*, também assim o grapharam, figurando, entretanto, no mappa que acompanha os *Annaes* do ultimo autor citado — *Icabacua*.

ICABAQUÃ. — Está assim graphado o nome do rio Camaquam do Sul, nas concessões de sesmaria feitas, pelo conde de Resende, em 1792, ao então tenente-coronel Alexandre Eloy Portelli, que falleceu no alto posto de marechal do exercito, em 1838, e a José Ignacio da Silva, illustre riograndense, que entre outros cargos elevados exerceu o de presidente da Junta Governativa de sua provincia natal, em 1823. Vide seus dados biographicos, nesta *Revista*, 1.º trimestre, pags. 87 e 88.

ICABAQUAM. — Assim *S. Leopoldo* e *Millet*, escreveram o nome do rio Camaquam do Sul.

ICAICAN — corr. *ica-i-cang*, o arroio do galho secco. Assim o conego *Gay* escreveu o nome do arroio Saycan, que elle diz vir „do rincão do mesmo nome, e quer dizer: *rincão onde se larga ou derrama alguma cousa*.”

ICAMAQUAM — c. *y-cama-quã*, rio do peito de buracos; pode ser também c. *y-cama-quã*, rio do peito tramado ou golpeado.

W. e Men. grapham assim o nome do rio Camaquam do Norte.

Ha tendencia para a adopção dessa graphia. Entre as razões que apresentam para isso, figura, a de estabelecer differença entre esse rio e o de igual nome, affluente da Lagôa dos Patos. Não nos parece plausivel isso, visto julgarmos preferivel á essa alteração o restabelecimento do nome primitivo: mas se isso não convem, porque o uso já consagrou

outro nome, essa mesma objecção existe para semelhante inovação.

ICAMBAQUÁ — c. *y-camba-qûa*, rio de buracos pretos. Assim *Gay* e *Selbach* registram o nome do rio Camaquam do Norte.

ICAVACUÃ. — O mesmo que Icabacuã. Vid. este nome. A letra *v* não existia no tupi, foi introduzida com o valor de *b* ou *u*, brando. Está daquella forma escripto o nome do rio Camaquam, no *Mappa de los confines de las dos Coronas de España y Portugal*, no mappa de *Millau* e no de *Olmedilla*.

IGAY — c. *iga-y*, rio da canoa. Com esse nome figura o actual rio Jacuhy no *Segundo Mappa do Paraguay*, neste mesmo mappa da edição allemã, no *Terceiro Mappa do Paraguay*, nos dois de de *D'Anville* e no de *Millau*.

Coi. e Nie., W. e Men., C. Engenharia assim registram o nome do rio Ingahy, affluente do Jacuhy. *Cunha Lopes*, escreveu *Igahy*.

IGNIROCAHY. — Está assim escripto o nome do rio Ibirocay, na concessão de sesmaria, feita em 1814, á Manoel José da Silveira.

IGOPIAÇÁ. — Assim *Rat. e B. P.*, escrevem o nome do Iguariacá.

IGOROHY-ACÁ. — *Gay, Hom. Mell., Camargo e W. e Men.* assim registram o nome da serra de Iguariacá.

IGORAYASSÁ. — Assim *Vel. Silv.*, registra a mesma serra.

IGROYOÇA. — Assim o conego *Gay* escreveu o nome do rio Iguariacá.

IGUAÇÚ — c. *y-guaçú*, rio grande. Está assim registrado o nome do actual rio Jacuhy, no *Mappa das Côrtes*.

IGUAQUÁ — c. *y-gua-qûa*, rio do buraco da enseada. Arroio, affluente da margem esquerda do Jaguary que é tributario directo do Ibiuhy.

IGUARACAHY. — Assim está registrado o nome do rio Ibirocay, na concessão de sesmaria feita á Sebastião José Rodrigues Coelho, em 1814.

IGUARARAPE. — Vide *Itapuan*.

IGUARIAÇÁ — corr. *y-quari-icá*, rio do tronco torto; pode ser também corr. *igara-y-açú*, o rio da canoa grande.

O rio Iguariacá nasce na serra do mesmo nome, no município de S. Borja e corre para NO. até sua barra no Camaquam, proxima ao Passo Novo, depois de um percurso de 66 Klms., segundo *Coi. e Nie.; Rat. e B. P. e Selbach*, dão-lhe 60 Klms.; *DOP*, 56 e *Min. Via*, apenas 37.

As divergências não existem sómente sobre seu curso, ellas são maiores ainda e mais esquesitas a cerca de seu nome. *DAS*, escreveu *Ibohryaiacá*; *Coi. e Nie., H. Ribeiro, Ibuirajacá*, assim

tambem se lê no Atlas de *Lomelino*; *Gay* deu-lhe a denominação — Igroyoça; no mappa do *Min. Via.*, está escripto *Ibuirajaca*, copiaram *Coi.* e *Nie*, esquecendo, porém, a cedilha do *c.* O mesmo aconteceu com o mappa que acompanha as *Missões Orientaes* de *Vel. Silv.* Na 1.^a edição do mappa da Livraria *Selbach*, está escripto *Guayraca* e na 2.^a a apparecer brevemente estava *Igariacá*. Na ligeira corrigenda que fizemos nesse mappa, a pedido dos editores, propuzemos a graphia que acima registramos, não só por ser a officialmente adoptada mas tambem porque é a usada pelo povo.

Com o nome de *Iguariacá* existem, no referido municipio de S. Borja, um passo sobre aquelle rio, um districto, o segundo, e uma serra, em cujo vertice está um signal provisório de 10 metros de altura plantado pela *C. C. G. B.* na campanha de 1914—1915. D'ahi se vê Cerro Chato, Cerro Grande e S. Gabriel.

IGUAY — alt. de *gua-y*, rio da enseada ou bahia.

Assim figura no *Primeiro Mappa do Paraguay* e nos dois de *D'Anville*, o trecho do actual rio Jacuhy, comprehendido entre a foz do Taquary (então Tibiquary) e a do Vaccacahy.

IGUAYBA. — Assim está escripto o nome do Guahyba, no *Diario de Rois. Cunha*.

IGUY. — Assim o brigadeiro Alvear graphou o nome do rio Ijuhy, em seu relatório geographico e historico, inserto na *Collecion Angelis*.

IJOHA — corr. *y-júa*, arroio do fructo de espinho. Nome de um dos tributarios da margem direita do Cahy. Corre para S. em um percurso de cerca de 29 Klms., segundo *W. e Men.*, *DOP.*, dá-lhe cerca de 23 Klms.

IJUHY — c. *y-juy*, rio da rã grande. *Alf. Carr.* pensa que é corr. *chuchui-y*, rio dos pintasilgos.

Importante municipio situado na região Serrana, a NO. do Estado e cuja séde é na villa do mesmo nome, fundada em 1890 e que assenta em uma eminencia de 500 metros sobre o nivel do mar, a 28° 18' 15" de Lat. S. e 10° 45' 00" de Long. O. Foi elevada á villa pelo decreto estadual n.º 1814 de 31 de janeiro de 1912, que creou o municipio, que teve origem em uma colonia fundada em 19 de outubro de 1890, em terrenos dos municipis de Cruz Alta e Santo Angelo. E' hoje um dos grandes centros commerciaes do Estado. Os limites são os seguintes, conforme o decreto acima referido: com o municipio de Cruz Alta a L. pelo Ijuhy desde a barra do lageado dos Barbosas até a do Rio Branco, que passa a marcar as divisas até encontrar a linha divisoria da colonia de seu nome com o nucleo Jesus e por essa linha até o lageado da Divisa e por este até se lançar no rio da Ponte, que passa a estabelecer a linha divisoria até receber o lageado que divide a invernoada do

Carvalho e os campos dos herdeiros de Alberto Noronha; por este lageado até suas nascentes no capão do Gerivá; d'ahi por uma linha secca á divisa das terras que foram de João Schorn e de José Vital de Ramos, nos mattos da margem direita do rio Conceição, e d'ahi, ao S., pela divisa dos campos com os mattos, até encontrar o rio Ijuhyzinho; com o municipio de Santo Angelo, a O., pelo ultimo rio citado até a foz do lageado dos Ferreiras, por esse lageado até encontrar a linha que divide as terras dos herdeiros de João Mosqueira e D. Maria Rosauro Ayres; pelas divisas dessas terras até encontrar as divisas das terras que foram do Dr. Venancio Ayres com as dos herdeiros de D. Maria Rosauro Ayres; por essas divisas até o Ijuhy Grande; por esse rio até a foz do Santo Antonio e por este até sair nos campos; d'ahi pela linha que divide os campos dos mattos da margem direita do Ijuhy Grande até encontrar as antigas divisas dos municipios de Santo Angelo e Palmeira; o arroio Fachinal, que marca os limites até a estrada de rodagem que liga as sédes dos dois ultimos municipios citados. Com a Palmeira, ao N., pela estrada referida até enfrentar a casa do finado Antonio Soares e d'ahi ás nascentes do arroio dos Barbosas, que passa a servir de limite até sua foz. Penetra no municipio um dos contrafortes da Cochilha Grande, com altitudes superiores a 500 metros. O valle, do rio Ijuhy que atravessa o municipio, quasi ao meio, é cavado entre elevações de 300 metros.

Os terrenos deste municipio são de formação triassica; a rocha nelles predominante é o diorito. Quanto á natureza suas terras são argillo-calcareo-humosas e em sua maioria cobertas por mattos. Ha pequena porção de campos de criar. A agricultura é a maior e a mais rendoza fonte de riqueza, graças á uberdade desse maravilhoso solo.

Hydrographia. O systema hydrographico do municipio pertence a bacia occidental do Estado ahi representada pelo Ijuhy, com os seguintes affluentes:

Na margem direita:

a) arroio *Barbosa*, nasce no municipio da Palmeira e corre para S. demarcando os limites, com Ijuhy até sua embocadura, recebendo pequenos affluentes na margem direita. Seu curso é de 30 Klms. aproximadamente. Fertiliza as terras situadas na linha 32.

b) *Arroio Grande*, rega a linha 28, corre para S. em um percurso de 12 Klms. E o Pirajá de *DOP*.

c) *Capoeira*, Vid. este nome.

d) *Mandaçaia*, com cerca de 7 Klms. de curso, correndo na mesma direcção do precedente, com um affluente que nasce em terrenos da linha 24, ao S. da estrada para Palmeira.

e) *Espiga*, com 3 Klms. de curso e um pequeno tributário na margem direita.

f) *Cachoeira*, nasce no município da Palmeira e penetra em seguida no de Ijuhy, rumo de SSO. até sua foz, recebendo diversos tributários em ambas as margens. Em seu curso, que é de cerca de 27 Klms., rega os terrenos da Secção da Ramada e os das linhas 24 a 16.

g) *Fachinal*, também conhecido por Bugiganga; nasce no município da Palmeira e corre para o S. em um percurso de cerca de 50 Klms., segundo a *Planta do Município de Ijuhy*. DOP. dá apenas 15 Klms. para seu curso.

h) *Esqueiro*, com 3 Kilometros de curso aproximadamente; rega a linha 10.

i) *Ranchinho*, correndo como os demais de N. para S. em um percurso de 9 Klms. Atravessa a estrada de rodagem que liga a linha 6 à sede do 3.º districto municipal.

j) *Galpões*, rega as linhas 4 e 6, e atravessa a estrada que parte da villa para o Alto Uruguay. Seu curso é de 14 Klms.

k) *Aterrado*, com 12 Klms. de curso, segundo DOP. Na *Planta do Município de Ijuhy*, figura com 3 Klms. apenas.

l) *Leão*, com 11 Klms. segundo DOP., na *Planta* cit. figura com cerca de 9½ Klms.

m) *Engenho*, com 4½ Klms.; DOP. calcula em 6.

n) *Santo Antonio*, que nasce nos campos de Santo Angelo, com 20 Klms. de curso, dos quaes 10 servem de limite entre Ijuhy e o município onde se origina.

Na margem esquerda:

a) *Lageado Rio Branco*, que marca um trecho dos limites com o município de Cruz Alta. Corre de S. para N.; seu curso é de 2 Klms.

b) *Salto*, corre para NNO., em um percurso de 14 Klms. recebendo, 6 affluentes pela margem esquerda.

c) *Nock*, nasce em terrenos da linha 10 e corre na direcção geral de NO., atravessando as linhas 8, 6, 4 e 2, em um percurso de 15 Klms. Recebe pela esquerda as aguas do Mauricio.

d) *Rio da Ponte*, corre na direcção geral de NO. em um percurso de 50 Klms., recebendo diversos affluentes. Entre os da margem direita se salienta o Monjolo, com 8 Klms., e entre os da esquerda, o Comprido, correndo de S. para N. com 8 Klms.; o do Moínho, correndo na mesma direcção do precedente, com 7 Klms. e que banha a villa; o do Espinho, com 12 Klms.; Maribondo e Candinho, com 4 e 5 Klms., respectivamente.

e) *Rio da Conceição*, que nasce no município de Cruz Alta e corre também para NO. em um percurso de 55 Klms. e tem como affluentes no município de Ijuhy, a margem

esquerda, entre outros, os arroios Forquilha, Bonito, Engenho e das Antas, todos nascem ao S. da via ferrea e tem em geral a mesma direcção da estrada de rodagem que liga a villa com a cidade de Cruz Alta, isto é: de N. para S. Na margem esquerda se salientam pelo volume d'aguas os arroios Leal, com 10 Klms. de curso; Pecegueiro com 8 Klms., tendo como affluente pela margem direita o Paulo Domingos; o dos Ayres, com 8½ Klms. e que banha a séde do 2.º districto.

f) Rio *Ijuhyzinho*, vide este nome. Entre seus tributarios no municipio em apreço conta o lageado do Tigre, com 8 Klms., e o Ferreira com 7, aproximadamente, e que marca em toda sua extensão os limites com Santo Angelo.

O municipio de Ijuhy que é dotado de clima saudavel, é parte integrante do Rio Grande do Sul, pertence á comarca de Cruz Alta; faz parte do 2.º Districto Eleitoral e pertence ao bispado de Santa Maria. Compõe-se de 3 districtos administrativos e judiciarios: 1.º Ijuhy, com 19 196 habitantes e 525 Klms.² de superficie, creado em 14 de janeiro de 1890; 2.º Cadeado, com 4719 al. e 425 Klms.², 3.º Linha 19, com 5595 al. e 474 Klms.², creados ambos em 11 de fevereiro de 1912.

O movimento do registro civil em 1922, foi o seguinte:

População em 31-12-922	Nascimentos	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialidade	Mortalidade
30 510	1 227	237	243	40,21	7,96	7,88

Sendo a area do municipio de 1424 Klms.² a densidade da população era em 1922 de 21,49 por Klm.²

Foi esta a população pecuaria do municipio calculada em 1922:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	28 600	2 802:000\$000
Equinos	12 500	1 000:000\$000
Muares	3 200	384:000\$000
Suínos	272 000	8 160:000\$000
Ovinos	3 000	45:000\$000
Caprinos	2 000	20:000\$000
Total	321 300	12 444:000\$000

Entre os diversos productos agricolas do municipio figuraram em 1923, milho, feijão, arroz, trigo, batata ingleza, respectivamente, com 54 400, 3800, 600, 2100 e 460 toneladas. Produz tambem em grande escala fumo e alfafa de optima qualidade.

No quadro da tributação territorial do Estado, em 1921, Ijuhy, figura entre os municipios do 6.º grupo, isto é: entre os que têm area de 100 000 a 200 000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em Hectares	Valor venal	Valor medio
4 623	175 795	19 413:600\$	110\$433

A receita e despesa do municipio no referido anno de 1921, foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despesa		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extra-ordinaria		Ordinaria	Extra-ordinaria		
107:741\$	197:934\$	31:639\$	337:314\$	122:932\$	85:826\$	211:758\$	125:556\$

Vias de comunicação. Os rios que banham o municipio não são ahi navegaveis, a não ser por pequenas embarcações. O municipio é atravessado pelo ramal ferreo de Cruz Alta a Santo Angelo, tendo ahi as estações Fachinal e Ijuhy. Diversas estradas de rodagem cortam-no em varias direcções; todas essas estradas estão em excellente estado de conservação, conforme vimos, na recente excursão que por ali fizemos. Entre outras devem ser mencionadas as que ligam a séde: ao Alto Uruguay; á Palmeira; á Santo Angelo; á Cruz Alta.

O numero de predios existente na villa em 1920 era de 400, que em 1921 se elevou para 417 e em 1922 para 423, sendo 241 de material e 182 de madeira.

A estação do telegrapho em Ijuhy, que é de 4.ª classe e possui um apparelho „Morse“, pertence ao 19.º districto telegraphico. Em 1921 transmittiu 3 928 telegrammas com 53 537 palavras e recebeu 4823, com 75 822 palavras. A receita foi de 13:285\$715 e a despesa de 8:019\$600.

Em 1923 contava o municipio 61 estabelecimentos de ensino, sendo 1 collegio elementar, 2 escolas isoladas, 1 subvencionada pelo governo federal, 19 pelo governo estadual e 33 pelo municipio, e 5 escolas particulares.

Eis um quadro da instrucção ahi ministrada:

População do municipio	População escolar	Alunos matriculados	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alunos matriculados por 1000 hab.	Alunos matriculados para 1000 em idade escolar	Alunos matriculados em relação a area do municipio
30 510	6 468	4 464	211,99	146,31	690,1	3,13

Sobre a imprensa do municipio a noticia mais antiga que temos é do jornal *Die Serra-Post*, publicado em allemão, e fundado em 1911. Dois annos depois, isto é, em 1913, ali appareceu o *Ijuhyense* e em 1917, o *Correio Serrano*, ambos semanaes. O primeeiro citado é bi-semanal. O de maior circulação é o *Ijuhyense*.

IJUHY-GUASSÚ — c. *y-juy-guacú*, o grande rio das rãs grandes, ou o grande rio dos pintasilgos.

Esse importante rio nasce com o nome de Palmeira na latitude de 29° 2' 47" 6 sul e na longitude de 10.° 46' 30" á oeste do meridiano do Rio de Janeiro, e desagua no Uruguay aos 27° e 55' de latitude S., segundo *Camargo*. O mappa de *Cunha Lopes* e o do *Mne. Via.* dão tambem esa situação; no da *DOP.*, porém, sua foz está a 28°, 2' de latitude S.

Desce da Cochilha das Quinas (prolongamento da Cochilha Grande) e corre na direcção geral de O. até se lançar no Uruguay, depois de atravessar os municipios de Ijuhy, Santo Angelo e S. Luiz. Sua largura na barra é de 440 metros; seu leito tem muitos baixios e é encachoeirado. Seu curso é de 235 Klms., segundo *DOP.* e *Cunha Lopes*; *Min. Via.*, dá-lhe 225 Klms.; *W. e Men.*, 210; *Selbach*, 220 e *Rat. e B. P.*, cerca de 200.

Tem 50 tributarios directos. Na margem direita os mais importantes são, os arroios Pirajá, Cachoeira, Fachinal, Galpões, Leão, Santo Antonio, Santa Thereza, Santa Barbara, São João, Burity, Arroio Grande, Caçador, Pobre, Portão, Albino, Angelo, Palmeira, Sobrado, Ponteiro e Saltinho e pela margem esquerda: arroio Fiuza, rio da Ponte, arroio Conceição, rio Ijuhy-Mirim, arroios: Biguá Pecegueiro, Engenho, Urubúcarú e Pulador.

O nome do Ijuhy foi escripto de diversos modos pelos seguintes autores: Mappa da Comarca de Palmas — *Ijuí*; Lozano — *Iyui*; Alvear — *Iguy*; L'Isle — *Iuvi*; D'Anville — *Iguy*; Primeiro Mappa do Paraguay — *Iüui*; Mappa da Demarcação feita em 1759 e 1760, Mappa Argentino de 1865, Cabrer e Chagas Santos — *Yjuy*; S. Leopoldo — *Yjuhy*; Mappa de los confines de las dos Coronas de España y Portugal — *Yui*; Olmedilla e Azara — *Yyuy*; Silv. Pei. e Nieremberg — *Yuy*; Charlevoix — *Yyvi*; Techo — *Livi*; Milau — *Juy*.

IJUHY-MIRIM — c. *y-juy-mirim*, riozinho ou arroio da rã grande.

Este rio nasce na Cochilha Grande e corre na direcção geral de NO. até se lançar no Ijuhy Guassú, depois de um curso de 113 Klms., segundo *DOP.* *Cunha Lopes*, dá-lhe 110, *Rat. e B. P.* 80 e *Min. Via.*, 70.

IJUHYSINHO. — Palavra hybrida c. *y-juy* (tupi) e *zinho* (suf. diminutivo portuguez).

Oct. Far. dá essa denominação a um dos tributarios do Ijuhy, no municipio de S. Luiz. E o *C. Engenharia*, assim denomina o arroio Conceição.

IMANDOIN — corr. *inhambuï*, perdiz pequena, codorna. Pode ser tambem corr. *amendoim* que o é, por sua vez de *mandubi*, o pacote estimavel.

Era por aquella denominação conhecida em 1815 um logar no actual municipio de Quarahy, conforme se vê da concessão de sesmaria feita pelo Marquez de Alegrete a Manoel Rodrigues da Rosa.

IMARUHY — c. *i-maruhy*, mosquito pousado. Primeira denominação local dada á Serra do Mar ao penetrar no territorio riograndense.

IMBAHÁ — corr. *emba-a* cabeça ou semente ôca. Arroio no municipio de Uruguayana. Nasce na Cochilha de Santa Anna; corre para NO. e depois de um percurso de 20 Kms. se lança no Uruguay.

Mor. Pinto, escreveu Imbajá.

IMBAHE — corr. *y-mbâe*, o riacho dos negocios. Sanga tributaria do Santa Maria. Limita os municipios de S. Gabriel e Rosario. E' por alguns autores confundida com o *Itambé*. Vide este nome.

IMBÉ — corr. *y-embé*, a praia, a margem do rio. Nome de uma trepadeira vulgar.

Banhado tributario da lagôa Tramandahy, no municipio de Conceição do Arroio.

IMBOY — c. *y-mboy*, arroio da cobra. Banhado no municipio de S. Gabriel.

IMBRAJATUBA — corr. *Yembó-ya-tyba*, arroio onde ha muitas fructas (*yembo*=filete d'agua, arroio + *ya*=fructo + *tyba*, suffixo que exprime abundancia).

Arroio tributario da margem direita do Vaccacahy. Serve de divisa entre os municipios de S. Sepé e S. Gabriel, desde sua nascente na lagôa das Tres Aguas, até sua barra. E' o actual *Cambahy*, vid. este nome.

Camargo escreveu Imbrajatura; *DAS.* e *Mor. Pinto* — Imbrajetuba e *Cunha Lopes* — Imbrajutuana.

IMBUTIAY-GUAÇÚ — corr. *ybytu-y-guaçú*, rio grande do vento.

Foi assim denominado pelos demarcadores de 1750, o actual rio Santa Rosa, tributario do Uruguay, e que era antes conhecido por Ñucora, como se vê: do *Segundo Mappa do Paraguay*, da edição allemã, dos dois mappas de *D'Anville* e do terceiro do Paraguay. *Lozano* tambem assim o registrou.